OS MELHORES DE 87, NA VOTAÇÃO DA CRÍTICA

Nº 31
Fevereiro 88

BIZZ

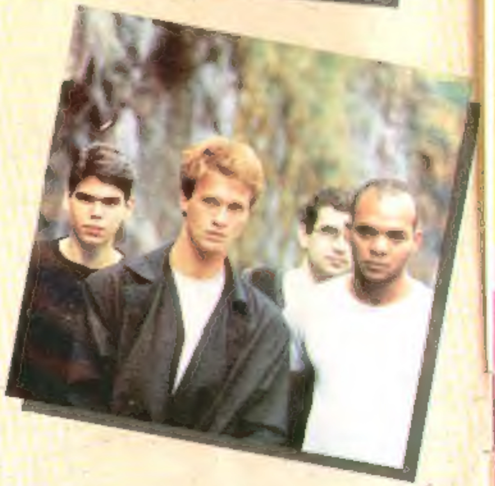
MARINA
TESÃO BASTA ?

JESUS & MARY CHAIN
A SEGUNDA VINDA

LEGIÃO, RPM, TITÃS, PARALAMAS, IRA!, CAPITAL E PLEBE DEBATEM

O FUTURO DO ROCK BRASIL

Leve toda essa emoção para casa!



em discos e fitas

EMI-ODEON

1913-1988

75 ANOS

A festa continua!

FEVEREIRO 88

BIZZ

À esquerda, a capa da BIZZ 31.
À direita... a capa da BIZZ 31!?

Da euforia à recessão, o rock brasileiro passou, entre 85 e 87, por um período de amadurecimento forçado. Vivemos agora um momento contraditório: se o rock já não é visto como um negócio-da-China — e a perda de espaço nas FMs é o sintoma mais evidente —, talvez nunca antes tantas bandas tenham feito tanto com tão poucos recursos... Aliás, *rock*, por definição, é isso mesmo! Vale a pena notar, na votação dos **Melhores do Ano**, (segundo a crítica), a variedade e a qualidade dos indicados. Mas e daqui, para onde vamos? Como fica esse oásis de criatividade no império da mesquinharia, pátria amada, idolatrada, salve salve?! Convidamos os representantes dos Titãs, RPM, Legião Urbana, Ratos de Porão, Engenheiros do Hawaii, Capital Inicial, Plebe Rude, Mercenárias e Máfia para arriscarem seus palpites e discutirem suas estratégias, em um debate sobre o **Futuro do Rock Brasil** que reproduzimos no caderno central desta edição da BIZZ.

"Brasileiras" ou "inglesas", populares ou sofisticadas, óbvias ou inovadoras: todo mês há briga na redação, na hora de escolher a capa da revista. Desta vez era **Marina** contra **Jesus & Mary Chain**, no momento em que tanto a moça quanto os escoceses redefinem seus trabalhos e fazem um balanço de suas carreiras, em entrevistas exclusivas. E eis que, na dúvida, deu-nos na telha de fazer não uma ou outra capa, mas *as duas*! Ficamos assim: em São Paulo e todos os outros estados do Brasil, fora Rio, a sensual diva da MPB adorna a fachada da BIZZ. Para os cariocas em particular, fluminenses em geral e para os assinantes da revista, é Jesus quem desce à Terra...

No mais: uma sensacional entrevista com **Mark Smith**, líder do **Fall** — banda inglesa das mais respeitáveis, e destaque na votação da crítica —, feita ao telefone por **Thomas Pappon**; um balanço das ondas da **Surf Culture**, ontem e hoje, por **Marcel Plasse** e **Pepe Escobar**; e a ficha completa da revelação internacional de 1987, o polêmico **Terence Trent D'Arby**, levantada entre Milão e Londres por Pepe.

Alex Antunes

3 **ÍNDICE**
Você está aqui...

6 **SHOWBIZZ**
[illegible]

14 **PARADA**
[illegible]

18 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno

26 **VÍDEO**
Eddie Murphy e os principais lançamentos

28 **JESUS & MARY CHAIN**
[illegible]

32 **MARINA**
Nas ondas da sereia da MPB

36 **MELHORES DE 87**
O resultado da crítica

47 **O FUTURO DO ROCK BRASIL**
Os roqueiros debatem com BIZZ os novos rumos

55 **JÚLIO RENY & EXPRESSO ORIENTE**
Pop sem firulas

56 **THE FALL**
[illegible]

60 **TERENCE TRENT D'ARBY**
O auto-proclamado gênio do pop

64 **METAL BRASILEIRO**
Os heavies verde-amarelos

66 **[illegible]**
[illegible]

68 **AO VIVO ESPECIAL**
Hollywood Rock, Tina Turner, Manu Dibango, Buckwheat Zydeco & Los Lobos, Aztec Camera, Tabu Ley & Langa Langa Stars, Patife, Replacements, Squeeze, Tom Jobim, Fellini e Pat Metheny

82 **SURF ESPECIAL**
Na crista da onda: *surf culture*, ontem e hoje

88 **EM CARTAZ**
Os Garotos Perdidos, Esperança e Glória, Tocaia e Roxanne

90 **CLIP**
"It's the End of the World as We Know It (And I Feel Fine)", R.E.M.

92 **MEU INSTRUMENTO**
O guitarrista auto-didata Pepeu Gomes

93 **LETRAS**
"Limbo", Bryan Ferry

94 **AIR MAIL**
[illegible]

96 **DISCOTECA BÁSICA**
Truth, de Jeff Beck

[illegible] **CARTAS E SERVIÇOS**
"I Started Something I Couldn't Finish", The Smiths

CRÍTICA E PÚBLICO ELEGEM

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro -- Segunda-feira, 11 de janeiro de 1988

Os dentes afiados dos Titãs

Os Titãs mostraram os dentes num festival que não teve banguelas — impedidos de entrar pelo preço de mil cruzadinhos por ingresso. Pela média das cotações dadas pelos analistas reunidos no júri do JB, o octeto brasileiro fez um show muito próximo da perfeição: apenas um décimo o separou da nota máxima, 4, que caracteriza uma apresentação como excepcional. Pena que vista pelo menor público do festival.

E se se pode queixar da baixa média de público, a qualidade dos shows percorreu a trilha inversa. Nenhum deles foi considerado abaixo de regular. Entre muito bom e excepcional ficaram, além dos Titãs, o Simply Red, o UB40 e mais um grupo brasileiro, os Paralamas do Sucesso. Entre bom e muito bom, Pretenders, um exótico empate entre Lulu Santos e Duran Duran e o escracho do Ultraje a Rigor. E descendo de bom a regular, Ira! Simple Minds, Supertramp e Marina, os dois últimos disputando a discutível honraria de fazer o show menos cotado. Pela linguagem fria dos números, fica claro que as melhores noites foram as duas primeiras, e a pior, a última — curiosamente, a única que lotou a Apoteose. Mas como já disse alguém, se a voz do povo é a voz de Deus, alguma coisa deve andar muito errada lá por cima.

	Antônio C. Miguel (Jornal da Tarde)	Arthur Dapieve (JB)	Dada Feijó (Roll)	Fernando Naporano (Bizz/Estadão)	Jamari França (JB)	Marcos Smirkoff (Folha de SP)	Luiz C. Mansur (JB)	Manolo Gallinetas (Roll)	Paulo Adario (JB)	Tárik de Souza (JB)
Ira!	★★	★	★★	★★★	★★	★	★★	★		
Titãs	★★ ★★	★★ ★★	★★ ★★	★★ ★★	★★ ★★	★★★	★★ ★★	★★ ★★	★★ ★★	★★ ★★
Pretenders	★★★	★★★	★★	★★ ★★	★	★★ ★★	★★★	★★★	★★	★★
Paralamas	★★★	★★★	★★ ★★	★★★	★★★	★★ ★★	★★ ★★	★★★	★★	★★★
UB40	★★ ★★	★★★	★★ ★★	★★ ★★	★★★	★★ ★★	★★ ★★	★★ ★★	★★★	★★★
Simple Minds	★★	★	★★ ★★	★	★	★	★	★★★	★	★
Ultraje a Rigor	★	★★	★★★	★★	★★	★★	★★★	★★		★★
Simply Red	★★ ★★	★★ ★★	★★ ★★	★★ ★★	★★★	★★ ★★	★★ ★★	★★★		★★ ★★
Duran Duran	★★★	★★	★★★	★★ ★★	•	★★ ★★	★★★	★★ ★★	•	★★
Lulu Santos	★★★	★★★	★★★		★★	★★★	★★★	★		★★
Supertramp	•	★★★	★★	★	★		★	★★	★	★★

Cotações: • ruim ★ regular ★★ bom ★★★ muito bom ★★★★ excepciona

SHOW MÉDIA

Titãs............3,9
Simply Red............3,77
UB 40............3,6
Paralamas............3,2
Pretenders............2,7
Duran Duran............2,5
Lulu Santos............2,5
Ultraje a Rigor............2,11
Ira!............1,75
Simple Minds............1,6
Supertramp............1,44
Marina............1,3

TITÃS

O MELHOR DO ROCK

Marco Antonio Teixeira/Gilson Barreto

A VOLTA DO FANTASMA

Milla Medvhy Ami

Ray Parker Jr., que em 85 papou um Oscar pelo tema de Ghostbusters

Quem apareceu aqui nos primeiros dias de dezembro foi o cantor, compositor e guitarrista **Ray Parker Jr.** — lembram-se da música-tema de *Ghostbusters*? Em meio ao blá-blá-blá costumeiro sobre o novo disco, *After Dark* — "essencialmente romântico" —, e as inevitáveis considerações sobre a mulher brasileira, Ray Parker falou à BIZZ sobre seus trabalhos ao lado de Stevie Wonder, Barry White e Marvin Gaye — "nunca haverá outro como ele" — com os quais gravou como guitarrista. Sobre a nossa música, Ray disse conhecer "muita coisa", mas não citou nomes — a não ser o do conjunto **Placa Luminosa**, com o qual ensaiara há poucos dias. O cantor prometeu ainda voltar com sua banda para uma turnê em 88 — deixando de lado o playback que o acompanhou no show de aniversário da Jovem Pan II. Quanto às suas preferências musicais, Ray Parker Jr. não deixou dúvidas. "Eu sou o meu maior ídolo." Modéstia à parte...

Los Angeles Time

Procurado, vivo ou morto: o perigoso irmão Bono Dalton

OUÇA ESSA I

"Supertramp? É a banda predileta do meu pai."

Jim Kerr, dos Simple Minds, sobre seus "colegas" no Hollywood Rock

OS IRMÃOS DALTON

Aconteceu no final da gigantesca turnê americana do **U2,** no Los Angeles Memorial Coliseum — aquele estádio onde se realizaram as Olimpíadas de 84, com capacidade para cem mil pessoas. Arquibancadas, pistas e gramado lotados na noite de 18 de novembro, os fãs angelenos em delírio aguardavam que os **Pretenders** com **Johnny Marr** na guitarra, subissem ao palco. Eis que surge um *road manager* em cena e anuncia, como "número extra", uns tais de **Dalton Brothers,** banda "country & western veterana vinda lá de Galvestone, Texas". Vaias, assobios, resmungos, mas os Dalton Brothers entraram em cena dizendo: "Vocês são lindos, o rock'n'roll é lindo", com um sotaque terrivelmente digno de Dallas. E de botas, cabeleiras, bigodes, chapéus de cowboy, violões e banjos, os quatro irmãos Dalton — ou melhor, três irmãos e uma irmã, de imensos cachos louros à la Dolly Parton, minissaia de couro, colete e botas franjadas — interpretaram "Lucille" e "The Lost Cowboy", dois clássicos country do mestre Hank Williams. Alguns olhos-de-lince da primeira fila, contudo, perceberam tudo e, no fim do show, os DJs da rádio de rock KROQ FM, que transmitia do estádio, confirmaram a brincadeira: os "Dalton Brothers" eram mesmo **Bono, The Edge, Larry Mullen** e **Adam Clayton** — este assumindo o papel da "irmã Dalton", com cachinhos e pernas de fora. O U2 passou a turnê toda ensaiando essa brincadeira, um presente especial para a cidade onde, pela primeira vez nos EUA, eles fizeram sucesso, há uns bons quatro anos.

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

NOVIDADES NO VINIL I

Pressbol LFI

Joni Mitchell: na onda dos duetos

O novo LP de **Joni Mitchell,** *Chalk Marks in a Rainstorm*, está repleto de duetos vocais. Cantam com Joni, em faixas separadas, Billy Idol (!), Willie Nelson, Peter Gabriel, Wendy & Lisa (ex-Revolution), Thomas Dolby, Ben Orr (cantor/baixista dos Cars) e Don Henley (ex-Eagles). Wayne Shorter toca sax numa outra.

David Burne, Ryuichi Sakamoto e **Cong Su** são os autores da trilha sonora de *O Último Imperador*, filme de Bernardo Bertolucci, ainda inédito no Brasil. A trilha será lançada no Brasil em abril (promessa da RCA).

Os grandes sucessos (!) do grupo humorístico inglês **Monty Python** estão no recém-lançado (lá fora) *The Final Rip Off*.

Enfim, o novo LP de **Jimmy Cliff.** É o *Hangin' Fire* (deve sair por aqui logo mais, pela CBS).

OUÇA ESSA II

"Eu soube que, na semana passada, a minha canção — 'They Dance Alone (Gueca Solo)' — foi proibida no Chile. Isso significa, de uma certa maneira, que ela foi muito bem-sucedida. Eu mandei o disco de presente ao general Pinochet em seu aniversário e estou muito triste porque ele o mandou de volta."

Sting, na coletiva da Anistia Internacional em São Paulo

George Dubosel LFI

Kid Creole: o "jovem" Cab Calloway...

ROCK'N'CINE

Será filmada a vida de **Cab Calloway,** cantor de grande bossa e balanço que fez muito sucesso na década de 40 com "Minnie the Moocher" (que ele canta no filme *Os Irmãos Cara-de-Pau*, de John Landis). O roteiro é baseado na autobiografia *Minnie the Moocher and Me*, e o próprio Calloway escolheu os atores principais: **Kid Creole** fará o jovem Calloway e **Lionel Richie** (!!), o velho. (Meu Deus, não seria o contrário?!?!)

Dennis Quaid, agora um megastar de Hollywood (o astro de *Viagem Insólita*), será **Jerry Lee Lewis** no filme *Great Balls of Fire*.

Chris D (Divine Horsemen), **John Doe** (X) e **Dave Alvin** (ex-Blasters, ex-X) e integrantes do Green on Red estão no filme *Border Radio*. Infelizmente, a única informação adicional é que a fita foi dirigida por três fãs inspirados e profundamente influenciados pelo filme *Paris, Texas*, de Wim Wenders.

CURTAS E GROSSAS I

Mike Putland LFI

Saudades: Ian Hunter e Mick Ronson, em abril de 75

Morrissey, Bryan Ferry, Noddy Holder (cantor do **Slade**), **Queen, Status Quo** e **Big Audio Dynamite** estão num vídeo documentário/tributo para **Ian Hunter,** o líder do extinto **Mott the Hoople.** Morrissey foi sócio do fã-clube oficial do Mott. ● O papa **João Paulo II** vai recitar uma letra — em cinco línguas — escrita e musicada pelo roqueiro francês **Plastic Bertrand (!?!)** As vendas do single reverterão em obras assistenciais do Vaticano. ● Chegou a versão cassete dos Compact Discs. É o *digital audio tape* (DAT), que é reproduzido digitalmente com a mesma clareza dos CDs, num aparelho especial. Há uma certa controvérsia sobre essa "clareza", mas os lançamentos começam a surgir. Na Inglaterra, o primeiro foi o *The Guitar and Other Machines*, último trabalho — também lançado em LP e CD — do **Durutti Column,** lançado pela Factory.

STRUMMER NEWS

Joe Strummer, cantor/guitarrista/líder do saudoso **Clash,** se juntou aos **Pogues** para a turnê destes pelos EUA, no início do ano. Ele entrou substituindo **Phil Chevron,** que está se recuperando de uma estafa. E Strummer já terminou a trilha sonora de **Walker,** novo película de **Alex Cox** (*Repo Man, Sid & Nancy, Straight to Hell*), rodada na Nicarágua.

Charrua Silva

Joe Strummer: do punk ao folk dos Pogues...

EXPORTAR É O QUE IMPORTA

Boas notícias vindas de Lawrence Brennan, da **Stiletto.** Quando nos visitou aqui na redação, já estava saindo o terceiro pacote de independentes ingleses pela gravadora Estúdio Eldorado (a essa altura já está chegando às lojas). São dois LPs: *If You Want to Defeat Your Enemy Sing His Song*, do **Icicle Works** (lançado na Inglaterra pela Beggars Banquet), e *Night Time Shadows* do **Kalima** (Factory). E mais: a Stiletto montou um selo para lançar música brasileira na Europa e no Japão. Chama-se **Rio,** e os três lançamentos de estréia são do catálogo da gravadora Som da Gente: *Lagoa da Canoa (município de Arapiraca)*,e *Brasil Universo* de **Hermeto Paschoal** e o LP homônimo do **Cama de Gato.** Estão programados o LP *Instrumental*, de Almir Sater, e dois da Wop Bop Discos: *Tabapora*, de May East, e o EP do Harry. As capas dos lançamentos estão sendo criadas e impressas na Inglaterra, enquanto os vinis são prensados na Alemanha. Boa sorte, Rio!

NOVIDADES NO VINIL II

Prince: depois de Sign O' the Times *(grande destaque de 87), mais uma surpresa*

A Warner Brothers mal pode esperar — apesar de já ter adiado várias vezes a data de lançamento — para pôr nas lojas e trabalhar o *Black Album*, a resposta de **Prince** ao álbum branco dos Beatles. O LP — sem qualquer crédito na capa, totalmente negra — une material inédito gravado antes e durante as sessões de *Sign O' the Times* e, segundo informações "arrancadas a fórceps" pelos nossos correspondentes em Los Angeles, "marca a volta de sua majestade púrpura às raízes, à sacanagem sombria e despudorada que deu ao mundo gemas como 'Head' e 'Uptown'".

Palace of Swords Reverse é a primeira de uma série de coletâneas do **Fall** programadas para este ano. O LP compila raridades, compactos e mixagens inéditas de coisas que dificilmente podem ser achadas dada à prolificidade do grupo em vários selos independentes, principalmente no passado. A coletânea é um lançamento do selo Cog Sinister — do grupo —, com distribuição da Rough Trade.

Saiu o novo LP do **Test Department** (ver Porão de BIZZ 12), depois de dois anos de silêncio no vinil. Chama-se *A Good Night Out*, lançamento da Some Bizarre, com gravações feitas ao vivo e em estúdio.

OS FORA-DA-LEI

Jim Reid, cantor do *Jesus & Mary Chain*, passou uma noite na cadeia (e pagou dois mil dólares de fiança) em Toronto, Canadá. Ele foi detido, após um show, acusado de ferir alguns membros da platéia com o pedestal do microfone.

Segundo informações coletadas pelas revistas *NME* e *Melody Maker*, tudo não passou de uma reação natural do cantor diante das provocações de alguns elementos do público e da inoperância dos seguranças em remover os mesmos. Após o incidente, o grupo seguiu sua turnê pela América do Norte. Jim respondeu inquérito em dezembro.

Agnetha Faltskog e **Bjorn Ulvaeus,** dois ex-*ABBA*, estão sendo acusados de sonegação de impostos na Suécia. Eles devem o equivalente a mais de 600 mil libras (cerca de 100 milhões de cruzados) referentes ao imposto devido (e não declarado) de 85, e correm o risco de ir pra cadeia.

Para a nossa tristeza, tem gente que não aprende. A polícia andou à procura do veterano *funk master* **Sly Stone,** que devia uma grana de pensão ao seu filho e a sua ex-mulher. Quando os guardas o localizaram numa rua em Santa Mônica, Califórnia, encontraram cocaína no seu carro e, mais uma vez, ele foi preso (e solto após pagamento de dez mil dólares). Foi julgado em dezembro.

Sly Stone, mestre na fusão de rock e funk nos anos 60 e 70

"ALIVE AND KICKING"

Foi, acima de tudo, um espetáculo divertido: um jogo de futebol realizado no campo "soçaite" de Manoio Camero, presidente da RCA do Brasil, reunindo integrantes e técnicos de som e luz das bandas **UB 40, Pretenders, Simple Minds**, além de jornalistas e convidados. Uma verdadeira confraternização de nações... ou quase.

O primeiro jogo foi entre os ingleses do Pretenders e os escoceses do Simple Minds. Quem assistiu o jogo, notou que: 1) **Johnny Marr** joga futebol. Não chega a ser um craque, mas tem noção de domínio de bola e colocação em campo, embora lhe falte fôlego; 2) **Malcolm Foster**, como centroavante, é um excelente baixista... Resultado final: 2 a 1 para o *SM*.

A segunda peleja foi entre o *UB* 40 e um time brasileiro, formado na hora. Os quase dois metros do técnico de som e goleiro Steve Carpenter não foram suficientes. Placar final: 6 a 1 para as cores nativas.

A grande final foi entre o Brasil e Simple Minds. Viris e um tanto quanto inábeis, os escoceses esquentaram o clima quando Paul Kerr, irmão de Jim, deu uma entrada desleal no fotógrafo Maurício Valladares (colaborador de BIZZ), provocando uma rusga no gramado. Ânimos serenados, o jogo continuou e terminou em 3 a 2 para o Brasil FC. Inconformados, os *ubies* ainda pediram revanche, e apanharam de 6 a 2!

METAL BRASILEIRO EM ALTA

Max, guitarra base e vocal do Sepultura

A tribo heavy mostrou sua força ao comparecer em massa — e quebrar o recorde de público do Espaço Marambembe, em São Paulo (900 pessoas lá dentro e 200 querendo entrar a todo custo) — no show do grupo **Sepultura**, no dia 5 de janeiro.

Os garotos mineiros, cujas idades giram em torno de 18 anos, mostraram sua garra e o porquê do prestígio. Em meio ao agito todo, **Rui Mendes** fazia as fotos que servirão de ilustração para as duas páginas que a revista inglesa **Kerrang!** reserva para o Sepultura. É o *thrash* brasileiro chegando com tudo no exterior... Força, rapaziada!

O FIM DO METRÔ

Fim da linha: faltou apoio da CBS. Tava difícil afastar o estigma do "Beat Acelerado"

Apesar de o LP **A Mão de Mao** ter sido bem recebido pela crítica, a CBS abandonou-os à própria sorte. O resultado é que, sem divulgação e sem shows, eles voltaram para o circuito alternativo.

Não foi muito surpreendente quando o Metrô anunciou seu fim, num show em dezembro último no AeroAnta, em São Paulo. O baterista **Danny** explicou que "o Metrô acabou, mas nós vamos continuar tocando juntos. Agora, que fomos expulsos da CBS, vamos fazer uma coisa completamente diferente. Vamos tocar samba..." Danny conta ainda que eles gostariam de incluir novos membros, como um backing vocal, o trompetista Cláudio Faria — que tocou no LP — e o percussionista Carneiro, que tocou nesse último show da banda. E que **Mino Cinelu,** o percussionista que participou da excursão brasileira de Sting, foi a um ensaio do Metrô e fez uma jam session com o grupo e Carneiro. Boa sorte, Pedro, Alec, Zavie, Yann e Danny...

MARATONA DE ROCK

Dois bons momentos do Rota Maratona de 87: Vultos e Nossa Senhora Aparecida

Foi no dia 13 de dezembro, no Centro Cultural Vergueiro, em São Paulo. Durante sete horas um total de 14 bandas — representantes de várias tendências do atual underground paulistano — deram o seu recado no Rota Maratona 87, fechando a sequência de "Rotas" promovida pela Radioatividade durante todo o ano. No meio da geléia geral, destaque para o rockabilly dos Devotos de Nossa Senhora Aparecida, que, ao lado dos Vultos e dos Anjos de Vidro fez um dos melhores shows da Maratona. Mas o grande momento ficou mesmo por conta do Darwin de Tonho Penhasco — arrasando na guitarra —, que encerrou a noite com uma versão de "O 7 da Questão", de Itamar Assumpção. Participaram, ainda, as bandas Aurora 69, Coco Loco, Vôo Livre, Virgens Lagarto, Crânio Seco, Artigo 16, Diafeto, Comando Pente Fino, Intervenção e Proteus — punk, heavy, funk e pop numa mistura... nem sempre recomendável. É o primeiro Rota de 88 já tem data marcada: é o "Rota Rock, Funk e Reggae", que reúne os grupos Vultos, Comando Pente Fino e Tribo para um único show no dia 22 de fevereiro.

BONO, O PICHADOR

Nosso querido Bono correu o risco de ser processado pela prefeitura de São Francisco por "vandalismo". As autoridades locais quase não aceitaram suas desculpas por ter pichado "Parem o tráfego, rock'n'roll" numa fonte pública, na ocasião do show surpresa *Salvem os Yuppies*, promovido pelo U2 no final do ano passado. Vinte mil pessoas assistiram entusiasmadas o show, realizado ao ar livre com renda destinada às endividadas vítimas do crack da Bolsa de Nova York. A multa para quem picha estátuas e afins em Frisco é de 500 dólares, mas o interesse das autoridades é mesmo o de "ferir o orgulho, e não o bolso" dos infratores. A queixa acabou sendo retirada, já que a intenção era só levantar poeira e fazer propaganda política. Parece coisa do Jânio...

OS MELHORES DE 87, SEGUNDO A IMPRENSA ESTRANGEIRA

São várias as publicações musicais que promovem a escolha dos melhores LPs do ano. Levantamos algumas listas de revistas e jornais significativos, para que você veja quais e como foram apreciados os lançamentos de música pop pelos críticos de outras partes do mundo. Vejam só...

Tom Sheehan/ LFI

Sampler, voz e bateria: a novidade dos Young Gods

MELODY MAKER (Inglaterra)
1. *THE YOUNG GODS* / The Young Gods
2. *SIGN O' THE TIMES* / Prince
3. *YO BUM RUSH THE SHOW* / Public Enemy
4. *THE FAT SKIER* / Throwing Muses
5. *SONGS ABOUT FUCKING* / Big Black
6. *DARKLANDS* / Jesus & Mary Chain
7. *SUBSTANCE* / New Order
8. *KISS ME KISS ME KISS ME* / The Cure
9. *BIGGER AND DEFFER* / LL Cool J
10. *LOCUST ABORTION TECHNICIAN* / The Butthole Surfers

USA TODAY (EUA)
1. *TUNNEL OF LOVE* / Bruce Springsteen
2. *THE JOSHUA TREE* / U2
3. *SIGN O' THE TIMES* / Prince
4. *BAD* / Michael Jackson
5. *THE LONESOME JUBILEE* / John Cougar Mellencamp
6. *DOCUMENT* / R.E.M.
7. *WAREHOUSE* / Húsker Dü
8. *ROBBIE ROBERTSON* / Robbie Robertson
9. *ONE HEARTBEAT* / Smokey Robinson
10. *CHRIS ISAAK* / Chris Isaak

Columbia

Bruce: número um no jornal mais lido dos EUA

ROCKERILLA (Itália)
1. *THREE TIMES AND WAVING* / Breathless
2. *WAREHOUSE* / Húsker Dü
3. *HAPPY NIGHTMARE BABY* / Opal
4. *DANSE MACABRE* / Paul Roland
5. *SONIC FLOWER GROOVE* / Primal Scream
6. *INNER MARSHLAND* / The Bevis Frond
7. *DOCUMENT* / R.E.M.
8. *DARKLANDS* / Jesus & Mary Chain
9. *STRANGEWAYS, HERE WE COME* / Smiths
10. *BLOW YOUR COOL* / Hoodoo Gurus

THE FACE (Inglaterra)
1. *SIGN O' THE TIMES* / Prince
2. *PAID IN FULL* / Eric B & Rakim
3. *YO BUM RUSH THE SHOW* / Public Enemy
4. *STRANGEWAYS, HERE WE COME* / Smiths
5. *RARE* / Vários
6. *DIFFERENT DRUMMER* / Isley Jasper Isley
7. *PHILLY RAP CONNECTION* / Vários
8. *MADHOUSE 16* / Madhouse 16
9. *HEARSAY* / Alexander O'Neal
10. *IN DREAMS* / Roy Orbison

Gunnar Sigvi

Nick Cave: seu último LP só saiu nos EUA em 87

NME (Inglaterra)
1. *YO BUM RUSH THE SHOW* / Public Enemy
2. *SIGN O' THE TIMES* / Prince
3. *STRANGEWAYS, HERE WE COME* / Smiths
4. *SISTER* / Sonic Youth
5. *FRANK'S WILD YEARS* / Tom Waits
6. *THE JOSHUA TREE* / U2
7. *CRIMINAL MINDED* / Scott La Rock
8. *PAID IN FULL* / Eric B & Rakim
9. *THE PEOPLE WHO GRINNED THEMSELVES TO DEATH* / Housemartins
10. *ACTUALLY* / Pet Shop Boys

BEST (França)
1. *SIGN O' THE TIMES* / Prince
2. *YOU'RE UNDER ARREST* / Serge Gainsbourg
3. *SOLITUDE STANDING* / Suzanne Vega
4. *FRANK'S WILD YEARS* / Tom Waits
5. *POETIC CHAMPIONS COMPOSE* / Van Morrison
6. *THE JOSHUA TREE* / U2
7. *TUNNEL OF LOVE* / Bruce Springsteen
8. *MIRACLES* / Willy DeVille
9. *DARKLANDS* / Jesus & Mary Chain
10. *INTRODUCING THE HARDLINE ACCORDING TO...* / Terence Trent D'Arby

OPTION (EUA)
1. *YOUR FUNERAL... MY TRIAL* / Nick Cave & the Bad Seeds
2. *THE IDEAL COPY* / Wire
3. *SISTER* / Sonic Youth
4. *WALK THE PLANK* / Longshoremen
5. *ME NAME TIGER* / Tiger
6. *FRANK'S WILD YEARS* / Tom Waits
7. *IN ALL LANGUAGES* / Ornette Coleman
8. *SLEEP ARMED* / Kalahari Surfers
9. *TIME BOOM X DE DEVIL DEAD* / Lee Scratch Perry
10. *LIVE AT WINTERLAND* / Jimi Hendrix

OBRAS ILUSTRES

Psychotic Reactions and Carburetor Dung é uma coleção de alguns dos melhores textos do crítico **Lester Bangs**, morto aos 33 anos, em 82. É uma aula de crítica de rock e de literatura: se você escreve por ofício ou lê por interesse ou gosto, os textos de Bangs são o próprio rock em palavras: visceral, energético, desbocado, apaixonado e arrebatador. Só o trecho em que Lester explica a origem do punk já vale todo o livro, compilado por outro bamba da classe, Greil Marcus.

Por falar em críticos, foi lançado pela L&PM o primeiro romance de **Pepe Escobar**, o *Speedball*, já à venda em todas as livrarias.

STONES *ON THE ROAD*

Parece que finalmente a novela vai ter seu fim definitivo. **Mick Jagger**, segundo o jornal londrino *Star*, convenceu seus colegas **Keith Richards, Charlie Watts, Ron Wood e Bill Wyman** a partirem para mais uma excursão dos Rolling Stones. Ele só precisou dar alguns telefonemas: afinal é difícil recusar uma fatia da bolada que será paga ao grupo: um bilhão de dólares *(Jeeesus!)*. Os Stones deverão tocar nos EUA e Europa.

Sunshine Grieve/ Sipa Press

Stones: será que o último show deles vai ser aqui?

CURTAS E GROSSAS II

CBS

MJ: chegando aos trinta com cara de vinte

Michael Jackson vai fretar um Concorde para transportar as convivas para a festa de seu trigésimo aniversário, em agosto próximo, a ser realizada em Hong Kong. • **Paul McCartney** andou declarando à imprensa inglesa que está com intenções de gravar músicas de **John Lennon**. Ele pensa em gravar "Imagine", "Beautiful Boy" e "I'll Get You". • *Hurricane Irene* é o título do vídeo que será lançado para angariar fundos "para a criação de uma rede internacional de computadores que forneça informações durante desastres e tempos de guerra". Ele reúne apresentações de **Peter Gabriel, Nona Hendrix, Little Steven, Lou Reed, Jackson Browne** e outros, gravadas ao vivo num concerto de dois dias realizado em Tóquio, no Natal de 86.

NOVIDADES NO VINIL III

Gunnar Sigvi

Cohen: poeta, romancista e cantor

Se vocês tiverem conhecidos indo para a Inglaterra ou EUA, não vacilem: obriguem-nos a trazer o mini-LP *Rubber Legs*, com seis músicas gravadas em 74 — durante ensaios — por **Iggy Pop & the Stooges.** Esse tesouro foi recuperado pelo fã-clube dos Stooges.

Saiu, finalmente, o novo LP do menestrel canadense **Leonard Cohen.** Chama-se *I'm Your Man.*

Kevin Coyne também está vivo e lançou o LP *Stumbling on to Paradise*, pela gravadora alemã Line Records.

E, *surprise*, **Steve Nieve,** tecladista dos Attractions de Elvis Costello, lançou *Playboy*, seu primeiro LP solo.

OUÇA ESSA III

"Me parece que vocês andaram passando por um mau período por aí."

Mark E. Smith, do Fall, depois de saber quais grupos ingleses tocaram no Brasil em 87.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Jaime David Divulgação

Kafka (da esq.): Abraão, Renato M, Renato R e Paulo

A maioria dos estúdios continua às moscas neste mês de fevereiro — a ordem é rever as estratégias para enfrentar um 88 nada promissor. Entre as raras exceções, a WEA, que coloca em estúdio o cantor **Nico Rezende,** e a Polygram que prossegue com as gravações do novo LP de **Cazuza.** A Continental ataca de **Renato e Seus Blue Caps, Tarancón** e **Peninha.** Os independentes não fogem à regra: só mesmo a Baratos Afins, com **Kafka,** e a Wop Bop, com **Harry,** quebram o silêncio roqueiro.

Stamp

Ref. 330 Cor: Br
Ref. 312 Cor: Pr
Ref. 326 Cor: Pr
Ref. 332 Cor: Br
Ref. 327 Cor: Pr
Ref. 319 Cor: Pr
Ref. 310 Cor: Br
Ref. 316 Cor: Br
Ref. 323 Cor: Br
Ref. 245 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 329 Cor: Pr
Ref. 324 Cor: Br
Ref. 325 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 334 Cor: Pr
Ref. 320 Cor: Br-Pr
Ref. 331 Cor: Br
Ref. 321 Cor: Br
Ref. 226 Cor: Br
Ref. 318 Cor: Az
Ref. 241 Cor: Br
Ref. 243 Cor: Az-Vd-BR
Ref. 272 Cor: Br
Ref. 274 Cor: Br-Pr
Ref. 255 Cor: Pr
Ref. 284 Cor: Br
Ref. 201 Cor: Az-Vd-Vm
Ref. 214 Cor: Br
Ref. 205 Cor: Az-Vd
Ref. 236 Cor: Pr
Ref. 271 Cor: Pr
Ref. 242 Cor: Br-Pr
Ref. 223 Cor: Br
Ref. 249 Cor: Br
Ref. 266 Cor: Az-Pr-Vm
Ref. 322 Cor: Pr
Ref. 285 Cor: Br
Ref. 232 Cor: Az
Ref. 261 Cor: Br-Pr-Az-Vm
Ref. 253 Cor: Pr
Ref. 276 Cor: Br-Pr
Ref. 234 Cor: Br-Az
Ref. 228 Cor: Pr
Ref. 218 Cor: Pr
Ref. 294 Cor: Az
Ref. 293 Cor: Br
Ref. 292 Cor: Pr
Ref. 237 Cor: Pr
Ref. 313 Cor: Pr
Ref. 314 Cor: Pr
Ref. 315 Cor: Az
Ref. 317 Cor: Br
Ref. 217 Cor: Pr
Ref. 303 Cor: Pr
Ref. 304 Cor: Pr
Ref. 305 Cor: Br
Ref. 311 Cor: Pr
Ref. 328 Cor: Pr

Ref. 254 Cor: Br-Pr
Ref. 275 Cor: Br-Pr
Ref. 306 Cor: Pr
Ref. 256 Cor: Br-Pr
Ref. 236 Cor: Pr
Ref. 280 Cor: Br-Pr
Ref. 251 Cor: Pr
Ref. 309 Cor: Br
Ref. 267 Cor: Br-Pr
Ref. 301 Cor: Pr
Ref. 299 Cor: Br
Ref. 300 Cor: Br
Ref. 237 Cor: Az-Vd
Ref. 263 Cor: Br-Am.cl
Ref. 277 Cor: Br-Pr-Az
Ref. 297 Cor: Br-Am.cl
Ref. 269 Cor: Vd-Az
Ref. 230 Cor: Br
Ref. 239 Cor: Br
Ref. 250 Cor: Br-Pr
Ref. 260 Cor: Pr-Az-Vm
Ref. 287 Cor: Br-Pr
Ref. 258 Cor: Br-Pr
Ref. 302 Cor: Br
Ref. 262 Cor: Vm-Az
Ref. 308 Cor: Vd-Az-Pr
Ref. 295 Cor: Br
Ref. 296 Cor: Br
Ref. 279 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 257 Cor: Az-Pr
Ref. 307 Cor: Br
Ref. 222 Cor: Vd
Ref. 247 Cor: Br
Ref. 273 Cor: Pr
Ref. 264 Cor: Br-Am.cl
Ref. 206 Cor: Br-Vd-Az
Ref. 240 Cor: Br
Ref. 283 Cor: Vd
Ref. 233 Cor: Az
Ref. 288 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 259 Cor: Pr
Ref. 298 Cor: Br
Ref. 238 Cor: Br
Ref. 281 Cor: Az-Pr-Br
Ref. 289 Cor: Br
Ref. 290 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 291 Cor: Pr
Ref. 225 Cor: Br
Ref. 278 Cor: Br
Ref. 215 Cor: Az-Pr-Vd
Ref. 224 Cor: Br-Az-Vd
Ref. 286 Cor: Br

LANÇAMENTO

NOVA CAMISETA!

MALHA ESPECIAL

- Confecção exclusiva - Acabamento perfeito.
- Estampas impressas em Silk-Screen com tinta de alta qualidade e longa durabilidade.
- Modelagem grande.
- Malha com fio penteado e tratamento mercerizado - Não encolhe nem alarga.
- Tecido com tingimento reativo - Não desbota.
- 100% algodão.
- Tamanhos P, M ou G.

Preço: Cz$ 1.120,00 cada camiseta.

Preço válido até a próxima edição da revista BIZZ

ATENÇÃO

- Seu pedido será entregue na agência, do correio mais próxima de sua casa. Você receberá um aviso do correio para buscar sua encomenda, tendo 10 dias para retirá-la.
- Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL, você terá 10% de desconto (veja explicações abaixo) pagando apenas as despesas postais.
- Não é preciso enviar o cupom abaixo. Faça seu pedido em carta semelhante ao cupom. Não há limite de quantidade.
- Temos pronta entrega a preços especiais para revendedores.
- Preencha corretamente: ENDEREÇO, REFERÊNCIA, COR, TAMANHO e VALOR TOTAL DA ENCOMENDA.
- SÓ FAÇA O PEDIDO NA CERTEZA DE RETIRÁ-LO.

Este adesivo em papel laminado dentro de cada embalagem. Para vidro ou painel à sua escolha.

GRÁTIS Stamp

DESCONTO 10%

Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à STAMP, ganhe 10% de desconto no valor total de seu pedido (qualquer quantidade). Preencha o Cheque ou Vale Postal já com o desconto calculado. Para enviar Vale Postal, é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: AGÊNCIA PAGADORA: SHOPPING CENTER NORTE - CEP 02096 - CÓDIGO - 403369 - SÃO PAULO - SP - DESTINATÁRIO: STAMP. Coloque o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope escrevendo por fora o endereço da STAMP. (ver endereço no cupom ao lado).

TEL.: (011) 299-7478 **HORÁRIO: 2.ª a 6.ª das 8:00 às 17:30 hs.**

Estou enviando agora junto com este cupom, pagamento à vista em
☐ Cheque ☐ Vale Postal no valor de Cz$ _____
☐ Prefiro pagar ao recebê-lo(s), comprometendo-me a retirá-lo(s) na correio ao preço de Cz$ _____ mais despesas postais.

REF.	COR	TAM.	REF.	COR	TAM.

Nome _____
End. _____
Est. _____ Cidade _____ CEP _____

Envie este cupom ou cópia para STAMP, Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156 - CEP 02013 - Santana - São Paulo - SP

Reg Mendes/Arquivo

A estréia dos Titãs na Parada, já de cara no segundo lugar

Parada do Leitor (LPs)

1 (1) *The Joshua Tree* — **U2** (WEA)
2 (5) *Independência* — **Capital Inicial** (Polygram)
(N) *Jesus Não Tem Dentes ...* — **Titãs** (WEA)
4 (3) *Vida Bandida* — **Lobão** (RCA)
(9) *Echo & the Bunnymen* — **Echo & the Bunnymen** (WEA)
6 (4) *Nunca Fomos Tão Brasileiros* — **Plebe Rude** (EMI-ODEON)
(N) *A Revolta dos Dândis* — **Engenheiros do Hawaii** (Plug)
8 (11) *Brotherhood* — **New Order** (WEA)
9 (N) *...Nothing Like the Sun* — **Sting** (Polygram)
10 (8) *Closer* — **Joy Division** (Stiletto Eldorado)
(11) *The World Won't Listen* — **Smiths** (WEA)
12 (N) *A Momentary Lapse of Reason* — **Pink Floyd** (CBS)
13 (2) *Bad* — *Michael Jackson* (CBS)
(13) *Kiss Me...* — **Cure** (Polygram)
15 (R) *Scoundrel Days* — **A-ha** (WEA)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno a parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (2) *Dirty Dancing* — **Trilha Sonora** — **Varios** (RCA)
2 (3) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
3 (N) *Faith* — **George Michael** (Columbia)
4 (4) *A Momentary Lapse of Reason* — **Pink Floyd** (Columbia)
5 (5) *Whitesnake* — **Whitesnake** (Geffen)
6 (1) *Tunnel of Love* — **Bruce Springsteen** (Columbia)
7 (N) *...Nothing Like the Sun* — **Sting** (A&M)
8 (8) *The Lonesome Jubilee* — **John Cougar Mellencamp** (Mercury)
9 (N) *Tiffany* — **Tiffany** (MCA)
10 (6) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)

Compactos (EUA)

1 (N) "Faith" — **George Michael** (Columbia)
2 (5) "Heaven is a Place on Earth" — **Belinda Carlisle** (MCA)
3 (N) "Is this Love?" — **Whitesnake** (Geffen)
4 (N) "Shake Your Love" — **Debbie Gibson** (Atlantic)
6 (N) "So Emotional" — **Whitney Houston** (Arista)
7 (3) "The Time of My Life" — **Bill Medley & Jennifer Warnes** (RCA)
8 (10) "Should've Known Better" — **Richard Marx** (EMI-Manhattan)
9 (N) "Don't You Want Me" — **Jody Watley** (MCA)
10 (N) "Got My Mind Set on You" — **George Harrison** (Warner Bros.)
(N) "We'll Be Together" — **Sting** (A&M)

LPs (GB)

1 (N) *Whenever You Need Somebody* — **Rick Astley** (RCA)
2 (N) *Now Music 10* — **Varios** (Virgin)
3 (2) *Bridge of Spies* — **T'Pau** (Siren)
4 (7) *All the Best* — **Paul McCartney** (Parlophone)
5 (N) *The Hits Album 7* — **Varios** (CBS)
6 (5) *The Best of UB 40* — **UB 40** (Dep Int)
7 (6) *The Singles* — **Pretenders** (WEA)
8 (1) *Tango in the Night* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
9 (R) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
10 (4) *Faith* — **George Michael** (Epic)

Compactos (GB)

1 (2) "China in Your Hand" — **T'Pau** (Siren)
2 (N) "Letter from America" — **Proclaimers** (Chrysalis)
3 (N) "The Way You Make Me Feel" — **Michael Jackson** (Epic)
4 (N) "When I Fall in Love" — **Rick Astley** (RCA)
5 (N) "What do You Want to" — **Shakin Stevens** (Epic)
6 (4) "Got My Mind Set on You" — **George Harrison** (Dark Horse)
7 (N) "Always on My Mind" — **Pet Shop Boys** (EMI)
8 (N) "Criticize" — **Alexander O'Neal** (Tabu)
9 (6) "Never Can Say Goodbye" — **Communards** (London)
10 (N) "Once Upon a Long Ago" — **Paul McCartney** (EMI)

LPs Independentes (GB)

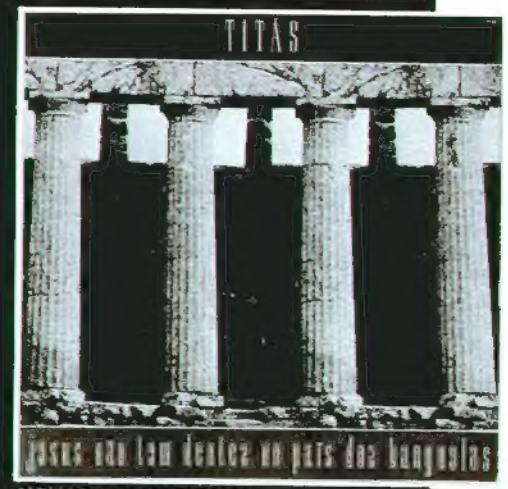
1 (1) *Strangeways, Here We Come* — **Smiths** (Rough Trade)
2 (N) *Out of Our Idiot* — **Elvis Costello** (Demon)
3 (2) *George Best* — **Wedding Present** (Reception)
4 (N) *Palace of Swords Reversed* — **Fall** (Cog Sinister)
5 (N) *Heaven's End* — **Loop** (Head)
6 (6) *The Circus* — **Erasure** (Mute)
7 (N) *No More Cocoons* — **Jello Biafra** (Alternative Tentacles)
8 (5) *Mother Juneo* — **Gun Club** (Red Rhino)
9 (N) *My Baby Just Cares for Me* — **Nina Simone** (Charly)
10 (N) *Ecstasy* — **My Bloody Valentine** (Charly)

Compactos Independentes (GB)

1 (1) "Birthday" — **Sugar Cubes** (One Little Indian)
2 (3) "I Started Something..." — **Smiths** (Rough Trade)
3 (N) "My Baby Just Cares for Me" — **Nina Simone** (Charly)
4 (N) "Downtown" — **Justified Ancients of Mu Mu** (Jams)
5 (N) "Last Night I Dreamt..." — **Smiths** (Rough Trade)
6 (N) "You're Gonna Cry" — **Flatmates** (Subway)
7 (N) "Touched by the Hand of God" — **New Order** (Factory)
8 (4) "Peel Sessions II" — **Joy Division** (Strange Fruit)
9 (N) "Open up" — **Red Lorry Yellow Lorry** (Situation Two)
10 (N) "Peel Sessions II" — **New Order** (Strange Fruit)

Fonte: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB) de 5 a 26.12.87. Para a Parada do Leitor, foram consideradas as cartas recebidas até 31.12.87.

TITÃS
BA DA BIZZ



MELHOR LP NACIONAL

KODAK EPR 6017

KODAK EPR 6017

Por dois anos consecutivos a crítica consagra os Titãs como:

1º lugar - Melhor Lp Nacional
1º lugar - Melhor Grupo Nacional
3º lugar - Melhor Música Nacional - "Comida"
2º lugar - Melhor Clip Nacional - "Lugar Nenhum"

wea

M·A·I·S U·M·A V·E·Z

OS MELHORES DO ANO ESTÃO NA BIZZ

Mais uma vez a crítica especializada e a Revista Bizz elegem os melhores do ano, consagrando agora aqueles que mais se destacaram em 87.
Mais uma vez a WEA agradece.

2º lugar - Melhor Lp Internacional
2º lugar - Melhor Grupo Internacional
2º lugar - Melhor Música Internacional - "Bizarre Love Triangle"
1º lugar - Melhor Capa Internacional

REVELAÇÃO INTERNACIONAL

1º lugar - Melhor Lp Internacional
2º lugar - Melhor Vocalista Internacional
1º lugar - Melhor Música Internacional - "Sign O' The Times"
7º lugar - Melhor Música Internacional - "Hot Thing"
1º lugar - Melhor Instrumentista Internacional
3º lugar - Melhor Capa Internacional
1º lugar - Melhor Clip Internacional - "Sign O' The Times"

E NA WEA TAMBÉM.

THE SOUTHERN DEATH CULT / DREAMTIME — The Cult (RCA)

Com quatro e três anos de atraso respectivamente, surgem no Brasil o embrião e o primeiro álbum do Cult, que certamente nunca seriam lançados aqui não fosse a vinda da banda para cá no mês que vem. E que possivelmente poderão decepcionar os atuais fãs da banda, dado que as texturas do passado estavam muito distantes das presentes fórmulas de reciclar clichês do heavy rock.

O Southern Death Cult, criado em 1981 pelo vocalista Ian Astbury, debutou em vinil com o single "Fat Man/Moya" em dezembro de 1982. Nem a imprensa nem o público deram a mínima. Sem pestanejar, durante as sessões do que seria seu primeiro LP, Ian abandonou Buzz, Barry e Aky, pondo fim ao SDC. De qualquer forma, esta relíquia foi lançada em 1983, contendo sobras de estúdio, o single mencionado e gravações ao vivo. Uma bela paulada, inocente e alucinada, infelizmente com uma produção rústica, repleta de falhas técnicas.

Com o término de sua primeira banda, Astbury reduziu o nome para Death Cult e lançou três compactos, sem maiores proporções.

Mas o persistente Ian não desistiu. Recrutou nova banda (inclusive o excelente guitarrista Bill Duffy, ex-Theatre of Hate) e simplificou o nome para The Cult. Depois de dois singles, lançaram *Dreamtime*, um trabalho maduro e inteligente. Finalizando a saga de liquidações, o Cult havia encontrado o que sempre lhe faltara: concisão. A nova cozinha imprimiu um ritmo preciso e pesado, até então desconhecido nas tentativas anteriores; a guitarra de Duffy aclimatava tanto as raízes do heavy rock dos 70's como as sombras da era lisérgica, enquanto os vocais de Ian stingiam tons mais dramáticos. Um álbum que, no geral, mostra um Cult mais original que em sua fase atual, que em breve será testada ao vivo.

Fernando Naporano

COLUMBIA JAZZ MASTERPIECES — Dez LPs com Charles Mingus, Thelonius Monk, Miles Davis, Billie Holiday, Duke Ellington e Louis Armstrong (CBS)

Trata-se do melhor pacote de jazz do ano passado, marcado por ótimos pacotes no gênero. Ele se destaca pela excelência do som remasterizado digitalmente, a seleção do repertório e o valor histórico das gravações. Abrange quase 40 anos da evolução do jazz — das primeiras gravações da cantora Billie Holiday às mutações de linguagem do pianista Thelonius Monk.

A complexidade cresce na razão direta do tempo. Um LP como *Monk's Dream* — de 1962 — parece não pertencer ao mesmo universo sonoro de *Louis Armstrong Plays Fats* e *L.A. Plays W.C. Handy*, registrados, respectivamente, em 1955 e 1957. Enquanto Monk e seu quarteto se aventuram pela selva das harmonias indefinidas, Armstrong, trompete e banda dançam e cantam melodias certinhas e sedutoras. Monk faz um disco fluente como o rio profundo que não vemos correr. A animação quase histérica de Armstrong convida-nos a ficar nas planícies da alegria inocente.

Mingus Ah Um, de 1985, com o contrabaixista e um quinteto de cobras, e *Jazz Party*, com Duke Ellington e orquestra, de 1959, igualmente não têm relação. O mesmo pode ser dito dos três LPs do trompetista Miles Davis — *Round About Midnight* (1955), *Miles Ahead*, (1957) e *Live Miles* (1961) —, que não pertencem ao mundo de *The Quintessencial Billie Holiday Vols. I e II*, o início da carreira da cantora, entre 1933 e 1936. O que um fere a outra acaricia. Qualquer que seja o percurso escolhido, os dez LPs levam o ouvinte a revisar seus conceitos.

L.A.G.

GAROTOS DA RUA (Plug)

"Mamãe eu cresci, eu preciso de dinheiro, mamãe eu cresci, eu preciso de sucesso, mamãe deu tudo errado, acho melhor eu ir tocar o meu rock'n'roll..." Pior para nós. Antigamente, a história era outra. O rock era um caso de paixão cega, de apostar no errado quando tudo estava certo. Hoje, grupos como os Garotos da Rua estão por aí como funcionários públicos, empurrando a música com a barriga, numa indigência de dar dó. Um dos (muitos) desacertos do selo Plug.

A.G.C.D.

THE BEST OF GERRY & THE PACEMAKERS — Gerry & the Pacemakers (Brasidisc)

As águas poluídas do Mersey River voltam a sair da letargia? Não é nada disso. É que, em 81, Gerry Marsden reajuntou seus Pacemakers para uma homenagem póstuma ao seu então recém-falecido conterrâneo John Lennon. É daí que nasceu este *Best of...*, que de melhor do grupo só tem mesmo "Ferry Cross the Mersey" e "I'm the One". Mesmo assim, o álbum transmite uma grata emoção para saudosistas... como eu.

L.R.

BRANCA METE BRONCA! — Branca di Neve (Continental)

"Nêgo Dito", de Itamar Assumpção, destaca-se de cara ao se ouvir Branca di Neve meter bronca. Mas não é só: a voz marota e arrastada desse sambista tem um quê de bluesman, apesar de lembrar invariavelmente Jorge Ben, impressão esta acentuada pelo swing da cozinha e dos arranjos de metais. Nesse ritmo, Branca esbanja balanço em "Boca Louca", "Pensamento Verde..." e na versão de "Falsa Magra", de Ben.

C.P.

ROMANCE NO DESERTO — Fagner (RCA)

O deserto seria o lugar mais adequado à execução (figurada e literal) deste LP, longe da civilização e dos ouvidos. Fagner convocou Lincoln Olivetti — o "Teclado Humano" — e Michael Sullivan — o "Rambo dos Estúdios" — e produziu onze sonoros pecados. Tente ouvir "À Sombra de um Vulcão", com a quadrinha mais estúpida da história da MPB: "Quem sonha contigo molha a cama/ Quem te ama dorme à sombra de um vulcão". O grasnar continua. Felizmente não há mais ouvintes dispostos a sofrer com isso...

L.A.G.

ALIADOS (Plug)

Esses não enganam ninguém. Embora omitam no release, o triunvirato Edom-Iuri-Paulo Henrique é egresso dos Melhores, torpe grêmio baba-pop responsável por coisas como "Suzana", aquela do refrão "Como é bom te amar", e que fez carreira com trilhas televisivas, uma delas — "Ausência" — reaparecendo aqui após integrar a *soap opera* global "Roda de Fogo". Tal currículo não podia dar noutra coisa: um manual de clichês, sério concorrente ao posto de pior LP de 87.

A.G.C.D.

PRAYERS OF STEEL — Avenger (Heavy Metal Maniac)

Esse Avenger é alemão e existe desde 83. Dois anos depois, mudou seu nome para Rage (que já teve dois LPs lançados no Brasil). Este disco, embora não traga nenhuma novidade no estilo, mostra a eficiência e o entrosamento do grupo no som pesado que pretende apresentar. E prova que o Rage atual soa bem mais manso que este Avenger.

L.R.

CRUSHIN' — Fat Boys (Polygram)

O trio da pesada vai à praia — melhor passar o verão em L.A. do que no Brooklyn... E eis que ocorre a reunião mais chapante de 1987: Fat Boys *meets* Beach Boys numa versão rap de "Wipeout", clássico da surf music (instrumental dos Surfaris), produzida pelos reis do *latin* hip hop nova-iorquino, Latin Rascals. E tem mais, muita hiphopada pra entortar o cangote e rachar o bico. Destaque pra bateria de boca de Darren "Human Beat Box" Robinson e para a canalhice generalizada.

M.P.

CACIQUE DE RAMOS (AO VIVO EM MONTREAUX) — Beth Carvalho (RCA)

Samba sempre soou melhor ao vivo que em estúdio, numa reunião espontânea que no palco. A sambista carioca confirma o primeiro fato e quase nega o segundo, tamanho o entusiasmo com que desenrolou sua coleção de êxitos diante dos suíços — e dos indefectíveis oba-oba brasileiros — que compareceram ao Festival de Montreaux de 1987. Acompanhada de ótimos músicos, Beth exalta e dignifica o pagode, sem concessões karaoquistas.

L.A.G.

HALL OF THE MOUNTAIN KING — Savatage (WEA)

Beba da taça real. Guitarras melódicas de Criss Oliva contrapondo-se às porradas da cozinha (Doc Wacholz e Johnny Middleton); efeitos e letras evocando grandes aventuras são as máximas do grupo americano Savatage. Nada de speed ou trash. É heavy, é hard, e até progressivo. Dos três LPs do Savatage aqui lançados, este é o melhor e mostra sua evolução em momentos como "Prelude to Madness","24 Hours Ago","Legions" e na faixa-título.

L.R.

UNCHAIN MY HEART — Joe Cocker (EMI-Odeon)

O produtor Charles Midnight, um "cara legal", conseguiu realizar verdadeiro milagre! Reuniu músicos competentes, bons arranjos, colocou um dos melhores cantores de blues à frente de tudo isso e fez um disco frio. *Unchain My Heart* é apenas uma sombra do que já foi Joe Cocker. Se você sentir vontade de ouvir o bom e velho Joe, procure seus discos mais antigos. Com sorte achará *Mad Dogs and Englishmen* (1971), uma bíblia de rock.

N.P.Q.

BIA SIHON (Lup Som)

O quinteto paulistano de estranho nome é formado por Yve Martins (contrabaixo), Lui Brunner (guitarra), Valério Câmara (teclados), Fasca (bateria) e Mire (vocal). Era ainda cedo para a banda estrear, mesmo que num mini-LP de seis faixas como este. A interpretação de Mire é cool, afinada. Os arranjos têm lá seus achados de *fusion*. Tudo, porém, soa imaturo. As letras hesitam entre intimismo e banalidade, as melodias sofrem da mesmice. Resultado: "roquinho"

L.A.G.

CADA DIA MAIS SUJO E AGRESSIVO — Ratos de Porão (Cogumelo)

Os RDP foram de SP a BH para gravar seu terceiro LP independente e conseguiram fazer um dos discos nacionais mais pesados do ano passado. Sujo e agressivo.

É o resultado da combinação das tendências hardcore originais da banda com as do speed metal, adquiridas no convívio com vários grupos do estilo e suas influências. Isso sem contar suas galerias (ou seriam porões?), com os representantes mais ensurdecedores do heavy e do punk.

Detona-se, então, em onze faixas curtas — uma delas quase uma vinheta, de poucos segundos — uma explosão contínua, onde voam estilhaços da voz de Gordo metralhando as letras e os riffs e solos espasmódicos da guitarra de Jão, por sobre o rolo compressor formado pelo baixo de Jabá e a batera de Spaghetti.

Sob os escombros, apenas dois defeitos se tornam evidentes: a ingenuidade e o anacronismo de algumas letras e a capa pouco inspirada. Mas depois de sentir ódio e nada mais, ser assaltado na esquina e descobrir que não há outras vidas, só resta a você bater com a cabeça na parede ao som da faixa-título e sua coda. Cada vez mais... cada vez mais...

Celso Pucci

BEFORE AND AFTER SCIENCE / AMBIENT I: MUSIC FOR AIRPORTS — Brian Eno (RCA/Virgin)

Before and After Science, de 1977, é o derradeiro trabalho solo de Eno no formato pop/rock. Retoma a estrutura do álbum precedente, *Another Green World*, de 1975 (ver Discoteca Básica BIZZ 27), e incorpora as experiências feitas com Bowie, em Berlim (*Low* e *"Heroes"*), e com os alquimistas de estúdio Roedelius e Moebius, em Colônia.

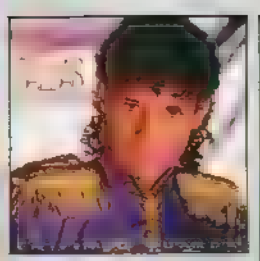
Uma metamorfose acontece ao longo das dez composições. Eno procede por pinceladas sonoras — as aquarelas de Peter Schmidt, reproduzidas na contracapa, serviram de inspiração — para transformar cada canção em um quadro com ambiente próprio. O lado A, "antes da ciência", é atravessado por bases rítmicas intensas, "tecno-tribais" ("No One Receiving"), e melodias "primitivas" ("Kurt's Rejoinder"), preparando a explosão de "King's Lead Hat", dilacerada pelas guitarras de Fripp e Manzanera. O que pode haver "após a ciência"? As canções ambientais do lado B, serenas e melancólicas; densas composições que alcançam as mais altas atmosferas.

Sem dúvida, um dos dez discos que eu levaria para uma ilha deserta. Mas no caminho seria imprescindível ouvir no aeroporto o *Ambient 1*, de 1979 .. Eno o compôs baseado no princípio da música enlatada (para elevadores, salas de espera...). Mas se o musak dilui as músicas originais o compositor recorre ao procedimento oposto: nas quatro composições que dividem a obra numa espécie de suíte bachiana, o timbre de cada instrumento é explorado em toda a sua extensão. O silêncio, essencial, confere relevo às melodias econômicas, aparentemente neutras, que transmitem um brilho próprio, uma "aura". Um disco clássico: moderno e atemporal.

Jean-Yves de Neufville

LIVE IN AUSTRALIA — Elton John (Polygram)

Em 19 anos de carreira e mais de vinte LPs, ele conseguiu, ao menos até 75 (fase do *Captain Fantastic*), ao lado do letrista Bernie Taupin, criar canções inesquecíveis. Mas nos anos 80 Elton escorregou na infinita breguice, substituindo a originalidade por sucessivos golpes de marketing. Não obstante a boa produção, este duplo gravado ao vivo na Austrália com a participação da Sinfônica de Melbourne é o retrato de sua entressafra, onde quase todo som mecânico e sem brilho. O primeiro disco ainda consegue salvação com o inimitismo afolkalhado de "Sixty Years on" e o romantismo kitsch orquestral de "I Need You to Turn to". Quanto ao segundo, excetuando "Your Song", rolam retalhos de uma musicalidade que não consegue ser contemporânea nem saudosista. *F.N*



LÁ VEM O GUARDA — Luiz Caldas (Polygram)

Pode ser até que funcione atrás do trio elétrico, mas no vinil .. O terceiro LP do bem-sucedido inventor do deboche mostra que, na verdade, de invenção o deboche não tem muito. Junte pitadas — previamente diluídas — de samba, frevo, afoxé e reggae, misture bem e decore com arranjos convencionais pasteurizados por sintetizadores e samplers inexpressivos: está pronto um som dançante, porém repetitivo. As letras, bem, é melhor nem prestar atenção: "Estamos na era do lobo/ e a nossa criança é o povo/ tão rico em espera" ou "Nas estradas do teu corpo/ teu tesouro é teu sabor/ haja amor" são alguns dos "melhores" exemplos da poética de Luiz Caldas, além da "esperteza" dos trocadilhos safadinhos do tipo: "Lá vem o guarda/ guarda/ Lá vem o tira/ tira, meu bem!" Haja saco! *B.A*

CHARACTERS — Stevie Wonder (RCA)

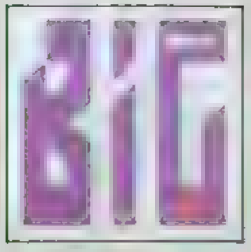
Depois dizem que é saudosismo quando a gente comenta que alguns de nossos ídolos, diluídos, ameaçam descer pelo ralo da história. Não, não é um disco ruim. Na verdade, é o mais esforçado desde *Hotter than July*, e isso não é pouca bobagem. Mas falta alguma coisa, uma centelha, um brilho que aparece aqui e ali, como em "Skeletons", sobre a mudança nas relações entre política e showbiz, ou na melhor faixa, "Free", um gospel com um violão acústico de vago sabor espanhol, clavicórdio e espineta. "Wuich Each Beat of My Heart" é uma balada acima do açucarado que vem marcando o cantor/compositor nos últimos anos. "Dark'n'Lovely" dá um recado afunkalhado ao regime racista de Pretória: "Hey, Botha, estamos de olho em você". Tudo que há de bom no LP, porém, acaba destruído por uma mesossa xaropada, como "Get It", onde o sr. Stevieland Morris aparece em dueto com a boneca maluca Michael Jackson. Wonder não precisa disso, francamente. E muito menos nós, que esperávamos um pouco mais. *J.E.M*

NIGHT OF THE BLADE — Tokyo Blade (Continental)

É o segundo LP do TB a sair no Brasil, bem menos cortante que o primeiro, a não ser pelas guitarras solo, mas mesmo assim, na maioria, em riffs manjados. A bateria também não consegue variar muito o ritmo. Tudo está certinho, em seus devidos lugares, inclusive os vocais. Daí, a gente não sente aquele impacto no estômago que se espera receber com os discos do estilo. Quando muito dá para livrar a cara de "Dead of the Night". *L.R*

NENHUM DE NÓS (Plug)

O disco já está rodando na pickup, mas meus ouvidos insistem em me enganar. Será que Zé Ramalho formou uma banda de rock? Consulto o encarte. Não, não é ele, embora a voz continue indistinguível. Passado o susto inicial, nos deparamos com o nulismo à gaúcha, trazendo alguns achados, como a mescla regionalista de "Uma Pequena História" e um teen-hit em potencial: "Camila, Camila". Descontando o canto gregoriano e a afetação darkoide, até que não se deram mal. *J.G.C.D*



BIG GENERATOR — Yes (WEA)

O Yes, ao se reagrupar em 1983 — com a volta de dois dos membros da formação original de 1968 (o tecladista Tony Kaye e Jon Anderson, o vocalista co-fundador da banda, ao lado do baixista Chris Squire) —, não optou por uma nova concepção sonora como a empreendida pelo King Crimson no LP *Discipline* (1981). Tampouco por uma retomada vigorosa de velhas formulas musicais, como no caso do disco do Pink Floyd do ano passado. Na verdade, ficou em cima do muro (naquele em que já se alojava o Genesis, outro expoente do "progressivo"). Um olho nas paradas e outro em seus antigos fãs, que, combinados, mais sugeriam um esgar vesgo. Seus dois álbuns de títulos numéricos — o conjunto em estúdio (1983) e o de solos ao vivo (1984) — eram um prenúncio dessa indefinição musical. *B.G* é o fato consumado: metade do repertório destinado a um público saudosista, que resvala numa autocaricatura do passado do grupo; o restante, para eventuais novos adeptos, que, de repente, podem chegar a confundi-lo com o Queen ou os BeeGees. *C.P*

ALL SYSTEMS GO — Donna Summer (WEA)

Ela já foi a rainha (de fato) da disco-theque e surgiu junto com o pai da criança, Giorgio Moroder, em meados da década passada, com o hit erotou "I Feel Love". Mas hoje Donna Summer soa como tantas outras por aí, por mais boa vontade que se tenha ao ouvir este novo trabalho após alguns anos sem gravar.

Assim, *All Systems Go* nada mais é que um bem-acabado produto pop-romântico-dançante, com várias faixas gravadas em Munique, o berço do tique-taque techno, com a vantagem de não ter nem sombra do dedo de Moroder, hoje um plantador de abacaxis sonoros. *T.L*

WOW! — Bananarama (Polygram)

Wow! Quem diria que os três mais gostosos mulheraços do pop britânico conseguiriam realizar um disquinho tão reles? Uma pena, pois Keren Woodward, Sarah Dallin e Siobhan Fahey, em seus três LPs anteriores — gravados em 1983, 1984 e 1986 —, inseriram instigantes elementos de beat-baliads, artifícios típicos dos grupos vocais femininos dos 60's e essências de soul e afro-beat.

Agora, em *Wow!*, radicalizaram suas musicalidades pelas vias mais comuns da *disco-music* e seus pastiches eletrônicos e a usual tecladeira do Império Descartável. A parte esses lamentáveis aspectos, ocasionalmente, graças ao charme de seus vocais e alguns *discochorus* sensuais, elas conseguem escapar da mesmice assassina. É o que ocorre em "I Can't Help It", "Love in the First Degree" e "Bad for Me", além da bonitinha — mas ordinária — baladinha "Once in a Lifetime". *F.N*

LUA DE MEL COMO O DIABO GOSTA — Gal Costa (RCA)

É mais um outro "mesmo" disco da cantora. Ela não se atreve a alterar a fórmula. E por que o faria? São dez faixas agradáveis aos sentidos, a maior parte encomendada a autores de sucesso. Gal curte sempre lançar canções. As melhores foram assinadas por Luiz Santos — Lua de Mel — 'Creio' e 'Arara' — e por Djavan — "O Vento". Há também a artificiosa "Tenda", de Caetano Veloso, a duvidosa versão feita por Fausto Nilo de "Here There and Everywhere", de Lennon e McCartney, e o hórrido *funk-joga-fora-no-lixo* "Sou Mais Eu" de Sullivan e Massadas. A voz de Gal une altos e baixos com idêntica perícia. *L.A.G.*

MOZART — THE FLUTE QUARTETS — J.P. Rampal, Isaac Stern, Accardo & Rostropovich / SUITE FOR FLUTE & JAZZ PIANO TRIO — J.P. Rampal & Claude Bolling (CBS)

Mozart foi um dos primeiros compositores profissionais liberais. Era contratado para compor peças pelos mais diferentes clientes. Esse era o impulso inicial do gênio, bem distante da visão babaca que o filme *Amadeus* mostrou. No quarteto de flauta (onde o primeiro violino é substituído pela flauta), a diferença timbrística possibilita uma melhor audição da melodia principal, tornando mais claro o todo da composição. A interpretação de Rampal, ao lado de Isaac Stern, Accardo e Rostropovich é precisa nos fraseados e andamentos, uma execução exemplar. Vale a pena conhecer esses quartetos que Mozart compôs aos 22 anos, apaixonado e desprezado por sua amada... Já o disco com Claude Bolling, a *Suite*, é um equívoco de terno e gravata. Uma fusão entre um "erudito" banal e um jazz de proveta, sem alma. Boias, um bibelô! *L.T*

QUE PAÍS É ESTE 1978/1987 — Legião Urbana (EMI-Odeon)

Revezes em profusão rondaram os passos da Legião Urbana até o virtual lançamento deste disco: ameaças de dissolução, pressões contratuais, shows cancelados, olho gordo e boataria em geral faziam prever o pior. Na base do sufoco, em cima da hora, em meio ao branco geral a saída pelos fundos acabou sendo a melhor opção.

Back to Brasília. Na tela da memória, os fios desfeitos ou suprimidos foram quase todos retraçados, proporcionando os pontos de contato com o tempo presente. "Honras e promessas, lembranças e histórias" Cinzas que ainda queimam. E como.

Os sulcos não obedecem necessariamente a uma ordem cronológica, embora o lado 1 se estruture de forma mais coesa. O som nos chega cru, abrasivo, climas pra lá de pesados se sobrepondo ao mix sujo dos instrumentos. Dos sonhos falazes de "Que País é Este" à fúria adolescente de "Química", uma década passada a limpo.

O lado seguinte apresenta um maior afrouxamento. Além da épica e discursiva "Faroeste Caboclo", uma das duas únicas músicas de 1987 chama a atenção: "Angra dos Reis" — balada de luxo, voz saturada de feeling. É o fim da sinuca. Da velha, da nova, da eterna Legião.

Arthur G. Couto Duarte

NEW GOLD DREAM. SPARKLE IN THE RAIN — Simple Minds (RCA Virgin)

Quem conhece e aprecia os Minds do recente álbum ao vivo (*In the City of Light*) ou do LP e do hit de 85 (*Once Upon a Time* Don't You Forget About Me') vai gostar de *Sparkle in the Rain* um disco de 1984 É um rock eficiente e musculoso, ainda que beire frequentemente o lugar-comum Mas quem tem a sorte de conhecer os trabalhos anteriores desses escoceses ativos desde 78, sabe que o buraco é mais embaixo E que, dos momentos de pura genialidade que a banda já teve, o último — e um dos mais intensos' — e exatamente este *New Gold Dream* de 82, que só agora nos chega

Quem na verdade ajudou a formular o *som Simple Mind* foi o progressivo Steve Hillage, que produziu em 81 os LPs *Sons and Fascination* e *Sister Feelings Call* baixao funkeado a frente, bateria poderosa, teclados e guitarras numa trama harmonica inextricável e carregada de efeitos, os vocais impostados de Jim Kerr *New Gold Dream* ainda que com uma produçao mais *sofisticata* (de Peter Walsh), e o herdeiro dessa futurista usina de danças e climas intrigantes que mostra toda sua força nas faixas instrumentais e as que eram a marca registrada da banda, havia uma ou duas por LP, e a de *New Gold Dream* ' Somebody Up There Likes You' e a última antes da banalizaçao de sua musica E e aí que voltamos a *Sparkle in the Rain* — uma decepçao visto pelo outro lado A produçao pasteurizada de Steve Lillywhite ajuda os Minds — por vontade propria, diga-se — a converterem-se num sub-U2 obvio e pretensioso Uma pena

Ariel Antunes

BLACK AND BLUE — Rolling Stones CBS

Pena que a reedição do ano passado deste álbum de 1976 não traga a totalidade interna da original, invólucro de um LP memoravel

E o primeiro após a saída de Mick Taylor — a segunda guitarra da fase áurea da banda — e marca por tabela o fim dos Faces, com a vinda de Ron Wood para os Stones

Mas enquanto deixava Rod na mão, Ron só conseguiu colocar sua guitarra em duas faixas o reggae 'Cherry Oh Baby' de E Donaldson, e 'Hey Negrita', um funk sacolejante feito com sua ajuda inspiradora, tao essencial quanto a que Billy Preston emprestou ao blues 'Melody'

Em outras, como a hard disco "Hot Stuff" o rock urgente de 'Hand of Fate" e a pura paixao de "Fool to Cry" os guitarristas Harvey Mandel e Wayne Perkins servem de competentes escudeiros para os riffs de Keith, que esbanja categoria na direção musical (basta notar que a rascante "Crazy Mama" é levada quase apenas por ele). De quebra Jagger a pleno pulmões e uma das mais belas baladas já compostas pelos *Glimmer Twins* Memory Motel

C P

VIRGEM — Marina Polygram)

Marina, dizem, brigou muito com o dono de sua antiga gravadora por não querer se ver domada e transformada em moça bonita. Pelo jeito, vai acabar seguindo a trilha que condenava por livre e espontanea vontade

Primeiro, as exceções. "Pseudo Blues", acompanhado por um violão de cordas de aço, com intro lembrando o velho Led. Uma delícia. E sua quase uma gemea "1 de Abril" Tudo bem se o LP rotasse por ai. O que soa estranho ou contrastante, é a pequena (embora boa e gostosa) voz de Marina contra backgrounds roqueiros que exigiriam mais agressividade Exemplo: em "Preciso Dizer Que Te Amo", de Cazuza, caberia melhor a voz inquieta do autor. *Virgem*, entre outras coisas, designa quem esta começando. Se for uma declaração de intenções, eu estou fora

J E M

CIVIL (RGE)

Após passar uma temporada no paraiso do chope e das batatas fritas, o rock nacional entrou-se de forma homogenea na assim chamada crônica social O Civil é um dos mais novos adeptos da causa e, de sua trincheira de vinil, dispara a torto e a direito contra a politica a religiao, a censura, a escola, as armas nucleares. Tudo muito bem tudo muito bom, mas vocês já não viram esse filme antes? E levado de forma muito mais satisfatoria" De estalo, saltam nomes como Mercenarias Titãs, Legião Urbana, Plebe Rude... Que tal mudar o discurso, rapaziada?

A.G.C.D

FREE AS A BIRD — Supertramp (Polygram)

Surgido em meio ao "boom" progressivo no inicio dos anos 70, o Supertramp sempre preferiu aliar melodias cantarolaveis a roqumhos facilmente deglutiveis, agregando a isso algum channly instrumental Esse modo musical se consolidou no LP *Crime of the Century* (1974). De lá para cá, eles limitaram-se a repetir essa formula de modo cada vez mais diluido. *Free as a Bird* não foge a regra. Uma sucessao de clichês compostos pelo tecladista/vocalista Rick Davies a ser indicada apenas para quem engoliu o grupo ao vivo em janeiro.

C.P

LIVE AT MT. FUJI — Out of The Blue (EMI-Odeon Blue Note

Out of the Blue é um grupo aborrecido de novos talentos mais ou menos o mesmo modelo dos Jazz Messengers mantidos pelo baterista Art Blakey Os musicos passam pelo grupo e seguem em carreiras individuais. Isso por um lado nos permite um entrosamento e um trabalho de longo prazo, mas por outro oferece sempre sangue novo Este disco, gravado ao vivo no Japão, aos pés do Monte Fuji, ganha muito pelo pique da apresentação ao vivo O pianista Harry Pickens e o sax-alto Kenny Garrett executam os melhores solos nas composições de Bud Powell as melhores faixas O grupo, talvez por estar ligado a gravadora Blue Note se ressente de um ponto mais de ousadia No entanto, a emoção transmitida na gravação compensa esse fato oferecendo bons momentos de jazz

L T

NOSSO NOME: RESISTÊNCIA — Alcione (RCA)

Não tenha vergonha de gostar dela. Neste LP, Alcione prova ser uma cantora e tanto, a voz convenientemente rouca, tornando o vulgar coisa unica. Nao exagero. Alcione pode soar banal aos ouvidos viciados em sofisticação. Como uma feijoada servida a gurmês

Aqui, ela arrematou treze sambas caprichados nos versos e arranjos, pos-pagode. E assim desfilam a canção amorosa de sempre, "Meu Vicio É Você", bela invenção de Chico Roque e Carlos Colia, "Cada um na Sua" e o samba-rural "Canção do Exílio". Que feijoada!

L A G

SÉRIE GOLDEN JAZZ — Varios (Brasidisc)

Parece que a ousadia que faltou ao *Free jazz. Festival* do ano passado esta sobrando nesta serie de jazz Os discos testemunham concertos de free jazz na França, nos anos 60 Um dos destaques é *An Even Break (Never Give a Sucker)*. LP do baterista Sunny Murray, uma lição de desobstrução rumica de um triturador de clichês. Murray combina seu *non-beat* com rec tanvos carregados de delirio. Obrigatorio

Acentuando o componente de revolta social do free, o sax tenor de Archie Shepp, em *Yasmina*, ao lado de músicos do Art Ensemble of Chicago e Sunny Murray numa sessão de desorquestração explosiva já *Obsession*, do saxofonista Gato Barbieri se ressente de uma *dés*-concepção que provoque uma verdadeira ruptura. um LP no meio do caminho

No setor classico. *Storyville* com Billie Holiday, voz insuperável; *Sphere*, com o Thelonius Monk Quartet e solos antológicos de Monk e Charlie Rouse ao sax-tenor E ainda *Second Genesis*, de Wayne Shorter, secundado por Art Blakey e influenciado pela sonoridade de Coltrane (da fase sax-soprano).

O LP de Paul Chambers e do saxofonista Cannonball Adderley, *Ease It*, é um prato cheio para contrabaixistas Chambers influenciou o jazz dos ultimos 30 anos, tocando com Miles Davis e Bill Evans.

Finalmente o sax tenor de Dexter Gordon em *Live at Amsterdam Paradiso*, onde ele toca de Monk a Charlie Parker ("Scrappie from the Apple"). Os solos de Gordon combinam o be bop com o cool jazz, a economia com a exuberância, sempre distante do virtuosismo. Uma das melhores performances do "*compridão*" *midnighter*

L.T

ROCK DOS ANOS 60 — Vários (Continental

Hoje uns exercem boas e recomendaveis profissões e outros ainda perambulam de forma obscura pelo meio musical. Mas, no tempo em que os beijos eram vermelhos e a inocencia despia-se no bias, os doze artistas incluídos nesta antologia eram o jet-set do pop local nos 60's. Com canções de 1958 a 1964, estão inseridos verdadeiros classicos do nosso rock'n'roll, como "Rua Augusta", na voz de Ronnie Cord. "Adivinhão", com George Freedman, e "Diana", sob o romantismo kitsch de Carlos Gonzaga

Porem o ponto alto deste LP são as composições, que, inteligentemente, não atravessaram as decadas seguintes. E o caso da sensualidade de Celly Campello viajando no "Trem do Amor" da linda versao de "Blue Angel" (Roy Orbinson) na garganta de Hamilton De Giorgio; da inesquecivel, abúlido vocal de Meire Pavão perguntando O Que Eu Faço do Latim", e "Poor Little Fool", vestida para o português como "Pobre de Mim" na voz do mestre Tony Campello, o maior interprete desses sinceros anos 60

F N

IN THE DARK — Grateful Dead (RCA)

No festival "A Volta dos Mortos Vivos" que assolou o rock em 87 não poderia faltar o próprio "Morto Agradecido" Depois de sete anos sem entrar em estudio, o legendário grupo psicodelico da Califórnia dos hippies lança *In the Dark*, um disco mais puxado para a sonoridade que a banda adquiriu durante os anos 70; country-rock melodioso, embalado pelas guitarras de Jerry Garcia e Bob Weir A exceção do tecladista Brent Mydland (o "caçula" do grupo, com eles desde 79), os quarentões de aparência pacata de agora sao os mesmos cabeludos que formaram o Dead nos idos de 65. Essa longa convivência, partilhada tambem por Robert Hunter (principal letrista do grupo), que co-assina quatro belas canções com Garcia, transforma esse LP em um agradavel reencontro

C P

BLUES ANTHOLOGY VOLs. 4, 5 e 6 — Vários (WEA) / **SÉRIE RARITY — Vários** (Brasidisc)

Mais ouro dos anos fundamentais. Começando com a série *Blues Anthology* (WEA). *The Best of Little Walter*, o melhor do mais influente tocador de harmônica do blues, famoso por seus longos e melodiosos solos Neste LP, ele, que tambem canta, está acompanhado por Muddy Waters. *More Rock n Roll Rarities from the Golden Era of Chess Records* é uma garimpada nas raridades de Chuck Berry, entre elas os demos originais de 'Rock'n'Roll Music' e "Sweet Little Sixteen", versões e gravações inéditas. *Bo Diddley* é o LP homônimo de outro guitarrista inconfundivel, uma coletanea de clássicos do "Bo Diddley Sound", como "I'm a Man", "Pretty Thing" e "Who Do You Love" (que o próprio reinterpreta no filme *La Bamba*)

O novo pacote da série *Rarity* (Brasidisc) nao deixa por menos Uma coletânea de Bill Haley, *Rock & Roll*, desfila hinos como "Rock Around the Clock", "Shake, Rattle and Roll" e "See You Later Alligator", além de faixas raras. Mas nada supera o quilate do *Million Dollar Quartet*. O LP é lendario, gravado improvisadamente durante uma visita surpresa de Elvis Presley a uma sessão de Carl Perkins da qual participava Jerry Lee Lewis ao piano. O repertorio são covers do gospel O unico senão é Johnny Cash. Apesar de creditado ele nao esta presente nas faixas (há mais horas de gravação, entretanto) De Cash, porem, ha o LP *Ballad of a Teenage Queen*, cobrindo sua fase rockabilly E, em se tratando de *cat music*, *The Best of Sun Rockabilly vol. 1* (sao dois volumes) é um disco obrigatório (16 faixas do selo que lançou Elvis e o estilo), repleto de cantores obscuros e deliciosos dos *fifties*: *milkshakes*, *cadillacs* e *cat cloathes* (a moda rockabilly)

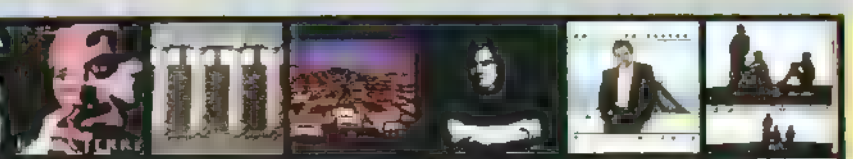
Marcel Plasse

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁP

São duas décadas e lá vai pedrada de **Rita Pavone**, entre **IL MASSIMO** (RCA) e **PER SEMPRE** (Continental). O primeiro é uma bem-cuidada coletânea dos sucessos juvenis da cantora, de "Date-mi un Martello" a "Non É Facile Avere 18 Anni"; o segundo, uma amostra do repertório atual da bionda, já quarentona, arriscando até umazinha do Cole Porter ("I've Got You Under My Skin"). O pomarola azedou, Carmela. Fique com o legítimo iê-iê-iê-spaghetti. ⊗ E lá vem o bregatrônico **Kitaro** (o predileto da Bruna Lombardi) em **THE LIGHT OF THE SPIRIT** (RCA/Geffen), seu 578.º LP. Ou será sempre o mesmo? ⊗ Pagode: **Toninho Geraes**, mineiro e branquelo, mostra em **CHANCES IGUAIS** (EMI-Odeon) que não é só crioulo que tem vez no samba. Principalmente se a concorrência entrega o ouro, como o **Neguinho da Beija-Flor**, que quis dar uma de romântico em **MEU SORRISO** (CBS). O ex-puxador gravou até uma música da abominável dupla Sullivan/Massadas e uma versão bunda de "Sentado à Beira do Caminho". Ó servicinho de branco... ⊗ Da conexão jazz-pop-brega: ou você entuba e fica com **Hiroshima** em **GO** (CBS), **Dave Grusin** e **Lee Ritenour** (Com Ivan Lins) em **HARLEQUIM** (CBS/GRP), **Dave Grusin** e a **NY-LA DREAM BAND** no disco homônimo (CBS/GRP), ou ainda **Najee** em **NAJEE'S THEME** (EMI-Odeon), ou você não entuba, e aí podemos conversar sobre **Donald Harrison** (sax) e **Terence Blanchard** (trompete), dois dos Jazz Messengers de Art Blakey que estreiam em duo com o bom **NASCENCE** (CBS). ⊗ A cantora brasileira **VIA NEGROMONTE** (sic), que em seu currículo arrola misteriosas colaborações com Jean-Paulo Goude e Francis (sic) Ford Coppola, reuniu um time duas estrelas (Leo Gandelman e Serginho Dias) para o seu LP (CBS). De quebra, as letras mais cretinas do ano ("Alguns querem me comprar/com diamantes pra me impressionar/Essa questão perturba a minha mente/Amor se dá e não se vende...) ⊗ **A VERY SPECIAL CHRISTMAS** (Polygram/A&M) é uma curiosa — e irregular — compilação de canções tradicionais de Natal, escolhidas e executadas por **Eurythmics, Bruce, Whitney Houston, Pretenders, Sting, Run DMC, Madonna, Bryan Adams, Bon Jovi** e **Alison Moyet**. Mas o melhor são as **Pointer Sisters**. ⊗ **Mr. Mister** é o campeão da enrolação. Seu primeiro LP estourou. Este **GO ON** (RCA) persegue a mesma receita. Xiça! *Alex Antunes*

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Barutos Afins — *Av. São João, 439, São Paulo (SP) - (011) 223-3629* / Brasidisc — *R. Beneficência Portuguesa, 53, São Paulo (SP) - (011) 227-4999*/ Cogumelo — *Av. Augusto de Lima, 399, Belo Horizonte (MG) - (031) 226-8557*/ Heavy Metal Maniac — *Cx. Postal 512, Centro, São Caetano (SP) - (011) 449-4843*/ Lup Som — *R. Maria Augusta Saraiva, 111, São Paulo (SP) — (011) 241-5142*

BOLSA DE DISCOS



	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Alex Antunes	😊	😊	😊	😊	😟	😊
Bia Abramo	😊	😊	😟	😟	😟	😟
Luis Antônio Giron	😊	😊	😟	😊	😊	😊
Leopoldo Rey	😊	😊	😊	😊	😊	😟
Marcel Plasse	😊	😊	😟	😊	😟	●
Thomas Pappon	😊	😊	😟	😟	😊	😟
Celso Pucci	😊	😊	😊	😟	😟	😟

Ótimo 😊 · Bom 😊 · Interessante 😊 · Razoável 😟 · Lixo 😟

Ela não vai perder nenhum dia deste verão.
E você?

Ela está usando o absorvente interno o.b.* E é exatamente por ser interno que só o.b.* pode garantir essa descontração todos os dias do verão. Por mais que se movimente, ninguém percebe que você está usando. Nem mesmo você.
o.b.* você coloca do jeito mais natural e seguro que existe: relaxando e usando toda a extensão do seu dedo indicador.
Quando você não sentir mais o o.b.* é porque encontrou a região não sensitiva da vagina, o lugar certo do o.b.* Onde o o.b.* - míni, médio ou super - permanece, absorvendo o fluxo e expandindo-se apenas lateralmente, adaptando-se perfeitamente à sua anatomia.
É assim que o.b.* proporciona todo o conforto de que você precisa. E toda a discrição para que suas férias sejam sempre completas.
Neste, no próximo e em todos os veroes.

Produtos Pessoais

Nome
Endereço
Estado

© J&J '96 *Marca de Ind. e Com

FICÇÃO

BLADE RUNNER — O CAÇADOR DE ANDRÓIDES (Blade Runner, EUA, 1982)

Direção Ridley Scott. Com Harrison Ford, Rutger Hauer, Sean Young, Edward James Olmos, Daryl Hannah. Warner

Ford é Rick Deckard, um policial que parece ter saído [illegible] diretamente dos romances e filmes policiais noir para as ruas enfumaçadas e o futurismo decadente da cidade de Los Angeles, em 2019. Sua missão é eliminar os últimos replicantes — andróides amotinados de uma espaçonave — que haviam voltado à Terra. Na pista deles, Rick encontrará a bela e misteriosa Rachel (Young) e enfrentará a terrível dupla formada por Pris (Hannah) e Roy (Hauer), tudo em meio a um visual deslumbrante (direção de arte e efeitos especiais indicados para o Oscar) e a direção quase irrepreensível (ora, pombas) de Ridley Scott. *C.P.*

POLICIAL

THE HIT (GB, 1984)

Direção Stephen Frears. Com John Hurt, Terence Stamp, Tim Roth. [illegible] América

Perturbadora mistura de [illegible] policial e [illegible] [illegible] o diretor de *My Beautiful Laundrette*. O [illegible] bandido Willie Parker (Stamp) dedura seus companheiros de quadrilha para não [illegible] na cadeia londrina. Anos depois [illegible] vingança em busca [illegible] do [illegible] da Espanha [illegible] Braddock (Hurt) [illegible] em Paris. Em sua longa viagem pelas estradas espanholas [illegible] dos homens travam uma guerra silenciosa em que a impassibilidade zen de Parker faz balançar a férrea determinação de Braddock. O desfecho é belo e imprevisível. [illegible] a trilha sonora é de Paco de Lucia e Eric Clapton. *J.G.C.*

SCARFACE (EUA, 1983)

Direção Brian De Palma. Com Al Pacino, Michelle Pfeiffer, Steven Bauer, Robert Loggia, Mary Elizabeth Mastrantonio. CIC

Nesta refilmagem do clássico de Howard Hawks (1932), De Palma cria um truculento Capone latino — Tony Montana (Pacino) — procedente das prisões cubanas quando, em 1980, Fidel Castro resolveu exportar para os EUA criminosos e dissidentes políticos. Em Miami, Tony faz uma rápida escalada com o tráfico de cocaína, acumulando crescente fortuna, subornando policiais e gerentes de banco. Mas não escapa da acusação de sonegação de impostos e [illegible] com uma esposa junkie e uma tara obsessiva pela irmã. Tony começa a despencar. No auge da decadência, faz uma montanha da "boa" e curte sua derrota com uma longa cafungada. Que inveja! *L.Rm.*

48 HORAS (48 Hours, EUA, 1982)

Direção Walter Hill. Com Nick Nolte, Eddie Murphy, Annette O'Toole. CIC

Cuidado com este filme: tem tantos tiroteios que o espectador se arrisca a levar uma bala perdida. Um tira atrapalhado (Nolte) precisa da ajuda de um preso (Murphy) para capturar um evadido da prisão. Em *48 Horas* [illegible] recheadas de perseguições automobilísticas, socos, palavrões e tiros que não acabam mais, a missão tem de estar cumprida. [illegible] sofre um pouco de falta de suspense real e reviravoltas previsíveis. Mas vale para ver Eddie Murphy — um black arrogante, engraçado, malandro, chiquérrimo [illegible] um baile no policial branco e [illegible]. Diversão para uma tarde entediada. *B.A.*

COMÉDIA

TROCANDO AS BOLAS (Trading Places, EUA, 1983)

Direção John Landis. Com Eddie Murphy, Dan Aykroyd, Jamie Lee Curtis. CIC

Imagine dois senhores [illegible] que [illegible] numa diversão re[illegible] em [illegible] uma aposta um [illegible] dos [illegible] a direção de seus negócios [illegible] lugar de um bem-sucedido [illegible] de [illegible] um marginal de rua. O escolhido, por circunstância, é Billy Ray Valentine (Murphy) [illegible] Louis (Aykroyd). Os abastados senhores da história do príncipe e do mendigo atrapalham a vida de um e de outro. Aos trancos e barrancos [illegible] mundos [illegible] (nem nos pesadelos), numa comédia que mostra todo o talento de Murphy. *W.S.*

UM TIRA DA PESADA (Beverly Hills Cop, EUA, 1984)

Direção Martin Brest. Com Eddie Murphy, Lisa Eilbacher, Judge Reinhold e John Ashton.

Um daqueles raros casos em que o primeiro da série fica aquém da continuação. Axel Foley [illegible] das ruas de Detroit, vai a Beverly Hills descobrir os assassinos de seu melhor amigo. Seus métodos diretos e [illegible] rudes entram em conflito com a educada e [illegible] polícia local. Só que onde Tony Scott (*Fome de Viver*, *Top Gun*) [illegible] acertou no *Tira II* [illegible] uma trama policial movimentada e convincente e explorando com discrição os recursos cômicos de Murphy [illegible] Brest se apoia na [illegible] que resolve qualquer parada [illegible] cenas de ação. Murphy [illegible] mas é insuficiente. *B.A.*

DRAMA

ARGÉLIA (Algiers, EUA, 1938)

Direção [illegible]. Com Charles Boyer, Hedy Lamarr [illegible]

[illegible] partidos e perseguições nos becos escuros de Casbah, uma das [illegible] mais clássicas do [illegible]. *M.P.*

O ESTADO DAS COISAS (Der Stand der Dinge, Alemanha, 1982)

Direção Wim Wenders. Com [illegible] Bauchau [illegible]

[illegible] Patrick Bauchau [illegible] filmagens são em Portugal, e, na ociosidade, diretor e atores realizam uma reflexão amorosa (e amarga) sobre a atividade cinematográfica. Parte da amargura provavelmente espelha as relações não muito amigáveis entre Wenders e Coppola durante a realização de *Hammett*. Um pouco lento, mas mesmo assim emocionante. E a trilha sonora é excelente. *B.A.*

QUERELLE (Alemanha/França, 1982)

Direção Rainer W. Fassbinder. Com Brad Davis, Franco Nero, Jeanne Moreau, Gunther Kaufmann. Poletvideo

A câmera que penetra ambientes claustrofóbicos e tensa e hipnótica. Mar, sexo, crime. É Fassbinder dando vida a Querelle, da obra homônima de Jean Genet. Num cais estilizado, topamos com um sujeito banido mas com bíceps, tríceps e tórax estourando a exígua camiseta. É Querelle (Davis), assassino cínico e sensual, traidor e homossexual, típico anti-herói genetiano. Marinheiro já é o próprio fetiche, mas este extrapola. Em lirismo, sensualidade e misoginia. "You are just a woman" diz ele à Lysiane (Moreau), uma mulher desprezada num universo hermético de homem para homem. Só para iniciados e simpatizantes. *L.Rm.*

MUSICAL

IRON MAIDEN (EUA, 1981)

Direção David Hillier. Com Iron Maiden. VTI

Estamos em 80, quando o Maiden ainda tinha em sua formação Clive Burr (bateria) e Paul Di Anno (vocal) ao lado de Harris, Murray e Smith. O vídeo começa com a banda vindo pelos bastidores do Rainbow Theatre até adentrar o palco debaixo de urros de um público impaciente, trajado de tachinhas e couro negro. Trajes também usados por Di Anno que de longe lembra Halford do Priest (só de longe). Mas não dá nem para comparar com os atuais concertos e temas do grupo onde Bruce Dickinson tem presença marcante. Di Anno parecia não ter carisma, e o som em si não tinha muitas variações, a não ser por "Remember Tomorrow". Outro bom momento: o tema final "Iron Maiden", quando quatro desencarnados Eddies invadem o palco enfumaçado com holofotes [illegible] nas mãos lembrando espadas de Jedi, aos gritos de *Iron! Iron! Iron!* *L.R.*

WHITESNAKE COMMANDO'S — LIVE (EUA, 1983)

Direção: Lindsey Clennell. Com Whitesnake. VTI

"Are you ready?" pergunta o gostosão Coverdale, enquanto chacoalha sua juba provocando as menininhas da platéia. Então o sexteto Whitesnake ataca: os eficientes guitarristas Mel Galley e Micky Moody, o sossegado baixista Bomber Hodginkson, a pesada bateria de Cozy Powell e os teclados de Jon Lord não deixam por menos, enquanto Coverdale leva o público ao delírio cantando grandes sucessos da banda, como "Walking in the Shadow of Blues", "Rough 'n Ready", "Ready and Willing" e "Guilty of Love", terminando o concerto com uma apoteótica versão de "Fool for Your Loving". *L.R.*

EDDIE MURPHY

Ele é um bom rapaz. Não bebe, não fuma nem toma drogas. Ele é um superstar. Em seu panteão existem apenas três ídolos: Elvis Presley, Bruce Lee e ele próprio.

Uma infância difícil foi a do pequeno Eddie Murphy, que nasceu no Brooklin de Nova York em 03/04/61. Seus pais divorciaram-se quando ele tinha três anos. Aos oito, seu pai morreu, sua mãe foi hospitalizada e Eddie foi entregue à custódia de uma "amiga" da família que ele mesmo mais tarde qualificaria como "negra nazista". E complementa: "Provavelmente, foi aí que eu me tornei um humorista".

Sua mãe recuperou-se e logo casou-se de novo. E Eddie voltou ao lar, agora em Long Island, um subúrbio de Manhattan. É lá que seu interesse pela carreira artística começou a suplantar outras grandes paixões: o caratê, o beisebol e a astronomia. Pouco a pouco, Eddie acaba por se devotar inteiramente ao teatro. Sua recompensa não tardaria: com apenas dezenove anos faria sua estréia no *Saturday Night Live*, programa da TV americana, celeiro de astros como John Belushi e Dan Aykroyd. Por acompanhar as brilhantes performances de Murphy na TV, Walter Hill escolheu-o para personificar Reggie, o presidiário que tornou-se um dos "mocinhos" em *48 Horas* (82). Um ano depois, ele seria Billy Ray Valentine, o pobretão que vira repentinamente milionário em *Trocando as Bolas*, de John Landis. Logo depois faria o papel de Axel Fowley, aquele tira espertinho de Chicago de férias em Beverly Hills em *Um Tira da Pesada*, de Martin Brest.

A essa altura do campeonato, Eddie já estava com a bola toda: tinha se consolidado como comediante, ator cinematográfico e até gravado três discos. Assim Murphy deu-se ao luxo de só voltar a filmar dois anos depois, em *O Rapto do Menino Dourado*. Depois atuaria na inspirada continuação de *Um Tira da Pesada*, dirigida por Tony Scott. Ainda em 87, ele estrelou *Raw — The Concert Movie*, do diretor negro Robert Townsend, uma coleção de sketches dos shows que Eddie vinha apresentando pelos EUA.

Um dos mais conceituados comediantes do momento, Murphy incorpora em suas personagens muito de sua vivência pessoal. Um crioulo folgado e bem-sucedido, esbanjando arrogância e sex-appeal, vendo cada vez mais real seu sonho de ser o "Elvis dos anos 80". Vai fundo, Eddie!

Celso Pucci

FILMOGRAFIA COMPLETA (todos os filmes com * são disponíveis em vídeo): *48 Horas* * *(48 Hours*, 82), *Trocando as Bolas* * *(Trading Places*, 83), *Best Defense* (84), *Um Tira da Pesada* * (84), *O Rapto do Menino Dourado (The Golden Child*, 86), *Um Tira da Pesada II (Beverly Hills Cop II*, 87), *Eddie Murphy "Raw" – The Concert Movie* (87)

A salvação do pop pela microfonia? A única banda ainda capaz de resgatar a inocência? Os mais hábeis artífices de canções agridoces? Quem são afinal esses garotos vindos das terras sombrias da Escócia? Eva Joory *conversa com Jim Reid, em Londres, e* Marcel Plasse *voltou no tempo, atrás da resposta...*

O PARAÍSO PERDIDO DO JESUS & MARY CHAIN

Dois irmãos com menos de vinte anos em East Kilbride (isto é, lugar nenhum, Escócia). Passatempo disponível: tomar ácido e brigar em lugares abandonados. Adolescência difícil pra Jim e William Reid. Jim lembra: "Fiquei cinco anos desempregado. Foi isso que nos deu a idéia de montar uma banda." O que mais poderiam fazer? Ok, "eu canto e você toca a guitarra..." No baixo e na bateria, os amigos Douglas Hart e Bobby Gillespie. O basico.

"Antes do desemprego, eu trabalhava numa fabrica, o que era bastante deprimente. O desemprego foi voluntário porque minha experiência na fabrica foi horrível. Odiei esse trabalho. Nunca mais quero voltar pra lá. Se o grupo acabar amanhã, prefiro continuar desempregado e ser um pouco mais feliz..."

Quando eles tinham 15 anos — "a idade certo para aprender" —, as entrevistas de Johnny Rotten e os shows de grupos punks jorravam maravilhosamente. "Isso mudou a minha maneira de ver o mundo, me deu confiança! A idéia do grupo, porem, so veio muito depois — apesar de sempre termos gostado de tocar, ou, pelo menos, tentando tocar. Em 1984, quando criamos a banda, foi mais pelo desespero do desemprego e de medo de chegar aos 40 anos sem ter feito nada na vida".

Mas quem queria ouvi-los? quem queria ouvir uma fita demo de garotos de East Kilbride? Talvez alguem em Glasgow, onde, segundo a imprensa musical britânica, tudo acontece. Aconteceu pouco e eles acabaram se mudando para Londres. Jim, William e Douglas morando no mesmo buraco — Bobby ficou em Glasgow.

Hosannas histéricos nas páginas da sessao *Live* (Ao Vivo) do semanário *New Musical Express* deram inicio à falaçao. No ano anterior, a sensação havia sido os Smiths. A imprensa estava à cata de novos *darlings*. E The Jesus & Mary Chain não podia ser um nome menos arrogante. Entretanto, apesar de todo o barulho do primeiro compacto, "Upside Down" (lançado pelo então microscópico selo Creation), eles ainda nao eram uma revelação iluminada.

Jim: "Tivemos muita sorte em atrair a atenção de jornais como o *NME*, que sempre falava de nos com matérias dizendo que éramos os futuros Beatles *(risos)*.

A celestial triade de compactos seguintes, já pelo selo Blanco Y Negro, foi o canto de sereia do grupo. Bateria e baixo minimal, vocal dulcissimo e guitarra como um sintetizador no inferno. "Never Understand", o elogio mais eloquente da irresponsabilidade adolescente desde "Pretty Vacant" dos Sex Pistols, numa canção-spray — algo como um mix de Beach Boys e os momentos mais experimentais dos Buzzcoks —, com um lado B igualmente brilhante ("Suck", a canção mais acida do grupo, e o cover de "Ambition", do Subway Sect). "You Trip Me Up", uma onda para o Surfista Prateado (herói dos quadrinhos Marvel) ou, segundo Jim, "a canção de verao do Jesus & Mary Chain" — um arraso em pleno sol —, reverberações e ecos de Suicide. E, finalmente, a balada pop mais doce de 1985, "Just Like Honey": guitarras envolvendo um vocal sem folego — uma versão acústica no single de 12 polegadas dá a medida exata do quao suave os irmaos Reid podiam ser, apesar deste mesmo single conter "Head", a faixa mais psicotica de sua carreira.

E então, *tchan!*, o LP *Psychocandy*... Um doce psicótico, uma trip ácida, corrosiva e caramelada. O nome perfeito para o álbum perfeito — melhor disco de 1985 segundo a imprensa britânica; melhor disco de 1986 pela votação de BIZZ. Bem ou mal, todo mundo falou em *Psychocandy*. Como ficar indiferente a sua agressividade/suavidade?

No entanto, a fascinação do ruido, da microfonia abissal, hipnotizou o publico — inclusive jornalistas —, de tal forma que a deliciosa incrustação pop dos irmaozinhos escoceses perdeu-se num enfoque indevido. E *Psychocandy* era justamente o equilibrio perfeito entre a tempestade e a bonança. Por ocasiao de sua primeira turnê americana, Jim e William preferiram ser comparados aos Beach Boys do que aos Sex Pistols. "Psychotic Beach Boys!", disse o vocalista à revista *Spin*.

De qualquer forma, J&MC não surgiu como um grupo terminal — o ultimo suspiro do rock, ao qual sobrariam apenas destroços, nos moldes do punk rock. J&MC, como o nome redentor supõe, veio à Terra como a salvação do pop. Ou quase isso. O que os movia em busca da divina perfeição era uma questão básica: o que é e sempre foi o pop perfeito? De um lado, o barulho de Velvet Underground e Stooges, do outro, a suavidade de Beach Boys, Monkees, etc. No meio disso, uma dezena de esquecidos fundamentais... "Claro que ouvimos discos e fomos influenciados por eles, mas nao só por uma década em particular. De uns tempos pra cá, todo mundo em Londres ficou meio enlouquecido com os anos 60. Não gosto de fazer parte desse movimento (ao contrario de Bobby Gilespie, uma das franjas mais *sixties* do novo Velho Mundo). Acho que os anos 50 foram muito mais importantes. Foi fácil ter sido Rolling Stones nos 60, difícil foi ser Chuck Berry nos 50."

O karma do ruido foi superado no primeiro disco pós-*Psychocandy*, o EP *Some Candy Talking*, um lançamento de 12 polegadas com quatro faixas, incluindo uma versao acustica de "Taste of Cindy", uma das faixas do LP anterior, e uma cançao chamada justamente "Psychocandy", mais para "Just Like Honey" do que para o *wall of sound* de microfonia e distorção que tanto falatório havia alimentado. *NME*, *Melody Maker* e *Sounds* voltaram a ficar de quatro. A única faixa barulhenta, ironicamente, chamava-se Hit.

Jim: "Os ruidos e a microfonia estavam destruindo o grupo. As pessoas só comentavam o barulho que faziamos, ignorando nossas composições. Foi algo bastante incompreendido, tanta gente causando tumulto em cima de uma coisa tão pequena. É só um som especifico de guitarrista!" Esse "barulho", porém, foi tomado como inovaçao no cenario musical, apesar de ser velhissimo — vide Velvet Underground. Logo apareceram os herdeiros — alguns, inclusive, que existiam antes do próprio J&MC: The Primitives, The Shop Assistants, The Pastels... Microfonia se tornou palavra de ordem — o *acid rock* dos 80, de acordo com criticos apressados. Ah, a memória! Sonic Youth lançou seu primeiro EP em 1982, mas poucos se deram conta na época. Não, tampouco a trip dos irmãos Reid era essa. Nao havia misterio ou pretensão em seu *wall of sound*.

Jim: "Em nossos primeiros shows nao sabiamos tocar nada. Pra maioria das pessoas nao éramos musicos ou o que tecnicamente pode se chamar de músico. E o que não podiamos fazer tecnicamente compensavamos com a imaginação. Foi um excelente meio de contrabalançar nossas deficiências! Antes de formarmos a banda eu não sabia tocar nada, William uns poucos acordes e não tinhamos baterista. O que decidimos fazer foi a coisa mais obvia para quem não sabe tocar: barulho!

Barulho extremo e destruição! O equívoco na divulgaçao de seus shows acabou levando o grupo as páginas policiais, como nos velhos tempos do punk rock. "Tinha muito a ver com o que as pessoas liam sobre nós. Muita gente foi aos nossos primeiros shows só pra brigar. Eu realmente não entendo essa atitude. Se você se sente violento, existem coisas bem mais construtivas para se fazer. No começo, eu achava apenas engraçado — não podia ser sério! Depois a situação foi se agravando... Mas nunca deixou de ser patética!"

Até agora, a unica mudança na formação do J&MC ocorreu com a saida de Bobby Gilespie, que optou por sua própria banda, Primal Scream, onde canta — "As pessoas sempre o viram mais como o vocalista do Primal do que como o baterista do Jesus..." Em 1987, os irmaos Reid e Douglas Hart foram acompanhados por uma bateria eletrônica.

Os novos singles, "April Sky" e "Happy When It Rains", são convites irresistiveis à dança — sem microfonia, fascinação ou repulsao, amor e morte... Apenas ceu! O novo Jesus & Mary Chain, do LP *Darklands* é puro *candy*, docinho pop com sabor de mel. Jim: "Já imaginavamos as criticas que iamos receber. Quando paramos de usar microfonia todo mundo nos criticou, é claro. So posso dizer que a pior coisa que poderiamos fazer seria repetir a receita de *Psychocandy*. Mas cada um quer uma coisa diferente — os criticos e a gravadora gostariam de um som tipo U2 *(risos)*! Nos apenas não nos esforçamos para agradar ninguem, a não ser nós mesmos. *Darklands* era o disco que queriamos ouvir. E quando formamos o J&MC queriamos justamente isso: tocar as musicas que sempre quisemos ouvir!"

Apesar das aparências, *Darklands* nao é um album suave. "Se o disco passa essa impressao é unicamente pelo efeito das guitarras. O estilo das gravações é igual ao do *Psychocandy*. So tiramos fora a microfonia. E nós nao tinhamos nenhuma obrigação em nos repetir! O que nos irrita mais é que, com *Darklands*, as pessoas que achavam que deviamos parar de usar microfonia agora acham que deviamos continuar com nosso som distorcido e barulhento!

As letras continuam a pauleira de sempre: "Minha tendencia, minha inspiração para escrever vem quando estou muito triste, e é por isso que nossas musicas soam tristes. Sentimos que temos necessidade de dizer coisas quando estamos deprimidos. Quando estou contente, quando saio bastante e me divirto encontrando pessoas, compor é a ultima coisa que passa pela minha cabeça. Além disso, no pop, o lado triste da vida é a unica coisa que vale a pena ser contada. Nao estou interessado em cantar sobre o clichê *boy meets girl* numa discoteca e romances banais. Isso não significa nada para mim nem pra ninguém — eu espero. Romance é a coisa mais natural do mundo, por isso deixa de ser importante."

O atual som do J&MC tambem registra, de maneira definitiva, sua atração por *surf music*. De "Kill Surf City" (lado B de "April Sky"), variaçao anos 80 do classico "Surf City" de Jan & Dean, a uma versão explicita de "Surfin' USA" dos Beach Boys. "O que estamos fazendo é o que a *surf music* deveria ter sido. Você ouve os Beach Boys e as musicas são sensacionais! Mas o jeito como elas ficaram é terrivel. Ouvindo Beach Boys você pensa: Por que eles não usam roupas de couro? Por que não falam palavrões? Por que não chutam alguem no publico? É tudo certinho demais! Contudo, as músicas sao formidaveis. Eles tinham um grande potencial, mais não chegaram lá, eu acho. Admito que pra nós foi facil fazer essas versões em 1987. Acredito que nos anos 60 seria bem mais dificil. Isto é, o que fizemos foi bom, mas se tivéssemos feito isso em 1960 teria sido genial."

Autocritica não lhes falta. Isso chega mesmo a ser mortal. Sao a antitese do *show business*. Sequer sonham em lotar estádios e fazer megaturnês mundo afora. Pelo contrario: quanto menos tocarem ao vivo, melhor. "Por duas razoes: levamos semanas pra gravar algo que fique com boa qualidade — tentar reproduzir o mesmo som num show é impossível! A outra razao é que temos que tocar as mesmas musicas na turnê inteira! No final, acabamos odiando nossas próprias músicas, e e deprimente chegar a esse ponto. Por isso fazemos turnês relativamente curtas. Nao entendo como U2 e Dire Straits ficam rodando durante dezoito meses."

Da mesma forma, os shows sao diminutos. "No começo eram quinze minutos! Tinhamos seis musicas de dois minutos cada, pouca coisa pra tocar. E tocar pouco causava impacto nas pessoas. Tipo, uma musica tão diferente e só vinte minutos! Deixávamos todos boquiabertos. Se tocassemos mais, iriam pedir pra gente parar, afinal era meio insuportavel. Agora, se o show é bom, voltamos para o bis e ai chegamos a tocar 45 minutos *(risos)*!"

Yeah. "O sucesso não nos mudou em nada. E nem tinhamos alguma pretensao. Quando formamos o grupo, foi por puro amor à música. Entretanto, algumas coisas que fazemos agora nao tem nada a ver com esse amor — dar entrevistas, escolher capas, ser fotografados... Nunca pensamos em fazer essas coisas. O mais dificil é ter que fazê-las sem vontade."

Haverá lugar para toda essa inocência à beira da última decada do seculo? Haverá ainda pessoas que fiquem felizes com uma simples chuva? Ah, Jim Reid, como dói perceber que os "corações são as coisas mais fáceis de quebrar..." *Yeah*, vamos nos quebrar, entao, frageis que somos, mais ou menos em torno dos 20 anos... É, Jim, dancemos chorando! Ainda há uma banda capaz de inspirar esse tipo de sentimento. Bendito o fruto do vosso ventre...

"No pop, o lado triste da vida é a única coisa que vale a pena ser cantada. Não estou interessado em romances banais... Romance é a coisa mais natural do mundo e, por isso, deixa de ser importante"

William Reid, Bobby Gillespie — que saiu para ficar em sua outra banda —, Jim, que foi o entrevistado e Douglas Hart

MARINA

LONGE DAS SOMBRAS

Ela não queria ficar defendendo a cria — o LP* Virgem*, despojado e frágil. Mas Mário Serapicus — um fã decepcionado — tanto insistiu que Marina desfiou todos os motivos que a levaram a fazer esse trabalho, recebido com ressalvas pela crítica

BIZZ — *Por menos que você queira, o que ainda te pedem nesse momento é para falar de* Virgem, *seu último disco. Não é verdade?*

Marina — Não que eu não queira mas é que eu não tenho muito para falar de *Virgem* porque eu me dei muito nele. Ali estou exposta. Então, acho que o trabalho está cumprido. Eu queria que as pessoas percebessem mais. Eu posso falar dele, mas é outra coisa.

BIZZ — *O que é?*

Marina — Virgem é meu signo, mas você pode estar virgem. Por atitudes, eu estou me sentindo virgem.

BIZZ — *Por atitudes em relação a quê?*

Marina — Em relação à vida. Muitas coisas mudaram na minha vida de um ano e meio para cá. Mudei de casa, fui para a Europa, troquei de empresária, tive um caso desfeito, tudo mudou. E eu não degringolei, não morri. A música "Virgem" fala disso, sem parecer um desaforo do tipo: "Vá embora, eu não quero você!" Ela diz que tudo funciona mesmo quando uma coisa termina. Então é isso: virgem para o mundo que está aí.

BIZZ — *Isso tem a ver com a sua carreira, de você já ter passado pelo período de afirmação?*

Marina — Eu vou explicar como esse lance de *Virgem* está tão presente. Essa é a primeira capa de disco em que eu apareço assim de frente, com o sol iluminando. Em todas as outras eu estou de óculos escuros, ou de lado ou meio na sombra. Eu estou querendo sair da sombra e vir para o claro. Esse é o meu processo interno... Na verdade é um movimento meu de sair da sombra até nas atitudes mais inconscientes. Eu tinha um Fiat Uno preto e, sem perceber, troquei por uma Paraty branca!

BIZZ — *Há um tempo atrás você e o Antonio Cícero tinham uma poética nova.*

Marina — Eu acho que ainda temos. Nós lançamos uma coisa.

BIZZ — *E continuam fazendo a mesma coisa?*

Marina — Mas é porque eu gosto dela. Eu gosto do que a gente faz.

BIZZ — *Mas você não acha que deve haver uma reciclagem?*

Marina — Existem músicas lindas nesse disco, entendeu? "Prestes a Voar" é uma obra-prima, entendeu? Eu comecei a fazer música sozinha porque elas vinham. Aí eu tive coragem de colocar uma no disco. O Leo Gandelman *(produtor de* Virgem*)* pediu que eu colocasse mais músicas minhas também. Eu achei legal, mas tem um lance de inibição minha muito grande. Eu sempre falei que adoro cantar. Eu tenho a sorte de ter uma pessoa como o Antonio Cícero, que, além de irmão e parceiro, é uma puta poeta que me traduz muito bem. Mas às vezes eu estou sozinha em casa e vêm rompantes, assuntos. Não dá para conter — e eu não tenho vontade de conter. Eu faço isso há algum tempo, mas nunca mostrei. Até que uma vez eu mostrei minhas composições para o Caetano. Ele foi lá em casa e deu uma música minha para a Bethânia gravar. "Não deve ser tão ruim assim", pensei. Deve ser legal.

BIZZ — *Como funciona seu processo criativo? Só acontece quando batem esses rompantes ou existe também o lance da técnica, da pesquisa, que é pouco emotivo e mais cerebral?*

Marina — As vezes eu tenho rompantes, pego e faço a música. Quando o Caetano achou bonito meu trabalho, me senti mais segura, embora o Cícero já o achasse legal. Nesse disco eu queria colocar uma música só minha, que é "1.º de Abril (Eu, Negar?)". Eu gosto,

Vivencial/Azul

acho bonita e respeito essa música. Pô, eu fui inteligente nela. Com as minhas duas outras músicas do disco ("Confessional" e "Doce Espera") eu tenho mesmo um pouco de inibição. Agora, no trabalho com o Cícero há muito de inspiração, mas tem também muita pesquisa — às vezes setenta por cento — de acorde. Ultimamente, porém, estou gostando muito mais de cantar do que de compor. Eu comecei a gostar de música porque tocava muito bem violão, e acho que ainda toco. Comecei como instrumentista, aprendi clássico e tal. Passei a compor e a me ligar mais em harmonia. Depois me interessei mais por cantar. No momento, os dois primeiros lados — de instrumentista e compositora — estão menos importantes para mim. Não sei por que, não sei se é certo ou errado. Só é sincero o que estou sentindo. Por isso coloquei uma música do Cazuza, outra música em inglês. Estou gostando de apenas cantar. Com relação a compor estou muito exigente.

BIZZ — *Você é uma pessoa que tem idéias e uma visão de mundo. Você não tem necessidade de colocar isso? Por que abandonar?*

Marina — Não estou abandonando. O disco tem seis faixas minhas em dez. Só estou querendo dar esse depoimento: nesse momento o canto está muito importante. Não estou dizendo que só quero ser cantora, só que estou adorando cantar. Não vou parar de compor. Vou continuar mostrando ao mundo como acho que ele é. Se não for por mim, falo por outros. A música é nossa política. A gente fala de comportamento e isso é política também. Mas nos temos a nossa maneira de falar. Eu não falo como o Renato Russo, que tem outro estilo. É bom existirem vários estilos. Senão fica tudo igual. Cada um tem sua maneira.

BIZZ — *Cada um levanta sua bandeira?*

Marina — Eu acho bom cada um levantar a sua. Só levantar a mesma quando houver uma comum, sem obrigação de ser igual. Eu sigo por vários caminhos porque gosto de blues, funk, rock e até samba.

BIZZ — *Você se preocupa com a fusão de estilos, mas esse último disco não é muito misturado.*

Marina — Pô, eu acho superpop esse disco. É pop é mistura. Pop é cultura contemporânea. E quando você faz alguma coisa bonita você está sendo inovador de alguma maneira. Agora, se você quer um conceito, é melhor conversar com o Cícero, que é todo conceitual. Eu sou atirada, e você está querendo que eu fale sobre coisas que realmente não me preocupam.

BIZZ — *Só acho que por trás do seu trabalho deve haver uma coisa que te move.*

Marina — Você disse antes que acha o disco adolescente e eu acho que você está maluco! Ele é o disco mais inteiro, mais mulher que eu já fiz. O mais profissional. Completamente sem culpa, sem medo e sem receio de me mostrar. Meu produtor é o cara mais por dentro de sons e tecnologias modernas. E me interessava a fusão com ele. Os músicos são os mais competentes e não há nada de adolescente. Só se for a alegria de viver, e aí é outra coisa.

BIZZ — *O problema não é de competência, e sim de falta de preocupação com o novo, num momento em que está um marasmo geral no país e na música brasileira.*

Marina — Se você acha que ele não tem nada de novo não adianta falar mais nada. Eu acho do caralho, só que não vou ficar aqui defendendo o disco, tentando provar o contrário do que você pensa. Se você não sentiu ouvindo, direito teu, cara. Não vou te provar isso com palavras.

BIZZ — *Eu queria que você falasse sobre essa afirmação de que ele é o disco mais mulher que você já fez.*

Marina — Já faz algum tempo que eu estou sozinha, uma coisa que me metia muito medo até pouco tempo atrás. Eu queria me mostrar sem estar acompanhada de ninguém, pois sempre que se está com alguém vira dois, ou um em dois. E eu queria mesmo ficar sozinha inteira. Então foi um disco sem culpa porque eu não estou mais me sentindo paternalizada por ninguém — livros, pai, mãe, mais nada. Eu me mostro adulta e como é o mundo para mim. Assim é o mundo em que eu vivo; assim é o som de que gosto. Não me sinto mais uma garota. Me sinto uma mulher atenta, mais esperta e sabendo de muita coisa que rola.

BIZZ — *Você não sente o país brochado, economica, política e sexualmente?*

Marina — Acho. Veja essa história da AIDS. Todo final de século aconteceram pestes e sempre acharam vacinas contra elas. Eu acredito na ciência e não é possível que não encontrem uma vacina contra a AIDS. O problema é o moralismo da Igreja e da direita, que a usam para denunciar a "libertinagem". Nós conquistamos a liberdade sexual e não podemos voltar atrás. Pra mim, isso é coisa para meter medo e provocar culpa em todo mundo. Quem está com 15, 16 anos fica apavorado.

BIZZ — *Mas essa raiva não está no seu disco.*

Marina — Tem em algumas faixas, mas não em todas. Sou muito ligada no lance da música. Tenho um romantismo que é um barato meu. Tem horas que quero fazer uma faixa com um som supersofisticado. Uma aparência só rebelde não é o meu lado, seria forçar a barra. Acho genial quem faz isso. Eu tenho outras preocupações que são mais importantes pra mim. Tem horas que eu quero trepar, brigar por outras coisas. Meu disco é o que eu quero neste momento, e ele é como eu sou. Não passo o tempo todo preocupada com essas coisas. E não pense que foi um disco relaxado, sem preocupação nenhuma. Foi meu disco mais cuidadoso, mais trabalhado. Eu tenho essa preocupação. Não queira que eu seja igual aos outros. Ele só não é frio. Não tem essa fúria que você esperava, mas para mim está coisado com o momento que eu vivo. Minha preocupação não é com o momento político brasileiro, mas passar o que eu estou sentindo. Existem respostas para muitas coisas, mas talvez não sejam as que você espera.

BIZZ — *Mas não dá para agüentar aquela das "bundinhas pra fora".*

Marina — Você é preconceituoso e moralista! Essa música é linda! Ela habita e corre o risco que me interessa, aquele fio invisível entre o que é chique e o que é vulgar. A música só fala de sexo, do cara que está querendo comer as mulheres.

BIZZ — *Pra isso faltou sutileza.*

Marina — Deve ser um grilo de paulista esse incômodo com a expressão "Todas de bundinha pra fora", uma coisa supernormal numa cidade de praia como o Rio de Janeiro. Às vezes é do mais vulgar que vem o mais sutil.

BIZZ — *É que depois de Todas, quando aconteceu sua afirmação, ficou muita expectativa em relação a este seu próximo disco.*

Marina — Eu queria fazer um puta disco de estúdio e mostrar lados meus que eu nunca tinha mostrado — um lado só de compositora, muito inibido. Mostrar como quando estou sozinha, como tudo é tão de amor. Mostrar num disco de estúdio esse lado ao vivo, que talvez seja essa coisa infantil e rústica da qual você fala. Agora, para mim, nesse trabalho era importante definir claramente que eu sou uma mulher, tenho desejos. Tem uma coisa de comportamento sexual muito importante nesse disco. Já é tudo tão sabido que eu acho que tudo pode. É para ser bem cara-de-pau. É como o Jorge Salomão diz: "Nós, os bissexuais".

Se tiver que hastear uma bandeira, ela é a de liberação. Não preciso mais dizer que homens e mulheres são bonitos e que sou aberta a qualquer coisa. Isso já está mais do que claro. Segurar bandeira é legal, mas elas também podem mudar. Eu agora quero achar que uma mulher no Brasil pode ter o direito de ser financeiramente independente e liberada sexualmente. Quer coisa mais maluca que o nome *Virgem* para o disco de uma mulher de 32 anos? Pra mim isso tudo é uma ironia, uma maneira de mostrar que você pode ser tudo que quiser, desde que você tenha o mínimo de condições.

BIZZ — *Essas condições são econômicas também.*

Marina — Mas aí o Renato Russo, ou qualquer outro que estude, vai falar sobre sua área de atuação. Eu falo sobre onde eu atuo!

BIZZ — *Que é o lado sentimental?*

Marina — Eu não sou estudante. Renato Russo é um estudante e acho genial essa preocupação dele. Eu jamais faria uma música como "Eduardo e Mônica". Esse mundo não me interessa muito.

BIZZ — *Qual é o mundo que te interessa?*

Marina — O que me interessa é o fato de que não existia uma música pop no Brasil. Ou era rock, rock; ou era brega, brega. Eu me proponho a misturar tudo isso e fazer música pop no Brasil. Hoje existe uma música pop brasileira. Na questão musical nós estamos à altura do mundo. E não é só a MPB. Me convidaram para ir a Montreaux e aos Estados Unidos, e vou mostrar um outro tipo de música que não é só MPB. Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil também fazem parte da música pop, mas existe toda uma outra leva, que seria o Legião, o Kiko Zambianchi, o Lobão, Cazuza e muitas outras bandas que fazem uma coisa mais moderna, mundial.

BIZZ — *Seria uma música mais internacional e menos brasileira?*

Marina — Eu não gosto de nada muito puro, muito branco. Eu não gosto da música inglesa, não é a minha cara. Prefiro a americana, que é mais misturada. Uma coisa toda do mesmo jeito eu fico achando que é falta de imaginação. *Virgem* é assim, todo cheio de detalhes, todo rico.

BIZZ — *Como é para você enfrentar entrevistas nas rádios promover o disco e fazer um monte de coisas que não têm nada a ver?*

Marina — O que me incomoda é que o sucesso, às vezes, toma muito tempo. Você é mais requisitado. Embora eu adore falar e conhecer milhões de pessoas que pensam igual. Isso me deixa muito feliz e me faz perceber que não estou sozinha, que nós vamos conseguir vencer e ganhar dos caretas. Mas, como eu não gosto de mandar pilotos no meu lugar, prefiro ir eu mesma falar do meu trabalho. Me desgasto como se estivesse fazendo a pregação de uma plataforma política, falando o tempo inteiro das coisas que acredito. Minha vida pessoal também é muito importante, e eu não estou querendo ser a Joan Baez da paz. Eu estou a fim de me dar bem, de ser feliz, encontrar pessoas que têm a ver comigo, de namorar, de batalhar e, também, ser uma pessoa normal. Às vezes entro em conflito, e a análise me ajuda nisso.

BIZZ — *Em que tipo de conflito?*

Marina — Eu fico o tempo todo segurando essa plataforma e quando chego em casa vou dormir sozinha. Se algum dia eu sentir que estou tendo que seguir a minha carreira, fudeu, vou larga-la.

BIZZ — *Seria uma pena, porque depois da Rita Lee e da Elis Regina, Marina poderia ser o grande nome feminino da música brasileira. Minha convicção só fica meio abalada com esse último disco.*

Marina — Além da Paula Toller — e todos ficam putos porque falo bem dela — a única mulher que compõe sou eu. Ela, bem ou mal, compõe, canta numa banda. Agora vem a Vange Leonel, da Nau, que eu também adoro. São poucas as mulheres que fazem isso no Brasil. O bom daquele especial com o show de *Todas* ter ido ao ar pela televisão foi que ele mostrou não existir só o jeito da Simone, da Gal... Mostrou que existe um outro padrão de mulher, de cantora, na música brasileira. Você tem que entender o trabalho de cada artista, independente dos seus anseios. Você não pode querer do meu disco a mesma coisa que tem nos LPs do Legião ou Titãs. Me preocupo com uma série de coisas comuns a muitas pessoas, mas não estou preocupada em ser panfletária. Já falei sobre muitas coisas importantes para mim em outros discos. Não posso ficar o tempo todo me autoflagelando. Quem entendeu, entendeu. Quem não entendeu, vai se fuder, não vai entender nunca.

"O bom do show Todas ter ido ao ar pela televisão foi que ele mostrou não existir só o jeito da Simone, da Gal... Ele mostrou um outro padrão de mulher, de cantora na música brasileira"

Malcolm Faulkner Arte

MELHORES DE 87

A VOTAÇÃO DA CRÍTICA

UM MAU ANO... MESMO?

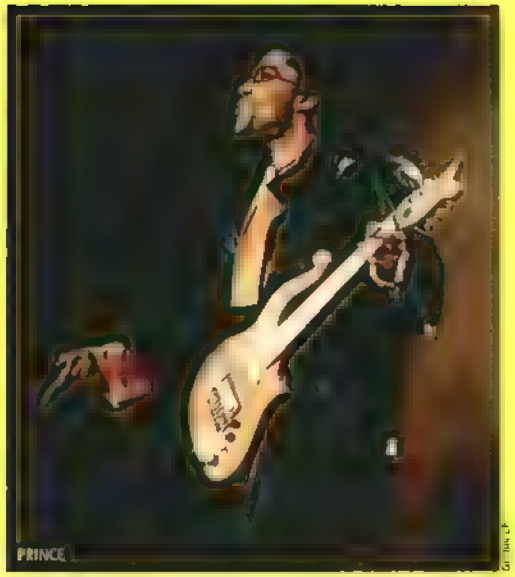
1987 foi, a exemplo de 1986, mais um ano dedicado a tirar o atraso. Entre os melhores lançamentos estiveram desde os tardios Closer (do Joy Division), L.C. (Durutti Column) e Mask (Bauhaus) até o catálogo de blues da memorável Chess Records e as relíquias da Charly, numa enxurrada de monstros sagrados: Muddy Waters, Jerry Lee Lewis, Howlin' Wolf, Chuck Berry, Little Richard...

Mas a comentada apatia da produção nacional e internacional, bem vista, nem é tão grave... O rock brasileiro sedimentou-se, e, ao lado da confirmação dos Titãs, da Legião e de Lobão como grandes nomes, pipocaram trabalhos inovadores e de alta qualidade, como os do Gueto, do DeFalla, Fellini, Metrô e Akira S. Sem falar na saudável recuperação de duas figuraças da MPB: Caetano e Macalé.

O plano internacional reserva menos surpresas: Prince e New Order mantiveram a coerência — e a preferência! —, enquanto Nick Cave e seus Bad Seeds e o Fall, dois dos grupos mais íntegros da atualidade, desembarcavam finalmente em nossas prateleiras. Veteranos, mas não caretas: Bryan Ferry, Kraftwerk e Ginger Baker deram lições de renovação. Da América: Tom Waits, R.E.M. e a grata surpresa de Suzanne Vega — todos entre os Melhores do Ano da BIZZ (votação da crítica) — mostram que, afinal de contas, o rock (ainda) não morreu...

Para este ano, mantivemos a maior parte dos critérios do ano passado (votação permitida só nos lançamentos originais de 1986 para cá), criamos algumas categorias (melhores letristas, capa, música), derrubamos outra (televisão, chateados que estamos com a pasmaceira da mídia eletrônica...) e, principalmente, aumentamos o número de votantes. Entre o pessoal da redação, colaboradores da BIZZ e comentaristas especializados de todo o Brasil, foram 25 convidados dos quais 22 elaboraram suas listas. Para LP e Música, foram votados por cada membro do "colégio eleitoral" (ugh!) dez nomes, que receberam 10, 9, 8, 7, 6 pontos, e assim por diante, no cômputo geral (em caso de votos sem ordem de preferência os pontos foram somados e divididos por igual). Para as outras categorias, cada votante escolheu três nomes (que receberam 3, 2 e 1 ponto no cômputo, valendo o critério anterior em casos de votos sem ordem de preferência). Mas chega de números, e vamos aos nomes!

A Redação



ALEX ANTUNES

LP NACIONAL
1 DeFalla
2 A Mão de Mao — Metrô
Fausto Fawcett & os Robôs Efêmeros
3 Lugares Diferentes — Fellini
5 Estação Primeira — Gueto
A Era da Incerteza — Biquini Cavadão
Cada Dia Mais Sujo — Ratos de Porão
D — Paralamas
Pedra 90 — Gang 90
Não São Paulo 2 — Vários

MÚSICA NACIONAL
(sem ordem de preferência)
"Dama da Noite" — Último Número
"Ana Banana" — TNT
"Carne e Osso" — Picassos Falsos
"Saco Cheio" — Luiz Melodia
"Completamente Blue" — Cazuza
"Luta" — Gueto
"Soweto" — Djavan
"Bravo Mundo Novo" — Plebe Rude
"Já Deu Pra Sentir" — Arrigo & Itamar
"Conexão Amazônica" — Legião

LP INTERNACIONAL
1 Bête Noire — Bryan Ferry
Measure for Measure — Icehouse
[illegible] Sinister — Fall
Force — A Certain Ratio
Electric Cafe — Kraftwerk
5 Horses and Trees — Ginger Baker
Happy? — PIL
Opus Dei — Laibach
Should the World Fail — Peter Murphy
Rhythm Killers — Sly & Robbie

MÚSICA INTERNACIONAL
1 Bootsy — A Certain Ratio
"New Town" — Bryan Ferry
"Blah Blah Blah" — Iggy Pop
"U.S. 80's — 90's" — Fall
"Spanish Gold" — Icehouse
"The Ballad of Dorothy Parker" — Prince
"The Telephone Call" — Kraftwerk
"Room Full of Mirrors" — Pretenders
"Confessions" — Peter Murphy
10 One Sleep — Pink Floyd

SÔNIA MAIA

LP NACIONAL
1 A Revolta dos Dândis — Engenheiros do Hawaii
Cada Dia Mais Sujo — Ratos de Porão
3 Corredor Polonês — Patife
4 Estação Primeira — Gueto
5 Caetano
6 DeFalla
7 Pedra 90 — Gang 90
8 Claro — Luiz Melodia
9 A Mão de Mao — Metrô
10 Vida Bandida — Lobão

MÚSICA NACIONAL
1 "Terra de Gigantes" — Engenheiros do Hawaii
2 "Faroeste Caboclo" — Legião
3 "Morte e Desespero" — Ratos de Porão
4 "Kátia Flávia" — Fausto Fawcett
5 "Eu Sou Neguinho?" — Caetano Veloso
6 "G.U.E.T.O." — Gueto
7 "Coração de Alguém" — Gang 90
8 "Soldier Lips" — Lobão
9 "Faria Pouco" — Bandeleira
10 "Sandina" — Replicantes

LP INTERNACIONAL
1 Sign O' the Times — Prince
2 Masters of Puppets — Metallica
3 Reign in Blood — Slayer
4 Bête Noire — Bryan Ferry
5 Happy? — PIL
6 Bigger and Deffer — L.L. Cool J
7 Blah Blah Blah — Iggy Pop
8 Solitude Standing — Suzanne Vega
9 Electric — Cult
10 Brotherhood — New Order

MÚSICA INTERNACIONAL
1 "If I Was Your Girlfriend" — Prince
2 "Take This Waltz" — Leonard Cohen sobre Garcia Lorca
3 "Masters of Puppets" — Metallica
4 "Tom's Dinner" — Suzanne Vega
5 "Adore" — Prince
6 "Rules and Regulation" — PIL
7 "Isolation" — Iggy Pop
8 "I'm Bad" — L.L. Cool J
9 "Limbo" — Bryan Ferry
10 "Bête Noire" — Bryan Ferry

...IA ABRAMO

LP NACIONAL
1 3 Lugares Diferentes — Fellini
2 Estação Primeira — Gueto
3 4 Batutas e 1 Coringa — Macalé
4 DeFalla
5 Caetano
6 D — Paralamas
7 Que País É Este — Legião Urbana
8 Akira S & as Garotas Que Erraram
9 Violeta de Outono
10 Pedra 90 — Gang 90

MÚSICA NACIONAL
1 "O Ciúme" — Caetano Veloso
2 "Atropelamento & Fuga" — Akira S
3 "Já Deu Pra Sentir" — Arrigo & Itamar
4 "Ambos Mundos" — Fellini
5 "Conexão Amazônica" — Legião
6 "Emoção" — Gueto
7 "Nome aos Bois" — Titãs
8 "Carne e Osso" — Picassos Falsos
9 "Fósforos de Oxford" — Cabine C
10 "Barcos" — Nau

LP INTERNACIONAL
1 Kicking Against the Pricks — Nick Cave
2 Bend Sinister — Fall
3 Electric Cafe — Kraftwerk
4 Brotherhood — New Order
5 Sign O' the Times — Prince
6 Horses and Trees — Ginger Baker
7 Force — A Certain Ratio
8 Bête Noire — Bryan Ferry
9 Rhythm Killers — Sly & Robbie
10 Happy? — PIL

MÚSICA INTERNACIONAL
1 Bootsy — A Certain Ratio
2 "Limbo" — Bryan Ferry
3 "The Hammer Song" — Nick Cave
4 "The Telephone Call" — Kraftwerk
5 "Bedbugs and Ballyhoo" — Echo & the Bunnymen
6 "Sign O' the Times" — Prince
7 "Bizarre Love Triangle" — New Order
8 "Leben Heisst Leben" — Laibach
9 "Hard Times" — PIL
10 "Rhythm Killer" — Sly & Robbie

THOMAS PAPPON

LP NACIONAL
1 DeFalla
2 Estação Primeira — Gueto
3 Akira S & as Garotas Que Erraram
4 Jesus Não Tem Dentes — Titãs
5 Que País É Este — Legião Urbana
6 Nau
7 Recantando Mágoas — Jamelão
8 Pedra 90 — Gang 90
9 O Strip-Tease da Alma — Último Número
10 Violeta de Outono

MÚSICA NACIONAL
1 "Não Me Mande Flores" — DeFalla
2 "Eu Sei" — Legião Urbana
3 "Ensaio Geral" — Gueto
4 "Todo Mundo Quer Amor" — Titãs
5 "Comida" — Titãs
6 "Quem Disse Que Não Havia Monstros?" — Akira S
7 "Quadrinhos" — Picassos Falsos
8 "Fósforos de Oxford" — Cabine C
9 "Já Deu Pra Sentir" — Arrigo & Itamar
10 "Carne e Osso" — Picassos Falsos

LP INTERNACIONAL
1 Kicking Against the Pricks — Nick Cave
2 Brotherhood — New Order
3 Bend Sinister — Fall
4 Opus Dei — Laibach
5 London Pavillion — Vários
6 Sign O' the Times — Prince
7 Who's That Girl — Vários
8 Force — A Certain Ratio
9 Echo & the Bunnymen
10 Dead Letter Office — R.E.M.

MÚSICA INTERNACIONAL
1 "Hey Joe" — Nick Cave
2 "Montague Terrace" — Mayfair Charm School
3 "I'll Keep With Mine" — Marianne Faithfull
4 "Who Do You Love" — Bo Diddley
5 "Sign O' the Times" — Prince
6 "Mali Kuhuba" — Kaputani
7 "Angel Dust" — New Order
8 "U Know What Time It Is" — Grandmaster Flash
9 "Bête Noire" — Bryan Ferry
10 "Like Cockatoos" — Cure

CEL... PUC...

LP NACIONAL
1 DeFalla
2 Solo — André Geraissati
3 3 Lugares Diferentes — Fellini
4 4 Batutas e 1 Coringa — Macalé
5 Akira S & as Garotas Que Erraram
6 Jesus Não Tem Dentes — Titãs
7 O Strip-Tease da Alma — Último Número
8 Estação Primeira — Gueto
9 Cada Dia Mais Sujo — Ratos de Porão
10 A Mão de Mao — Metrô

MÚSICA NACIONAL
1 "O Ciúme" — Caetano Veloso
2 "Já Deu Pra Sentir" — Arrigo & Itamar
3 "Um Pouco Assustador" — Arnaldo Baptista
4 "Luta" — Gueto
5 "Será Que Vai Chover" — Paralamas
6 "Suíte Muito Grande" — Hermeto
7 "A Ida" — Plebe Rude
8 "Vida Dura" — Gang 90
9 "Conexão Amazônica" — Legião
10 "Carne e Osso" — Picassos Falsos

LP INTERNACIONAL
1 Bend Sinister — Fall
2 Kicking Against the Pricks — Nick Cave
3 Brotherhood — New Order
4 Dead Letter Office — R.E.M.
5 Horses and Trees — Ginger Baker
6 Born Sandy Devotional — Triffids
7 Bête Noire — Bryan Ferry
8 Rhythm Killers — Sly & Robbie
9 Force — A Certain Ratio
10 Solitude Standing — Suzanne Vega

MÚSICA INTERNACIONAL
1 "Sign O' the Times" — Prince
2 "As Tears Go By" — Marianne Faithfull
3 "The Future's So Bright" — Timbuk 3
4 "Sighsee M.C." — B.A.D.
5 "Superman" — R.E.M.
6 "Hard Times" — PIL
7 "Bed of Nails" — Husker Dü
8 "Room Full of Mirrors" — Pretenders
9 "Orion" — Metallica
10 "French Kissin in the USA" — Debbie Harry

...UGUSTO LEMOS

LP NACIONAL
1 Estação Primeira — Gueto
2 Caetano
3 Disco Voador — Arnaldo Baptista
4 Passarim — Tom Jobim
5 3 Lugares Diferentes — Fellini
6 Que País É Este — Legião Urbana
7 Akira S & as Garotas Que Erraram
8 Tabapora — May East
9 Violeta de Outono
10 O Strip-Tease da Alma — Último Número

MÚSICA NACIONAL
1 "Faroeste Caboclo" — Legião
2 "Conexão Amazônica" — Legião
3 "José" — Caetano Veloso
4 "Emoção" — Gueto
5 "Esse Homem É Você" — Gueto
6 "Rio-Bahia" — Fellini
7 "Atropelamento & Fuga" — Akira S
8 "Sentir o Ódio e Nada Mais" — Ratos de Porão
9 "A Dança" — Kid Abelha
10 "Kátia Flávia" — Fausto Fawcett

LP INTERNACIONAL
1 Strange Weather — Marianne Faithfull
2 Electric Cafe — Kraftwerk
3 Bête Noire — Bryan Ferry
4 Brotherhood — New Order
5 Jerusalem — Alpha Blondy
6 The World Won't Listen — Smiths
7 Sign O' the Times — Prince
8 Raising Hell — Run DMC
9 Horses and Trees — Ginger Baker
10 Female Trouble — Nona Hendryx

MÚSICA INTERNACIONAL
1 "Loco de Amor" — David Byrne & Celia Cruz
2 "Limbo" — Bryan Ferry
3 "Hot Thing" — Prince
4 "I Want Your Sex" — George Michael
5 "Bizarre Love Triangle" — New Order
6 "Sign O' the Times" — Prince
7 "Peter Piper" — Run DMC
8 "Lips Like Sugar" — Echo
9 "Causing a Commotion" — Madonna
10 "Life is Hard" — Timbuk 3

MARCEL PLASS...

LP NACIONAL
1 DeFalla
2 A Revolta dos Dândis — Engenheiros do Hawaii
3 Estação Primeira — Gueto
4 3 Lugares Diferentes — Fellini
5 Jesus Não Tem Dentes — Titãs
6 Que País É Este — Legião Urbana
7 Caetano

MÚSICA NACIONAL
1 "Sodoma" — DeFalla
2 "Infinita Highway" — Engenheiros do Hawaii
3 "Teu Inglês" — Fellini
4 "Toda Forma de Poder" — Nei Lisboa
5 "A Mesma Dor" — Gueto
6 "Todo Mundo Quer Amor" — Titãs
7 "Kátia Flávia" — Fausto Fawcett
8 "Eu Sei" — Legião Urbana
9 "Quem Disse Que Não Havia Monstros?" — Akira S
10 "Ana Banana" — TNT

LP INTERNACIONAL
1 Sign O' the Times — Prince
2 Infected — The The
3 Brotherhood — New Order
4 Bend Sinister — Fall
5 Dead Letter Office — R.E.M.
6 Giant — Woodentops
7 Solitude Standing — Suzanne Vega
8 Bad — L.L. Cool J
9 Electric Cafe — Kraftwerk
10 Echo & the Bunnymen

MÚSICA INTERNACIONAL
1 "Hot Thing" — Prince
2 "Crazy" — R.E.M.
3 "Terry Waite Fez" — Fall
4 "Infected" — The The
5 "Ask" — Smiths
6 "Luka" — Suzanne Vega
7 "Kanday" — L.L. Cool J
8 "Paradise" — New Order
9 "Give It Time" — Woodentops
10 "Wipe Out" — Fat Boys

...VES DE NE...

LP NACIONAL
1 Solo — André Geraissati
2 Jesus Não Tem Dentes... — Titãs
A Mão de Mao — Metrô
4 Caetano
5 3 Lugares Diferentes — Fellini
6 4 Batutas e 1 Coringa — Macalé
7 Adeus Carne — Inocentes
8 Akira S & as Garotas Que Erraram
9 Só Não Toca Quem não Quer — Hermeto Pascoal
10 Claro — Luiz Melodia

MÚSICA NACIONAL
1 "Lugar Nenhum" — Titãs
2 "Pátria Amada" — Inocentes
3 "José" — Caetano Veloso
4 "Kátia Flávia" — Fausto Fawcett
5 "Ensaio Geral" — Gueto
6 "Giulietta Masina" — Caetano Veloso
7 "Adeptos" — Harry
8 "Rio-Bahia" — Fellini
9 "Atropelamento & Fuga" — Akira S

LP INTERNACIONAL
1 Sign O' the Times — Prince
2 Bête Noire — Bryan Ferry
3 London Pavillion — Vários
4 Rythm Killers — Sly & Robbie
5 Brotherhood — New Order
6 Frank's Wild Years — Tom Waits
7 Bend Sinister — Fall
8 Electric Cafe — Kraftwerk
9 Solitude Standing — Suzanne Vega
10 Introducing the Hardline — Terence Trent D'Arby

MÚSICA INTERNACIONAL
1 "Bizarre Love Triangle" — New Order
2 "Bête Noire" — Bryan Ferry
3 "Valien" — The King of Luxembourg
4 "Sign O' the Times" — Prince
5 "Night School" — Frank Zappa
6 "Ice Cold Ice" — Husker Du
7 "They Dance Alone" — Sting
8 "With or Without You" — U2
9 "Torture" — Cure
10 "Goliath" — James Brown

...NANDO NAPORANO (SP, Revista A-Z)

LP NACIONAL
1 4 Batutas e 1 Coringa — Macalé
2 3 Lugares Diferentes — Fellini
3 Faremos Uma Noitada — Arnaldo e a Patrulha do Espaço
4 Adeus Carne — Inocentes
5 Akira S & as Garotas Que Erraram
6 Tabapora — May East
7 Duplo Sentido — Camisa de Vênus
8 Violeta de Outono
9 A Revolta dos Dândis — Engenheiros do Hawaii
10 Uah-Bap Lu-Bap-Lah-Béin-Bum! — Raul Seixas

MÚSICA NACIONAL
(não votou em músicas)

LP INTERNACIONAL
1 Strange Weather — Marianne Faithfull
2 Actually — Pet Shop Boys
3 Rockbird — Debbie Harry
4 The Ghost of Cain — New Model Army
5 Tunnel of Love — Bruce Springsteen
6 By the Light of ... — Los Lobos
7 Dead Letter Office — R.E.M.
8 Warehouse: Songs and Stories — Hüsker Dü
9 The World Won't Listen — Smiths
10 Born Sandy Devotional — Triffids

MÚSICA INTERNACIONAL
(não votou em músicas)

LEOPOLDO REY (Som 3, 97 FM, SP)

LP NACIONAL
1 Virgem — Marina
2 D — Paralamas
3 Que País É Este — Legião Urbana
4 Jesus Não Tem Dentes — Titãs
5 Cenas Brasileiras — Pau Brasil
6 Vida Bandida — Lobão
7 Solo — André Geraissati
8 Key — A Chave do Sol
9 Adeus Carne — Inocentes
10 Não São Paulo 2 — Vários

MÚSICA NACIONAL
(sem ordem de preferência)
"Vida Bandida" — Lobão
"Rádio Blá" — Lobão
"Lugar Nenhum" — Titãs
"Nome aos Bois" — Titãs
"Pátria Amada" — Inocentes
"Não É Permitido" — Inocentes
"Eu Sou a Lei" — Egotrip
"1 Noite e 1/2" — Marina
"Conexão Amazônica" — Legião Urbana
"Faroeste Caboclo" — Legião Urbana

LP INTERNACIONAL
1 Live — Judas Priest
2 Tribute — Ozzy Osbourne
3 ...Nothing Like the Sun — Sting
4 Master of Puppets — Metallica
5 The House of Blue Light — Deep Purple
6 Electric — Cult
7 A Momentary Lapse — Pink Floyd
8 Unchain My Heart — Joe Cocker
9 The Joshua Tree — U2
10 Gaudi — Alan Parsons Project

MÚSICA INTERNACIONAL
1 "Jailhouse Rock" — Mötley Crüe
2 "Orion" — Metallica
3 "Master of Puppets" — Metallica
4 "Budapest" — Jethro Tull
5 "We'll Be Together" — Sting
6 "Love Removal Machine" — Cult
7 "Born To Be Wild" — Cult
8 "You've Got Another Thing" — Judas Priest
9 "Unchain My Heart" — Joe Cocker
0 "Sagrada Família" — Alan Parsons

LUÍS ... (O ... de São Paulo)

LP NACIONAL
1 4 Batutas e 1 Coringa — Macalé
2 Solo — André Geraissati
3 Vida Bandida — Lobão
4 A Mão de Mao — Metrô
5 A Revolta dos Dândis — Engenheiros do Hawaii
6 Jesus Não Tem Dentes... — Titãs
7 Estação Primeira — Gueto
8 Fausto Fawcett e os Robôs Efêmeros
9 Coração Malandro — Martinho da Vila
10 Akira S & as Garotas Que Erraram

MÚSICA NACIONAL
1 "Vida Bandida" — Lobão
2 "Gata Preta" — Metrô
3 "Nome aos Bois" — Titãs
4 "Brasil" — Cazuza
5 "Conselho" — Macalé
6 "Nego Dito" — Branca di Neve
7 "Kátia Flávia" — Fausto Fawcett
8 "G.U.E.T.O." — Gueto
9 "Charles Anjo 45" — Paralamas
10 "Vênus Petrificada" — May East

LP INTERNACIONAL
1 Sign O' the Times — Prince
2 Frank's Wild Years — Tom Waits
3 Bend Sinister — Fall
4 Kicking Against the Pricks — Nick Cave
5 Dead Letter Office — R.E.M.
6 By the Light of the Moon — Los Lobos
7 Strange Weather — Marianne Faithfull
8 Tunnel of Love — Bruce Springsteen
9 Solitude Standing — Suzanne Vega
10 Actually — Pet Shop Boys

MÚSICA INTERNACIONAL
1 "Sign O' the Times" — Prince
2 "Underground" — Tom Waits
3 "Luka" — Suzanne Vega
4 "Lips Like Sugar" — Echo & the Bunnymen
5 "Strange Weather" — Marianne Faithfull
6 "If You Likes Me" — Terence Trent D'Arby
7 "Brilliant Disguise" — Bruce Springsteen
8 "It's a Sin" — Pet Shop Boys
9 "Hey Joe" — Nick Cave

...VIO RODRIGUES (...os Trip ... 3, SP)

LP NACIONAL
(sem ordem de preferência)
D — Paralamas do Sucesso
Caetano
Fausto Fawcett e os Robôs Efêmeros
Vida Bandida — Lobão
Pedra 90 — Gang 90
Estação Primeira — Gueto
Só Não Toca Quem Não Quer — Hermeto Pascoal
Bush Dance — Naná Vasconcelos
Gil em Concerto — Gilberto Gil

MÚSICA NACIONAL
(sem ordem de preferência)
"Charles Anjo 45" — Paralamas
"Me Recuso" — Rita Lee
"Decisão" — Luiz Melodia
"Eu Sou Negão" — Gerônimo
"Pelo Amor de Deus" — Lagoa 66

LP INTERNACIONAL
(sem ordem de preferência)
Horses and Trees — Ginger Baker
Electric Cafe — Kraftwerk
By the Light of the Moon — Los Lobos
Greetings From ... — Timbuk 3
Everybody Is Rockin' — Neil Young
Atlantic Blues-Piano — Varios
Graceland — Paul Simon
Jerusalem — Alpha Blondy
Rhythm Killers — Sly & Robbie
Gravity — James Brown

MÚSICA INTERNACIONAL
(sem ordem de preferência)
"Loco de Amor" — David Byrne & Celia Cruz
"Private Revolution" — Karl Wallinger
"Cannes" — Stewart Copeland

ARCOS SMIR[illegible] (Folha de São [illegible])

LP NACIONAL	MÚSICA NACIONAL	LP INTERNACIONAL	MÚSICA INTERNACIONAL
1 *4 Batutas e 1 Coringa* — **Macalé**	1 "O Futebol" — **Akira S & as Garotas Que Erraram**	1 *Sign O' the Times* — **Prince**	1 "Sweet Love" — **Anita Baker**
2 *A Mão de Mao* — **Metrô**	2 "Teu Inglês" — **Fellini**	2 *Horses and Trees* — **Ginger Baker**	2 "Musique Non Stop" — **Kraftwerk**
3 *3 Lugares Diferentes* — **Fellini**	3 "Ilha das Gaivotas" — **Hermeto Pascoal**	3 *Infected* — **The The**	3 "Love Bizarre Triangle" — **New Order**
4 *Grupo de Percussão do Instituto de Artes do Planalto* — **UNESP**	4 "Comida" — **Titãs**	4 *Electric Cafe* — **Kraftwerk**	4 "Lips Like Sugar" — **Echo & the Bunnymen**
5 *Solo* — **André Geraissati**	5 "Decisão" — **Luiz Melodia**	5 *Film Music* — **Mark Isham**	5 "And Then She Smiles" — **A Certain Ratio**
6 *Bush Dance* — **Naná Vasconcelos**	6 "Atlântico, 7 de Novembro" — **Metrô**	6 *Carnaval* — **Winton Marsalis**	6 "Round Midnight" — **Hancock, Carter, Williams e MacFerrin**
			7 "Night School" — **Frank Zappa**
			8 "Ship of Fools" — **World Party**

ANA CARME[illegible] FOSCHINI ([illegible] da Tarde, SP)

LP NACIONAL (sem ordem de preferência)	MÚSICA NACIONAL (sem ordem de preferência)	LP INTERNACIONAL (sem ordem de preferência)	MÚSICA INTERNACIONAL (sem ordem de preferência)
Vida Bandida — **Lobão**	"Katia Flávia" — **Fausto Fawcett**	*Infected* — **The The**	"Boops" — **Sly & Robbie**
A Mão de Mao — **Metrô**	"Será Que Vai Chover" — **Paralamas**	*The Joshua Tree* — **U2**	"Sign O' the Time" — **Prince**
Virgem — **Marina**	"Hippie" — **Patrício Bisso**	*Frank's Wild Years* — **Tom Waits**	"You Have to Fight" — **Beastie Boys**
Clara — **Luiz Melodia**	"Que É Que É Isso?" — **Luiz Melodia**	*Sign O' the Times* — **Prince**	"Slow Train to Dawn" — **The The**
	"Pour Quoi Monsieur!" — **Mulheres Negras**	*Solitude Standing* — **Suzanne Vega**	"Bizarre Love Triangle" — **New Order**
	"Chorando no Campo" — **Lobão**	*Angel Heart* — **Trilha Sonora**	"Blah Blah Blah" — **Iggy Pop**
		Electric Cafe — **Kraftwerk**	"Still Haven't Found..." — **U2**
		Dead Letter Office — **R.E.M.**	"Sambadrome" — **B.A.D.**
		Something Wild — **Trilha Sonora**	
		Brotherhood — **New Order**	

[illegible]

LP NACIONAL	MÚSICA NACIONAL	LP INTERNACIONAL	MÚSICA INTERNACIONAL
1 *Jesus Não Tem Dentes* — **Titãs**	1 "Comida" — **Titãs**	1 *Electric Cafe* — **Kraftwerk**	1 "Boing Boom Tschak" — **Kraftwerk**
2 *Vida Bandida* — **Lobão**	2 "Vida Louca Vida" — **Lobão**	2 *Frank's Wild Years* — **Tom Waits**	2 "Sign O' the Times" — **Prince**
3 *Recantando Magoas* — **Jamelão**	3 "Zum Zum Zum Zazoeira" — **Fellini**	3 *Licensed to Ill* — **Beastie Boys**	3 "Go Cut Creator Go" — **L.L. Cool J**
4 *Que País É Este* — **Legião Urbana**	4 "Nunca" — **Jamelão**	4 *Raising Hell* — **Run DMC**	4 "No Sleep Till Brooklyn" — **Beastie Boys**
5 **Caetano**	5 "José" — **Caetano Veloso**	5 *Sign O' the Times* — **Prince**	5 "Bizarre Love Triangle" — **New Order**
6 *D* — **Paralamas do Sucesso**	6 "Faroeste Caboclo" — **Legião Urbana**	6 *Solitude Standing* — **Suzanne Vega**	6 "Luka" — **Suzanne Vega**
7 *3 Lugares Diferentes* — **Fellini**	7 "A Revolta dos Dândis I" — **Engenheiros do Hawaii**	7 *Bend Sinister* — **Fall**	7 "Innocent When You Dream" — **Tom Waits**
8 **Nau**	8 "Juliette" — **Fausto Fawcett**	8 *Angel Heart* — **Trilha Sonora**	8 "The Telephone Call" — **Kraftwerk**
9 *Corredor Polonês* — **Patife**	9 "Teu Bem" — **Patife**	9 *Bigger and Deffer* — **L.L. Cool J**	9 "Tricky" — **Run DMC**
10 *Só Se For a 2* — **Cazuza**	10 "Só Se For a 2" — **Cazuza**	10 *Dead Letter Office* — **R.E.M.**	10 "With or Without You" — **U2**

[illegible]ONIO CARLOS MIGUEL (Manchete, Jornal da Tarde, SP)

LP NACIONAL (sem ordem de preferência)	MÚSICA NACIONAL (sem ordem de preferência)	LP INTERNACIONAL (sem ordem de preferência)	MÚSICA INTERNACIONAL (sem ordem de preferência)
Akira S & as Garotas Que Erraram	"Atropelamento & Fuga" — **Akira S**	*Bête Noire* — **Bryan Ferry**	"Bête Noire" — **Bryan Ferry**
Rock'n Geral — **Barão Vermelho**	"Chansong" — **Tom Jobim**	*Horses and Trees* — **Ginger Baker**	"Come Hell or High Water" — **EBTG**
Caetano	"Copacabana" — **Barão Vermelho**	*Kicking Against the Pricks* — **Nick Cave**	"Estuary Bed" — **Triffids**
Só Se For a 2 — **Cazuza**	"Faroeste Caboclo" — **Legião Urbana**	*Sign O' the Times* — **Prince**	"Gypsy" — **Suzanne Vega**
Voz Azul — **Dulce Quental**	"Menino" — **Luiz Melodia**	*Solitude Standing* — **Suzanne Vega**	"I'll Be Gone" — **Tom Waits**
Que País É Este — **Legião Urbana**	"Não Atirem no Pianista" — **Dulce Quental**	*Chimurenga for Justice* — **Thomas Mapfumo**	"Last Time" — **Woodentops**
Clara — **Luiz Melodia**	"Noite de Hotel" — **Caetano Veloso**	*Frank's Wild Years* — **Tom Waits**	"Primitive Cool" — **Mick Jagger**
4 Batutas e 1 Coringa — **Macalé**	"Ritual" — **Cazuza**	*Born Sandy Devotional* — **Triffids**	"Slow Love" — **Prince**
Jesus Não Tem Dentes... — **Titãs**	"Sapatos em Copacabana" — **Vitor Ramil**	*Giant* — **Woodentops**	"St. Etienne" — **Frank Zappa**
Tango — **Vitor Ramil**	"Vida Bandida" — **Lobão**	*Private Revolution* — **World Party**	"Unomathemba" — **Ladysmith Black Mambazo**

JOSÉ [illegible] MANÉ (Programa [illegible])

LP NACIONAL	MÚSICA NACIONAL	LP INTERNACIONAL	MÚSICA INTERNACIONAL
1 *Que País É Este?* — **Legião Urbana**	1 "Faroeste Caboclo" — **Legião**	1 *Bend Sinister* — **Fall**	1 "Bizarre Love Triangle" — **New Order**
2 *3 Lugares Diferentes* — **Fellini**	2 "Teu Inglês" — **Fellini**	2 *Should the World Fail* — **Peter Murphy**	2 "Burning Down" — **R.E.M.**
3 **DeFalla**	3 "Não Me Mande Flores" — [illegible]	3 *Brotherhood* — **New Order**	3 "Geburt Einer Nation" — **Laibach**
4 *Jesus Não Tem Dentes...* — **Titãs**	4 "Swing Basses Series 2" — **Akira S**	4 *Kicking Against the Pricks* — **Nick Cave**	4 "Loco de Amor" — **David Byrne e Celia Cruz**
5 **Akira S & as Garotas Que Erraram**	5 "Pânico e Solidão" — **Cabine C**	5 *The Moon and the Melodies* — **H. Budd e C. Twins**	5 "Canvas Beauty" — **Peter Murphy**
6 *Adeus Carne* — **Inocentes**	6 "Barcas" — **Nau**	6 *Frank's Wild Years* — **Tom Waits**	6 "I'm Gonna Kill that Woman" — **Nick Cave**
7 **Fausto Fawcett e os Robôs Efêmeros**	7 "Lugar Nenhum" — **Titãs**	7 *Dead Letter Office* — **R.E.M.**	7 "Bedbugs and Ballyhoo" — **Echo**
8 **Nau**	8 "Drops de Istambul" — **Fausto Fawcett**	8 *Happy?* — **PIL**	8 "Life is Hard" — **Timbuk 3**
9 *Psychodemo* — **Kães Vadius**	9 "Pátria Amada" — **Inocentes**	9 *Opus Dei* — **Laibach**	9 "The Body" — **PIL**
10 ***Picassos Falsos***	10 "Dia Eterno" — **Violeta de Outono**	10 *Greetings From* — **Timbuk 3**	10 "Mr. Pharmacist" — **Fall**

TOM LEÃO (O Globo, RJ)

LP NACIONAL	MÚSICA NACIONAL	LP INTERNACIONAL	MÚSICA INTERNACIONAL
1 **Fausto Fawcett e os Robôs Efêmeros**	1 "Drops de Istambul" — **Fausto Fawcett**	1 *Licensed to Ill* — **Beastie Boys**	1 "Sign O' the Times" — **Prince**
2 *Vida Bandida* — **Lobão**	2 "Atropelamento & Fuga" — **Akira S**	2 *Sign O' the Times* — **Prince**	2 "The Future's So Bright" — **Timbuk 3**
3 *Que País É Este* — **Legião Urbana**	3 "Que País É Este" — **Legião Urbana**	3 *Brotherhood* — **New Order**	3 "She's Crafty" — **Beastie Boys**
4 **Akira S & as Garotas Que Erraram**	4 "Vida Louca Vida" — **Lobão**	4 *Electric Cafe* — **Kraftwerk**	4 "Lil' Devil" — **Cult**
5 *Nunca Fomos* — **Plebe Rude**	5 "Lugar Nenhum" — **Titãs**	5 *Happy?* — **PIL**	5 "Every Little Counts" — **New Order**
6 *Virgem* — **Marina**	6 "A Mesma Dor" — **Gueto**	6 *Born Sandy Devotional* — **Triffids**	6 "Rules and Regulations" — **PIL**
7 *A Era da Incerteza* — **Biquini Cavadão**	7 "Grândola, Vila Morena" — **365**	7 *Bend Sinister* — **Fall**	7 "51st State of America" — **New Model Army**
8 *Jesus Não Tem Dentes...* — **Titãs**	8 "Carne e Osso" — **Picassos Falsos**	8 *Kicking Against the Pricks* — **Nick Cave**	8 "Loco de Amor" — **David Byrne & Celia Cruz**
9 *A Revolta dos Dândis* — **Engenheiros do Hawaii**	9 "Sexo" — **Ultraje a Rigor**	9 *Frank's Wild Years* — **Tom Waits**	9 "Could You Be the One?" — **Hüsker Dü**
10 *Estação Primeira* — **Gueto**	10 "Dignidade" — **Barão Vermelho**	10 *The Ghost of Cain* — **New Model Army**	10 "Rent" — **Pet Shop Boys**

CARLOS ALBUQU[illegible] (O [illegible]apa, RJ)

LP NACIONAL	MÚSICA NACIONAL	LP INTERNACIONAL	MÚSICA INTERNACIONAL
1 [illegible] — **Barão Vermelho**	1 "Eu Sou Negão" — **Gerônimo**	1 *Strong Persuader* — **Robert Cray**	1 "Could You Be..." — **Hüsker Dü**
2 **Claudio Zoli**	2 "Dignidade" — **Barão Vermelho**	2 *Rhythm Killers* — **Sly & Robbie**	2 "Fire" — **Sly & Robbie**
3 **Caetano**	3 "Sodomia" — **DeFalla**	3 *Angel Heart* — **Trilha Sonora**	3 "Right Next Door" — **Robert Cray**
4 **DeFalla**	4 "Bonnie & Clyde" — **Picassos Falsos**	4 *Live Alive* — **Stevie Ray Vaughan**	4 "Running in the Family" — **Level 42**
5 **Picassos Falsos**	5 "Pros Que Estão em Casa" — **Hojerizah**	5 *Warehouse Songs and Stories* — **Hüsker Dü**	5 "Tuff Enuff" — **Fabulous Thunderbirds**
6 *A Revolta dos Dândis* — **Engenheiros do Hawaii**	6 "Mesma Dor" — **Gueto**	6 *Licensed to Ill* — **Beastie Boys**	6 "Bullet the Blue Sky" — **U2**
7 *Jesus Não Tem Dentes* — **Titãs**	7 "Katia Flávia" — **Fausto Fawcett**	7 *Born Sandy Devotional* — **Triffids**	7 "Sign O' the Times" — **Prince**
8 [illegible] — **Dulce Quental**	8 "Meu Sonho" — **Claudio Zoli**	8 *Tuff Enuff* — **Fabulous Thunderbirds**	8 "Rhymin and Stealin" — **Beastie Boys**
9 *Clara* — **Luiz Melodia**	10 "Vamo Comer" — **Caetano Veloso**	9 *Sign O' the Times* — **Prince**	9 "I'm Bad" — **L. L. Cool J**
10 *Estação Primeira* — **Gueto**			10 "Five Years Dead" — **Motley Crüe**

ARTHUR [illegible] COUTO DUARTE (Rádio Liberdade, [illegible] MG)

LP NACIONAL	MÚSICA NACIONAL	LP INTERNACIONAL	MÚSICA INTERNACIONAL
1 *A Mão de Mao* — **Metrô**	1 "Adeptos" — **Harry**	1 *Sign O' the Times* — **Prince**	1 "Infected" — **The The**
2 *3 Lugares Diferentes* — **Fellini**	2 "Ahmmas" — **Metrô**	2 *Kicking Against the Pricks* — **Nick Cave**	2 "Sign O' the Times" — **Prince**
3 **DeFalla**	3 "Ambos Mundos" — **Fellini**	3 *Opus Dei* — **Laibach**	3 "Winners and Losers" — **Iggy Pop**
4 *Jesus Não Tem Dentes* — **Titãs**	4 "Angra dos Reis" — **Legião Urbana**	4 *Force* — **A Certain Ratio**	4 "All Tomorrow's Parties" — **Nick Cave**
5 **Akira S & as Garotas Que Erraram**	5 "Ainda" — **Plebe Rude**	5 *Bête Noire* — **Bryan Ferry**	5 "Bedbugs and Ballyhoo" — **Echo**
6 *Adeus Carne* — **Inocentes**	6 "Zum Zum Zum Zazoeira" — **Fellini**	6 *Born Sandy Devotional* — **Triffids**	6 "Happy When It Rains" — **Jesus & Mary Chain**
7 *Que País É Este* — **Legião Urbana**	7 "Garotas Que Erraram" — **Akira S**	7 *The Joshua Tree* — **U2**	7 "Wishing Well" — **Terence T. D'Arby**
8 *Estação Primeira* — **Gueto**	8 "A Mão de Mao" — **Metrô**	8 *Brotherhood* — **New Order**	8 "The Right Stuff" — **Bryan Ferry**
9 *Bush Dance* — **Naná Vasconcelos**	9 "Earth Beat" — **May East**	9 *Blah Blah Blah* — **Iggy Pop**	9 "Whistling in the Dark" — **Easterhouse**
10 ***Picassos Falsos***	10 "Corredor Polonês" — **Patife**	10 *Solitude Standing* — **Suzanne Vega**	10 "Tunnel of Love" — **Bruce Springsteen**

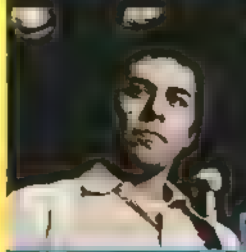
HAGAMENON B[illegible] ([illegible] da Tarde; Rádio [illegible])

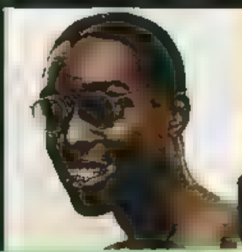
LP NACIONAL	MÚSICA NACIONAL	LP INTERNACIONAL	MÚSICA INTERNACIONAL
1 *Jesus Não Tem Dentes...* — **Titãs**	1 "Comida" — **Titãs**	1 *Brotherhood* — **New Order**	1 "Luka" — **Suzanne Vega**
2 *Estação Primeira* — **Gueto**	2 "Diversões" — **Titãs**	2 *Strong Persuader* — **Robert Cray**	2 "Solitude Standing" — **S. Vega**
3 *Vida Bandida* — **Lobão**	3 "Corações e Mentes" — **Titãs**	3 *Solitude Standing* — **Suzanne Vega**	3 "Right Next Door" — **Robert Cray**
4 *Que País É Este* — **Legião Urbana**	4 "Faroeste Caboclo" — **Legião Urbana**	4 *Kicking Against the Pricks* — **Nick Cave**	4 "All Tomorrow's Parties" — **Nick Cave**
5 *Adeus Carne* — **Inocentes**	5 "Esse Homem É Você" — **Gueto**	5 *Sign O' the Times* — **Prince**	5 "Sister Moon" — **Sting**
6 *D* — **Paralamas do Sucesso**	6 "Pátria Amada" — **Inocentes**	6 *Dead Letter Office* — **R.E.M.**	6 "One Tree Hill" — **U2**
7 **Fausto Fawcett & os Robôs Efêmeros**	7 "Será Que Vai Chover" — **Paralamas**	7 *The Joshua Tree* — **U2**	7 "Bizarre Love Triangle" — **New Order**
8 *Virgem* — **Marina**	8 "Chorando no Campo" — **Lobão**	8 ***Echo & the Bunnymen***	8 "All My Life" — **Echo**
9 *Rock'n Geral* — **Barão Vermelho**	9 "Chamam Isso Rock'n Roll" — **Camisa de Vênus**	9 *Sounds of Soweto* — **Vários**	9 "Asimbonanga (Mandela)" — **Johnny Clegg**
10 *A Era da Incerteza* — **Biquini Cavadão**	10 "America" — **Romoi 12**	10 *By the Light of the Moon* — **Los Lobos**	10 "Loco de Amor" — **David Byrne & Celia Cruz**

JIMI J[illegible] (Rádio [illegible])

LP NACIONAL	MÚSICA NACIONAL	LP INTERNACIONAL	MÚSICA INTERNACIONAL
1 **DeFalla**	1 "Não Me Mande Flores" — **DeFalla**	1 *The Moon and the Melodies* — **H. Budd & C. Twins**	1 "No Sleep Till Brooklyn" — **Beastie Boys**
2 *3 Lugares Diferentes* — **Fellini**	2 "Sodomia" — **DeFalla**	2 *Kicking Against the Pricks* — **Nick Cave**	2 "Fight For Your Right to Party" — **Beastie Boys**
3 *Jesus Não Tem Dentes* — **Titãs**	3 "Sobre Amanhã" — **DeFalla**	3 *Greetings From* — **Timbuk 3**	3 "Peace Dog" — **Cult**
4 *A Revolta dos Dândis* — **Engenheiros do Hawaii**	4 "Borboleta Psicodélica" — **Gueto**	4 *Graceland* — **Paul Simon**	4 "Love Removal Machine" — **Cult**
5 **Akira S & as Garotas Que Erraram**	5 "A Mesma Dor" — **Gueto**	5 *Electric* — **Cult**	5 "Every Little Counts" — **New Order**
6 *Adeus Carne* — **Inocentes**	6 "Terra de Gigantes" — **Engenheiros do Hawaii**	6 *Licensed to Ill* — **Beastie Boys**	6 "Bedbugs and Ballyhoo" — **Echo**
7 *Estação Primeira* — **Gueto**	7 "Carecas da Jamaica" — **Nei Lisboa**	7 *Brotherhood* — **New Order**	7 "Bête Noire" — **Bryan Ferry**
8 ***Violeta de Outono***	8 "Morte por Tesão" — **Cascavelletes**	8 ***Echo & the Bunnymen***	8 "People Like Us" — **Talking Heads**
9 *Histórias de Sexo e Violência* — **Replicantes**	9 "Estrelas Vigiadas" — **F. Fawcett**	9 *Sign O' the Times* — **Prince**	9 "The Boy in the Bubble" — **Paul Simon**
10 *Carecas da Jamaica* — **Nei Lisboa**	10 "Quadrinhos" — **Picassos Falsos**	10 *Bête Noire* — **Bryan Ferry**	10 "Fat Chance Hotel" — **PIL**

... E AQUI, UMA COLHER DE CHÁ DOS ARTISTAS





BI (Paralamas)
"Bad" — **Michael Jackson**
"Faraó" — **Olodum da Bahia**
"Sign O' the Times" — **Prince**
"O Crime" — **Caetano**
"Faroeste Caboclo" — **Legião**

EDU K (DeFalla)
"Criminally Insane" — **Slayer**
"Leper Messiah" — **Metallica**
"Arrumar a Casa" — **Fábrica Fagus**
"Sophisticated Bitch" — **Public Enemy**
"Hold It Now, Hit It" — **Beastie Boys**

ITAMAR ASSUMPÇÃO
"Fera Ferida" — **Caetano**
"Dedo de Deus" — **Arrigo**
"Passarim" — **Tom Jobim**
"Velho Francisco" — **Chico**
"Canções e Momentos" — **Milton**

SÉRGIO BRITTO (Titãs)
"Sign O' the Times" — **Prince**
"Lips Like Sugar" — **Echo**
"Infected" — **The The**
"O Crime" — **Caetano**
"Comida" — **Titãs**

HUMBERTO GESSINGER (Engenheiros)
"Home" — **Roger Waters**
"Nova Pulsação" — **Bandaliera**
"Dirá, Dirás" — **Nei Lisboa**
"Fade to Black" — **Metallica**
"Me or Him" — **Roger Waters**

GRUPO

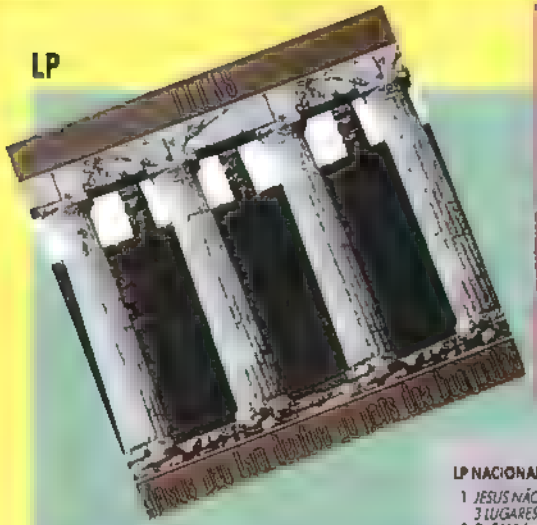
GRUPO NACIONAL

1	TITÃS	26
2	DeFalla	17
3	Legião Urbana	15
4	Gusto	12,5
5	Paralamas	12

GRUPO INTERNACIONAL

1	FALL	18
2	New Order	15,5
3	Kraftwerk	10,5
4	R.E.M.	9
5	U2	8,5

LP



LP NACIONAL

1	*JESUS NÃO TEM DENTES NO PAÍS DOS BANGUELAS* — **TITÃS**	
	3 LUGARES DIFERENTES — **FELLINI**	93
3	***DeFALLA***	85
4	*Estação Primeira* — **Gusto**	76,5
5	*Que País É Este* — *978/1987* — **Legião Urbana**	69,5
6	***Akira S & as Garotas que Erraram***	63,5
7	***Caetano***	57
8	*Vida Bandida* — **Lobão**	56
9	*4 Batutas e 1 Canoa* — **Jards Macalé**	55,5
10	*A Moo de Moo* — **Metrô**	54

MÚSICA

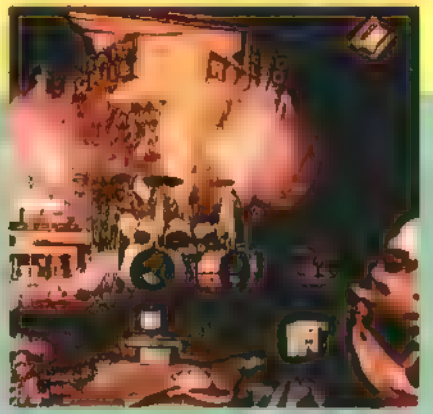
MÚSICA NACIONAL

1	"FAROESTE CABOCLO" — **LEGIÃO URBANA**	52
2	"KATIA FLÁVIA" — **FAUSTO FAWCETT**	34,5
3	COMIDA" — **TITÃS**	33
4	Atropelamento & Fuga — **Akira S**	29,5
5	Não Me Mande Flores" — **DeFalla**	
	Conexão Amazônica — **Legião Urbana**	28
7	Sodomia — **DeFalla**	27
8	"Teu Inglês" — **Fellini**	26
9	"Lugar Nenhum" — **Titãs**	25,5
10	"Já Deu Pra Sentir" — **Arrigo Barnabé & Hamar Assumpção**	24,5

MÚSICA INTERNACIONAL

1	"SIGN O' THE TIMES" — **PRINCE**	84,5
2	"A ZARRE LOVE TRIANGLE" — **NEW ORDER**	54,5
3	"LOCO DE AMOR" — **DAVID BYRNE & CELIA CRUZ**	30
4	"Luka" — **Suzanne Vega**	28
5	"Bête Noire" — **Bryan Ferry**	21,5
6	"Bedbugs and Ballyhoo" — **Echo & the Bunnymen**	21
7	"Limbo" — **Bryan Ferry**	20
8	"Mad Thing" — **Prince**	8
9	"Infected" — **The The**	
	"The Future's So Bright" — **Timbuk 3**	
	"Lips Like Sugar" — **Echo & the Bunnymen**	17

E eis os vencedores! Arrasa nacional: os Titãs, com duas Músicas entre as dez mais, foram os melhores em Grupo e LP — nessa categoria, dividindo o primeiro lugar com o Fellini (primeira e sensacional aparição de uma banda independente entre os Melhores do Ano da BIZZ). Legião, a banda do melhor Música e do melhor Letrista e Vocalista também empacou em LP (quinto) e Grupo (terceiro). Outro destaque nacional foi o DeFalla, bem colocado em Música, LP, Grupo, Vocalista e Instrumentista. Prince e New Order monopolizaram a votação internacional: o genozinho de Minneapolis emplacou LP, Música, Instrumentista e Clip, e pintou em Vocalista e Copa. A banda inglesa, número dois em LP, Música e Grupo, abafou na categoria Copa. Por fora, surpreendendo, o Fall é o Grupo de 1987. Nas próximas páginas, as outras categorias (e mais uma curiosidade: a melhor filme de 87, *O Selvagem da Motocicleta*, com Matt Dillon e Mickey Rourke, é uma produção original de 1983)...

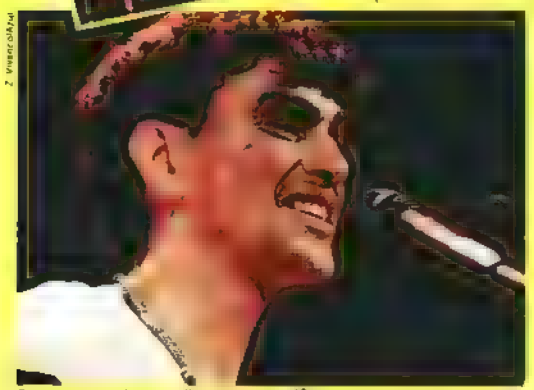


LP INTERNACIONAL

1	*SIGN O' THE TIMES* — **PRINCE**	111
2	*BROTHERHOOD* — **NEW ORDER**	84,5
3	*KICKING AGAINST THE PRICKS* — **NICK CAVE & THE BAD SEEDS**	76,5
4	*Bend Sinister* — **Fall**	72
5	*Electric Cafe* — **Kraftwerk**	65
6	*Bête Noire* — **Bryan Ferry**	51,5
7	*Frank's Wild Years* — **Tom Waits**	41
8	*Dead Letter Office* — **R.E.M.**	39,5
9	*Solitude Standing* — **Suzanne Vega**	37
10	*Horses and Trees* — **Ginger Baker**	36

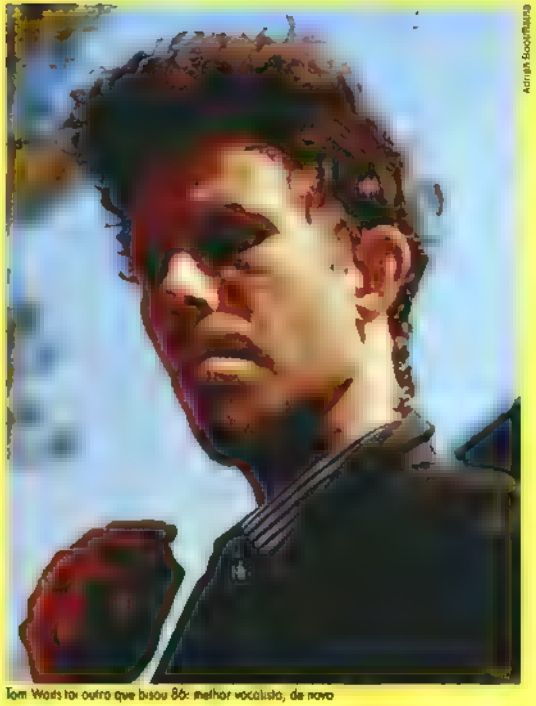
A Máfia, revelação de 87

Edgard, do Ira!: melhor instrumentista pela terceira vez consecutiva!



Caetano ressurge glorioso: melhor letrista, sétimo LP

O melhor Clip internacional: um show de grafismo

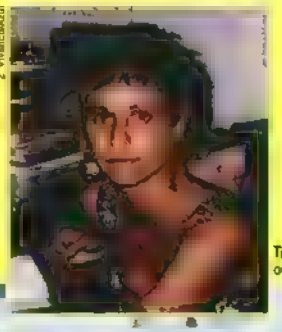


Tom Waits foi outro que bisou 86: melhor vocalista, de novo

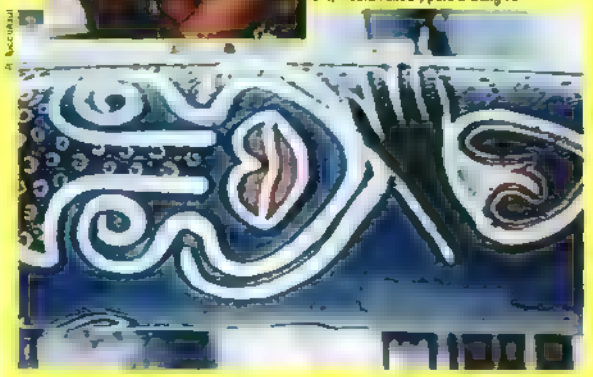
Ian McCulloch, do Echo: preferência absoluta entre as (muitas) shows do ano

Bira, baterista, impulsionando o Defalla em LP, Grupo e Música. Acima, o violonista Gerassati

Acima, Fernanda Zarif, a autora da melhor capa nacional (Akira S)



Tide Guimarães dirige o melhor Clip do ano, "Cara Pálida", para a Gang 90



VOCALISTA

1 RENATO RUSSO 27
2 Uns Melocka 15
3 Edu K (DeFalla) 12

1 TOM WAITS 16,5
2 Prince 14
3 Bryan Ferry 10

INSTRUMENTISTA

1 EDGARD (IRA!) 15
2 Biba Meira (DeFalla)
André Gerassati 14

1 PRINCE 20
2 Robert Cray 11
3 Johnny Marr 10

LETRISTA

1 RENATO RUSSO
CAETANO VELOSO 17
3 Caddo Volpato (Felini) 16

[redacted]

1 ECHO & THE BUNNYMEN 44
2 PIL 17
3 Big Audio Dynamite 15

REVELAÇÃO

1 SCOWA & A MÁFIA (SP) 18
2 Fábrica Fogus (SP) 11
3 Conexão Japeri (RJ)
Os Mutheras Negras (SP) 9

1 TERENCE TRENT D'ARBY 16
2 Suzanne Vega 12
3 Laibach 11

CAPA

1 *AKIRA S & AS GAROTAS QUE ERRARAM* 38.5
2 *Violeta de Outono*
Caetano 15

1 *BROTHERHOOD* (NEW ORDER) 19
2 *A Momentary Lapse of Reason* (Pink Floyd) 14
3 *Sign O' the Times* (Prince) 8

CLIP

1 "CARA PÁLIDA" — **GANG 90** 13
2 "Borzeguim" — **Tom Jobim**
"Lugar Nenhum" — **Titãs** 7

1 "SIGN O' THE TIMES" — **PRINCE** 15
2 "Infected" — **The The** 10
3 "Luka" — **Suzanne Vega** 9

FILME

1 *ANJOS DA NOITE* — **WILSON DE BARROS** 12,5
2 *Vera* — **Sérgio Toledo** 5,5

1 *O SELVAGEM DA MOTOCICLETA* — **FRANCIS COPPOLA** 21
2 *Coração Satânico* — **Alan Parker** 15
3 *Os Intocáveis* **Brian De Palma** 14

Uma dúvida: ou a crítica é abastada — e pode ter em suas discotecas cópias importadas dos discos —, ou resolveu fazer vistas grossas à mão indecente de dona WEA. De qualquer forma, a escolha da capa do New Order como a melhor do ano levanta a lebre: emporcalhar assim a bela arte original de Peter Saville e da Factory, pode? Compare, ao lado, a versão inglesa e a nacional da capa de *Brotherhood*...

AS FRASES

"Eu mudei a sociedade. Não me dou bem com o que é normal"
John Lydon

"A vida nunca me maltratou. Isso é uma piada. Também nunca matei meus pais, não rasgo a roupa da empregada, não quebro janelas..."
Dinha, comentando as letras do Capital Inicial

"Outro dia o Eric Clapton recebeu um troféu pela 'sua imensa contribuição para a música inglesa'. O que ele fez todo mundo faz, é tocar — só que ele está aí há mais tempo. Isso é ridículo"
Mick Brown, do Mission

"Tocar guitarra é como um biefe; você oculta todo seu lado babacão"
Eric Clapton

"Por mais que eu pareça ser um filha-da-puta, eu sou um babaca"
Guilherme Isnard, Zero

"Se eu, com óculos, desta jeito, sou quase tão adorado quanto o Paulo Ricardo... se eu posso, meu irmão, você também pode"
Renato Russo

"Vamos ser sinceros: de Mozart a James Brown, todo mundo entrou nesse negócio para ir para a cama"
Terence Trent D'Arby

"Ele era o mais acessível"
Mark Chapman, explicando porque escolheu *John Lennon* em sua lista de "assassináveis", que incluía, entre outros, *Paul McCartney, Jackie Onassis, Elizabeth Taylor* e *Reagan*

"Ai, tenho um sacolé de quinhentos, tá a fim? Pô, vamos cheirar juntos"
Um guarda do penitenciária, para o detento *Lobão*

"Se você tiver um general forte que te diga para lavar as mãos, arrumar a cama e coisas assim, então, mesmo que o mundo esteja ruindo à sua volta, graças à moral você consegue juntar as ovelhas desgarradas"
Morten Harket, A-ha

"Roberto Marinho é muito mais violento que Ratos de Porão e Mercenárias juntos"
Carlos Maltz, Engenheiros do Hawaii

"A música 'Censura' continua atual. Tanto que foi censurada"
André X, Plebe Rude

"Crioulo esclarecido não compra carro para não criar problema"
Bezerra da Silva

"Who's bad?"
Michael Jackson

"I'm bad!"
L.L. Cool J

"Eu tenho uma queda pelo baterista do U2, e sempre quis dizer ao Bono: 'Se você ainda não achou o que está procurando, dê uma olhada atrás da bateria!'"
Boy George

"Suck my dick!"
Beast Boys, em coro

TROFÉU BAIXARIA 87

Vai para a programação das FMs. Nada contra a "música romântica brasileira", claro. Mas e as rádios, o que têm contra bom rock, soul, a velha MPB, heavy, reggae...?

Scowa, Nasi, João (atrás), Fê e Paulo Ricardo

ROCK BRASILEIRO

QUE BARULHO É ESSE?

Do Rock in Rio ao Hollywood Rock, do desbravamento do desconhecido rock nacional até o momento atual, em que as bandas brasileiras enfrentam os estrangeiras em pé de igualdade — e até se saem melhor, em vários casos! — os nossos músicos já se acostumaram a enfrentar as condições mais adversas. Pobreza de recursos, estreiteza de visão, os vícios da mídia e a prepotência da indústria: há como superar isso tudo e fazer simplesmente música, e se fazer ouvir? Convidamos os representantes de bandas de sucesso, de bandas de muito sucesso, de bandas velhas de guerra e de bandas fora do esquema para trocarem opiniões e alfinetadas... Pela ordem de entrada: Renato Russo (Legião Urbana), Herbert Vianna (Paralamas), Fê (Capital Inicial), Gutje (Plebe Rude), Charles (Titãs), Nasi (Ira!), Paulo Ricardo (RPM), Scowa (Máfia), João (Ratos de Porão), Sandra (Mercenárias), Carlos Maltz (Engenheiros do Hawaii) e o musicólogo Hermano Vianna foram os nossos convidados presentes (Lobão, Cazuza, Paula Toller, Marcelo Nova, Guilherme Isnard e Roger não puderam — ou não quiseram — aparecer). Pela BIZZ, José Augusto Lemos, Jean-Yves de Neufville, Thomas Pappon (que também falou de sua experiência como guitarrista do Fellini), Alex Antunes (que, sob a alcunha de Pedreira Antunes, era vocalista do Akira S) e Sônia Maia compareceram. As conclusões? Várias (se você for leitor atento)... ou nenhuma, para quem esperava algum tipo de acordo dentro desse saco de gatos!

Lemos — *Até o Rock in Rio, o rock brasileiro era uma coisa subterrânea... O Hollywood Rock não é um Rock in Rio II, muita coisa aconteceu — as gravadoras e grandes editoras puderam investir nisso. Mas a tendência óbvia da mídia é ir em cima do Hollywood Rock, e então pensamos em promover um debate que contribuísse para a música brasileira, e ao mesmo tempo não tivesse nada a ver com o Hollywood Rock. É mais para compartilhar as experiências de cada um aqui... Acho que os temas mídia e mercado são os que podem render mais, tanto para os leitores de BIZZ como para quem está montando banda agora. Quem quiser ser o primeiro... (silêncio geral)*

Lemos — *Se ninguém quer começar, então vou passar a bola para o Renato. (risos)*

Russo — Eu sabia. Sempre sobra para mim.

Lemos - *É, você mesmo. Isso porque você tomou uma atitude considerada esquizofrênica, ano passado. Quando a Legião estava ocupando o trono máximo, resolveu sair de cena...*

Russo — A gente parou... Isso foi porque estávamos desintegrando — aconteceu tudo muito rápido, não tivemos aqueles cinco anos até começar a desintegrar por causa da estrada. A gente deixou de ser uma banda hiper-underground para ser uma das bandas de Brasília favoritas aqui em São Paulo — e houve o ano da descoberta. Com o primeiro disco era tudo novidade: ficar num hotel de duas estrelas, oba!, super legal, as viagens... Mas aí a gente teve as gravações do segundo disco e veio tudo como um baque — a gravadora começou a sentir os pedidos dos lojistas, e eles viram que estava acontecendo alguma coisa ali... Então foi uma questão com a gravadora — para a gente terminar logo o disco. Eu pessoalmente fiquei muito tempo trancado fazendo as músicas. Eu percebi que estava rolando algo a nível de massas em torno da banda, interferindo no nosso relacionamento com a gravadora, e no da gente com o público, mas a gente não parou para pensar nisso. E depois tem que dar entrevistas, tem que ter avião, aquelas coisas todas que vêm junto com o lançamento, e a gente não teve tempo de assimilar aquele disco. Entramos de coração mesmo, e o que acontecia é que, nos shows, a música que estávamos tocando era uma surpresa para nos mesmos, lá, ao vivo... Isso foi uma coisa que foi juntando, juntando, juntando, a gente foi pego de sopetão. Foi quando começaram a aparecer as primeiras mudanças ruins na economia brasileira. Então, para mim foi um baque muito forte, porque primeiro era entusiasmo total, casa cheia. Depois, era apatia total... casa cheia? Isso me assustou: a gente passeando pelo Brasil inteiro, chegava em um lugar e tinha vinte mil pessoas olhando... Eu me lembro que teve o caso Mônica, por exemplo *(um caso de ataque sexual e assassinato, ocorrido em 85 no Rio de Janeiro)*, e aí eu falei disso na introdução da "Dança", que é uma música que fala sobre sexismo, essas coisas, e a garotada lá, parada... Depois do show eu pensava: "Pô, o que está acontecendo com esses caras?" E depois descambou para a violência total, que culminou em Brasília, quando morreu uma garota no show da gente. Você cantando certas músicas e, de repente, o negócio descambando pra violência total. Não tinha nada a ver! Hoje em dia eu sei que não é só você dar o melhor de si que vai puxar o melhor da plateia. Hoje em dia eu sei que você simplesmente vai puxar energia — se vai ser energia positiva ou negativa, vai depender do caráter da pessoa que está lá. Isso foi um baque muito grande, porque eu achava que se estava cantando "Brigar pra que se é sem querer", tá todo mundo ficar numa boa, ao passo que só se eu fizesse uma coisa super violenta é que o pessoal ia reagir violentamente, e não... Como foi tudo muito rápido, a gente não teve tempo de assimilar de jeito nenhum — viramos o que o povo falava da gente, eu não era mais eu, era o Renato Russo. Isso também foi numa época em que o pessoal da banda estava casando, montando casa, e juntou com aqueles problemas com a gravadora... E a gente decidiu, "olha, vamos parar aqui, senão a banda acaba". O que ... eu não gostaria de mencionar isso, mas sinto que foi o que aconteceu com o RPM. Muito show, muita saturação, sabe, você acaba se perdendo... Olha, nada vale isso, não vale. Lá fora aconteceu com os Stones, depois de vinte anos; Beatles, depois de seis..., e a gente foi no segundo disco. Depois veio o negócio dos Titãs, quando eles foram presos, teve o negócio do Lobão... E aí a gente falou, "não, vamos ficar em casa mesmo". Estávamos expostos, não tínhamos armas, não tínhamos limusines, nada. A gente ganhou tudo, mas não tinha estrutura nenhuma para segurar... E foi bom ter parado, porque agora a gente pode voltar...

Lemos — *Herbert ..*

Herbert — Faz uma pergunta então.

Lemos — *Eu queria a sua visão pessoal. Os Paralamas desfrutaram de popularidade bem antes da Legião, vocês participaram do Rock in Rio... Então, vocês têm mais tempo de estrada para analisar.*

Herbert — Não sei, esse ano todo de 87 praticamente todo, a gente fez pouca coisa aqui, estivemos muito tempo fora, viajando, e foi superlegal, porque é como você estar tocando pela primeira vez... Talvez o que mais afaja o Renato é que, com o passar do tempo, você vai se tornando um escravo do que você já fez, tem que superar seus próprios recordes... e a coisa já não é mais fazer música, é superar ou pelo menos manter algo que você já fez, e os números, e todas as pressões... As vezes dá vontade de parar. Mas no caso da minha banda, a gente tem uma coisa musical muito forte, uma perspectiva musical muito grande, de elementos que a gente ainda quer usar... Então, fazemos música por isso, para ver onde é que vai dar, enquanto não precisarmos trabalhar em outra coisa, pudermos ser músicos *full time* e ter um suporte financeiro, e toda a tecnologia e as facilidades do nosso lado. Mas certamente o país mudou, o *showbusiness* está completamente diferente, não tem mais shows surpreendentes, fica tudo muito previsível... A gente já conseguiu muita coisa. Uma vez na Argentina, em um estádio de futebol lotado, abrindo para a banda mais popular do país, meia hora depois do final do nosso show ainda tinha nego em pé batendo palmas. Essas coisas valem. Mas a coisa de mercado, de gravadora, de ir em rádio, de dar entrevista... Eu não tinha vontade de vir aqui, sabia? *(risos)*. Não tenho nada para falar. Sério. Vou até passar o Fê...

Fê — Vai você primeiro *(para Gutje)*, que eu ainda estou me ambientando.

Gutje — Acho que o principal problema aqui no Brasil é que todo mundo é superligado nos meios de comunicação de massa. O que todo mundo escuta nas rádios, os discos que se compram nas lojas, os filmes, tudo vem em cima da propaganda que se faz disso. O Hollywood Rock tá aí, vêm um bocado de grupos estrangeiros tocar, são bandas que já estão aí a muito tempo, vêm atrasadas, e muita banda brasileira vai tocar também. Então o que acontece? Essas bandas vão estar tocando direto na rádio. As bandas que estão de fora do Hollywood Rock vão ficar fora no mercado, das rádios. Então a gente é diretamente ligado a essa coisa da mídia, e acontece isso que o Herbert disse: desestimula a criação do artista. Se acontece um grande evento, esse evento fecha o espaço para você! Porque no Brasil não existe rádio independente, rádio alternativo, selo independente... Quero dizer, o pessoal que não está no auge do acontecimento acaba ficando meio frustrado, desestimulado a fazer um trabalho. A gente vai passar agora para o terceiro disco. Vai começar da estaca zero. Porque o que fizemos em *Nunca Fomos Tão Brasileiros* foi mais ou menos o que o Legião fez nesse disco novo: pegar tudo o que estava dentro do baú e soltar. Então você fica superpreocupado com o que vai acontecer a partir de agora. Será que vai tocar na rádio? Será que o pessoal não vai cobrar: "Ah, não é a mesma coisa que você fazia antes, não é 'Ate Quando Esperar', mudou, então não vou mais tocar seu disco". Tem que

Tomada geral do debate dos roqueiros, realizado em Sao Paulo

Hermano, Gutje, Paulo Ricardo e Renato Russo

acontecer alguma coisa para acabar com essa dependência do público em geral dos meios de comunicação de massa. Porque se o pessoal ficar dependendo de televisão, do que toca no rádio para consumir, para comprar disco, então vai ser um inferno... acho que as coisas só tendem a piorar...

Herbert — Vão melhorar, Gutje...

Gutje — Não, tudo bem, acho ótimo você ser otimista. Mas eu não acho que vá melhorar, cara. Acho que a iniciativa tem que partir do próprio pessoal que faz música, como o Legião. Ah, é show pra caralho? Vamos parar, vamos dar um tempo. Se o lance agora é brega, então deixa o brega rolar, o brega vai rolando, rolando... Hoje eu encontrei no avião com um cara da rádio Transamerica, e ele disse que há treze pesquisadores do Ibope aqui em São Paulo, que tem uma população que deve ser de mais ou menos treze milhões. Quer dizer, é um pesquisador para cada milhão de habitantes, e é esse cara que faz a rádio X estar num Ibope assim ou assado, faz a programação assim ou assado, de brega, ou de rock, ou seja lá o que for... Que país é esse? Onde é que a gente está? Como é que a coisa vai para frente?

Lemos — *Fica um emaranhado, a gente não sabe bem por onde puxar o fio. Há muita coisa para se resolver — por exemplo, direitos autorais. Tem uma mamata muito grande aí que é a seguinte: as editoras musicais (que fazem o registro das composições, e cobram os direitos de execução e venda) são das gravadoras. Então, não tem controle possível. Lá fora, nos Estados Unidos, na Europa, isso é impensável. As editoras cobram das gravadoras...*

Gutje — É, o artista que vende cem mil cópias nos Estados Unidos está quase rico.

Renato — Eu acho que no Brasil a coisa mais interessante é que as bandas principais são todas muito, mas muito boas. As vezes a gente não percebe isso. Então, o Bruce Springsteen, ou o Michael Jackson, com quatro *hit singles (sucessos lançados em compacto)*, vendem 35 milhões de cópias. No Brasil, quatro sucessos, é o mínimo para se vender cem mil cópias de um LP! Todas as bandas aqui, até o Ira!, os Titãs, a gente, é sempre assim: quatro, cinco sucessos e você trabalha em um formato só, nos não podemos lidar com o *single*, porque isso não existe, aqui você só lança álbum, não há definição de mercado... A imprensa vem te entrevistar citando toda a história do rock'n'roll, mas a parte da estrutura é dos anos 50! A garotada está muito mais evoluída do que isso. É como se tivesse desde a coisa mais primitiva até a mais evoluída, ao mesmo tempo, no país. De repente você tem os *compact discs* e toda uma estrutura louca de consumismo, você pega a TV no horário nobre e vê aquelas propagandas que ganham prêmios no exterior. Ao mesmo tempo o povo está passando fome, e você é obrigado a conviver com um esquema de rock'n'roll que é totalmente estapafúrdio.

Lemos — *Eu acho que o Brasil se ressente da falta de um mercado mesmo, de ter sucessos como o de um George Michael... Esse mercado de base não existe. Porque não existe um mercado de compacto no Brasil?*

Renato — É estranho, porque nós somos o quinto mercado mundial, vende-se para caramba no país. Isso é um paradoxo.

Charles — Eu posso falar alguma coisa sobre isso. Quando a gente ia lançar o *Jesus Não Tem Dentes...*, a gente tinha um excedente de material, que não dava para fazer um álbum duplo. Tivemos uma reunião com a gravadora, e nossa proposta foi lançar um *single*, e que no lado B desse *single* tivesse duas músicas inéditas, como se faz em todo o mundo. E é um produto simples, porque como a gravadora tem que fazer algo parecido, um disco para entregar para todas as rádios, chamado *promo (um disco com uma, duas, três ou quatro faixas, em formato de LP e 45 rotações, com as "músicas de trabalho" — as que devem tocar no rádio — de um ou mais artistas)*, a gente achou que seria super viável. O que a gravadora disse é que o mercado do Brasil não está acostumado com *single*. Que um disco como o que o RPM fez, com duas faixas com o Milton Nascimento, deveria ser vendido a um preço mais baixo, mas os lojistas vendiam a preço de LP. O lojista se recusa a vender *single*. Ele tem a noção de que aquele compacto, não importa o número de faixas que tenha, deve ser vendido a preço de LP, porque tem o mesmo tamanho...

Thomas — *É picaretagem mesmo, porque eles compram mais barato no atacadista.*

Charles — Eles compram. Foi o que eu disse. E a gravadora respondeu: você vende para o lojista mais barato, e ele pode cobrar mais barato do consumidor. Mas o lojista diz que não, que não adianta vender mais barato porque as pessoas não compram! O próprio consumidor tem um preconceito porque não conhece isso. Então o lojista iguala ao preço do LP, e as pessoas não vão comprar do mesmo jeito... Foi essa a justificativa da gravadora. Batemos o pé, mas o projeto foi vetado. Tem duas músicas nossas inéditas por essa razão.

Fê — Não daria para imprimir o preço na capa, como se faz lá fora?

Charles — A gente pensou nisso. Quando eles vieram com essa coisa de que o preço sempre sobe, a inflação, dissemos: "Muito simples. Não precisa imprimir, usa uma etiqueta". Aí eles disseram que *single* não faz parte do repertório industrial da empresa, e ponto.

Gutje — A respeito de preço, acontece a mesma coisa com a numeração *(há países, como a Itália, em que cada cópia de um disco é numerada, para evitar que os artistas sejam lesados em sua participação nas vendas, caso a gravadora anuncie uma venda inferior à real)*. Não se consegue fazer isso, por quê? O cara da gravadora diz: "Não da para numerar o disco, vai ter que mudar o maquinário..." Isso é papo furado. Não tem que mudar porra nenhuma. Se a censura pode pegar um disco e riscar um por um, porque não dá para escrever um numerozinho ali? É o tipo de coisa que não dá para entender. O disco da Legião. Vieram me falar: "Pô, o disco da Legião tá 700 cruzados *(isso em dezembro; em março mais de 1.000,00)*. Tudo bem, o encarte tá super bem feito e tal, mas, pô, 700 cruzados, por quê?"

Lemos — *Aquelas coisas de "série luxo"...*

Gutje — O pessoal das gravadoras está se dando mal, e não está percebendo. E aí acaba revertendo isso para a gente também, que não está vendendo disco. Acho que o que tem que acontecer é o que os Eurythmics, por exemplo, fizeram: eles tomam conta de tudo, tem sua própria editora, sua produtora de vídeo, têm o controle de tudo.

Paulo Ricardo — Mas no Brasil isso é inviável

Fê — Você pode começar de uma maneira mais simples. A gente abriu uma editora. O Capital Inicial tem sua própria editora. Você só precisa ter uma pessoa em quem você possa confiar e usar para começar a ter um controle maior sobre sua obra. Eu, por exemplo, nunca recebi dinheiro do ECAD *(entidade que monopoliza a arrecadação de direitos autorais)*. Recebo 30 cruzados por um show em que foram duas ou três mil pessoas — um show que rende um milhão, era para dividir cem mil entre os artistas, que é dez por cento para o ECAD —, e você recebe mil cruzados ou menos. O ECAD te paga como se tivessem sido 200, 300 pagantes...

Paulo Ricardo — Eu recebo tudo.

Fê — Mas vocês foram à luta para isso, cara. Ninguém te deu isso de mão beijada...

Paulo Ricardo — Eu não sei. Eu nem penso em negócios *(discussão generalizada)*...

Herbert — Mas tem um monte de gente para pensar para ti, cara!

Renato — Eu acho isso chato, porque a gente começa pensando em música, sabe, e depois tem que ir para esse lado, isso desanima pra caramba... *(discussão generalizada)*

Lemos — *Parece que não há nenhuma instituição confiável. Por que é que não existe nem uma parada de discos confiável?*

Jean-Yves — *O Ira! teve um hit, "Flores em Você" que abriu uma novela (O Outro) durante meses e meses. Vocês receberam o retorno do disco?*

Nasi — Quem recebe o retorno é o Edgard, que é o autor da música. O que a gente recebe é insignificante...

Paulo Ricardo — Mas a Globo não te paga todo dia uma caninha?

Nasi — Não, a gente recebe o referente ao que foi vendido do disco da Som Livre, com a trilha... *(começam várias discussões paralelas sobre direitos autorais)*.

Herbert — Eu vejo que nem todo mundo está bem informado. Vamos segurar a barra dessa discussão para não descambar em um problema genérico...

Renato — Vamos falar mais de música..

Paulo Ricardo — Vamos fazer um som, porra! *(balbúrdia. Alguém comenta que há uma bateria na sala ao lado. Depois de alguns minutos o debate reinicia)*.

Nasi — Eu quero dizer o seguinte: a juventude tem muito poucos canais de contato com o artista. E o grande canal ainda é o Chacrinha, que na minha opinião é um programa extremamente fascista. É um programa que os jovens que vêem, mesmo bodeando do programa, só pra ver certos artistas, no final acabam embaçando tudo na cabeça. O Chacrinha não vai te dar espaço para você falar, quando muito é um beijinho nele ou coisa assim. E você sai, acabou de tocar uma música, aparece uma placa: "Sarney, valeu, mais cinco anos", ou "Brizola, quero que você se f*"...

Jean-Yves — *Eu vi os Titãs no Chacrinha sábado, e o Chacrinha no final da música começou a cantar exatamente o contrário da letra, um desrespeito.*

Nasi — Eu não falo só em Chacrinha porque eu não acho esse o único ponto. Tem o lance das rádios livres... Acho que as rádios estão muito caretas e, queira ou não, a gente toca nessas rádios...

Herbert — Acho que é necessário compreender essa coisa das rádios, de que tanto se fala hoje. É que com o acesso à tecnologia, o cara que escutava AM lá na putaque-o-pariu, agora tem um rádio FM. Então não é que tenha mudado. É que simplesmente entrou para a faixa de ouvinte de FM um público que não ouvia quando a rádio Cidade começou no Rio de Janeiro, e tinha um formato superlegal, ou quando a Fluminense chegou a estar em segundo lugar de audiência...

Nasi — A 97, aqui em São Paulo, também chegou a ficar em segundo.

Herbert — Pois é. Mas é uma coisa recente — esse público teve acesso a esse material, e é um público que participa mais da rádio do que a garotada classe média que era o nosso público, que fez das bandas que estão aqui os manda-chuva da música brasileira... Hoje em dia não é assim, porque aquele cara que ouve o José Augusto se emociona com aquela música do sábado, ele liga pra rádio, ele chora... Então não é que tenha se transformado, simplesmente diluiu. A gente tem que entender que nosso público não desapareceu. Pô, outro dia a gente tocou no Ibirapuera *(parque em Sao Paulo)*, e tinha treze mil pessoas lá. Aí o Tutinha *(diretor da rádio Jovem Pan)* estava lá, e falou: "Pô, eu me sinto super culpado, essas pessoas não ouvem a minha rádio, eu estou desprezando esse público..."

Renato — No nosso caso eu sinto falta, por mais que tenha público, de uma outra coisa totalmente diferente de ter um canal para conversar com a garotada. Pô, de que adianta a gente falar das coisas em que acredita, Titãs falarem, Ira! falar, se não tem resposta? Parece que é uma coisa de verniz, de consumo brabo mesmo. O público não está agilizando, nem um pouco. Eles ficam cantando, cantando, cantando mas depois vão lá, sabe, bater em preto... A gente está cantando certas coisas, entra por um ouvido e sai pelo outro. Teve aquele incidente de São João Del Rey, com os músicos do Lobão, e de repente você fica se perguntando: "Pô, esse é que é o nosso público?"

E de repente é um descrédito, uma falta de esperança.

Paulo Ricardo — Pô, a gente não pode anular, em dois anos de *hit parade*, vinte anos de...

Renato — Não *(gritando)*, mas pera aí, poxa, o pessoal tá ouvindo as coisas que você fala, ou eles acreditam ou não! Eu acho que talvez seja esse o problema do rock no Brasil: estão ouvindo rock como quem ouve pop! Porque a garotada que foi ver o Cure lá no Maracanãzinho foi, acabou, não ficou nada.

Paulo Ricardo — Eu acho que você está cobrando muito do público, esse pessoal é muito novo.

Sandra, Thomas e Carlos Maltz

Gutje — Não, cara, o pessoal que tem 13 anos hoje em dia não é a mesma cabeça do pessoal que tinha 13 anos há dez anos atrás... O pessoal já vai para a cama.
Paulo Ricardo — Mas, pô, você tem que demonstrar, não adianta ficar falando faça isso, faça aquilo. A. ja é política.
Nasi — Eu acho que existe a comunicação não só através das palavras, mas da tua atitude, teu comprometimento. Eu acho que essa onda de musica romântica de que vocês falaram é um puta papo furado, não existe momento menos romântico no país, no Terceiro Mundo, do que agora. Nesse momento é que o rock, que a musica jovem tem uma importância maior, e tem de servir como porta-voz de uma geração que está completamente... não digo desenganada, porque eu acho que o jovem sempre tem uma esperança, mas que está completamente confusa quanto a sua expressão.
Alex — *Eu acho que aí há um ponto de contato entre as duas discussões que aparentemente rolaram separadas, a do problema de mercado, de tratamento de gravadora e mídia, e essa segunda, que é a do acesso da juventude a uma música própria. No período pelo qual a gente passou, as bandas que estouraram foram simplesmente vampirizadas pela mídia e pela indústria, deixando o Russo, por exemplo, um dia, em cima de um palco, se perguntando: "O que eu estou fazendo aqui?" Eu acho que a reversão dessa situação, encontrar esses canais, está muito menos na mensagem da sua música, mas nas formas de aproximação com o seu público. E aí eu acho que a gente tem, forçosamente, que tocar nessas questões numéricas e burocráticas, de quem vende, de quem faz, como é que você chega nos caras. Em princípio eu tinha achado importante quando o RPM, usando todo o cacife adquirido dentro do mercado, aplicou essas fichas e lançou um selo independente.*
Paulo Ricardo — A gente, com o perdão da palavra, se fudeu. Porque nós somos pessimos empresarios. Voce tem que ter um saco, um carinho pela parte numerica da coisa. No que, realmente, eu não tenho o menor interesse. E a gente esbarrou com o Plano Cruzado II, ninguem tinha um puto, todas as pequenas empresas que abriram em 86 faliram, e a gente já tinha colocado todo nosso cacife até aquele momento, e aí não tinha mais. A hora em que o disco estava pronto, aí tinha que começar um puta trabalho, de ter um cara para levar o grupo na rádio, tudo que é AM e FM, encher o saco, marcar um monte de entrevistas, ter um cara de imprensa para ir lá na BIZZ., bota lá a foto dos neguinhos, ficar ligando...
Gutje — E vocês chegaram a ficar com discos encalhados?
Paulo Ricardo — Tá lá, tem milhares de discos, quem quiser pedir pelo reembolso postal... *(risos)*
Scowa — De repente você produziu um disco como o do Cabine C esperando conseguir as mesmas coisas que você conseguiu como contratado de uma grande gravadora. Se fosse assim, não existiria nem o pessoal do heavy em Belo Horizonte *(a Cogumelo Discos)*, não sobreviveria nem a Baratos Afins, em São Paulo. O grande problema é fazer alguma coisa pensando no padrão das bandas bem sucedidas.
Gutje — Dar o passo maior que a perna...
Herbert — Mas Scowa, tem que ser competitivo, não tem mercado. Ou compete ou sai fora...
Lemos — *Eu acompanhei, de certa forma, o trabalho da Baratos Afins e do Wop Bop (outro selo independente paulista). Ate gravar o disco, tudo bem. O problema e a distribuição, tinha que haver algo como o Cartel, na Europa (a distribuidora que reune varios Selos independentes, que no exterior já comportaram sucessos como o dos Smiths — so recentemente capturados por uma grande gravadora — e New Order). Divulgação e bobagem...*
Herbert — O que é isso, cara?!
Lemos — *E bobagem. O pessoal das gravadoras raciocina sempre do mesmo jeito. Fazer um release, uma festa, um avião com uma faixa, mas no fundo essas coisas nem sempre influenciam muito. Eu sinto que no público de rock a coisa é muito mais boca-a-boca...*
Paulo Ricardo — Música tem que tocar no radio, pra todo mundo ouvir...
Lemos — *...Se o Violeta de Outono for ao Chacrinha, por exemplo, eles vão perder o publico deles, vão se queimar... Isso aconteceu com o Muzak, que era uma banda exclusivamente underground. No momento em que eles foram para o mainstream, o público deles os abandonou e eles não conquistaram publico novo. Isso acontece. Eu sei que o Violeta não vai ao Chacrinha não porque eles achem o Chacrinha o Anticristo, mas porque eles sabem que correm o risco de perder o publico deles e não ganhar ninguem (discussão generalizada).*
João — *(se sobressaindo do berreiro)* Ninguem dá atenção pra mim só porque eu sou independente *(risos)*! É o seguinte, cara, todo mundo falou, falou, falou, um monte de coisas de gravadora, não sei de que, milhões, milhões, receber isso, aquilo, todo mundo empapuçado de tocar, tedio, muitos shows, meu Deus! A gente esta completamente por fora disso. É o seguinte, a gente tem seis anos, a gente viu Plebe no Napalm, Legião no Napalm, deu risada do RPM no Madame Satã *(casas noturnas paulistanas, onde se apresentaram as bandas em inicio de carreira)*. Paralamas abriu uma vez para os punks no morro da Urca, no Rio, e recusou a borboletinha de segurar os pratos da bateria, emprestada, por nós... *(risos)*
Herbert — So um aparte. Foi porque a gente tinha feito o mesmo um mês antes de vocês irem, e o pessoal roubou um monte de pedais que a gente tinha suado para comprar...
João — Não, isso é antigo, só estou falando isso porque eu presenciei tudo, cara. Eu acho que o nosso destino é ser underground para sempre. A gente nao se interessa por esse monte de coisas que vocês estão discutindo aqui.
Paulo Ricardo—O Lemos disse que se o Violeta de Outono for ao Chacrinha eles se queimam. Se vocês forem ao Chacrinha vocês acham que se queimam?
João — Cruz credo,cara. Eu prefiro morrer do que ir ao Chacrinha.
Lemos — *Mas ao mesmo tempo, João, o país é grande, tinha que ter um sistema de distribuição. Tem gente no Pará que de repente ta adorar Ratos de Porão. Essas pessoas têm que receber esse disco...*
Sandra — Para ele ir ao Pará, tem que ir ao Chacrinha.
João — Eu prefiro "pará" do que ir ao Chacrinha... *(risos)*
Sandra — Não, é verdade. Para você dar show no Nordeste, você tem que aparecer umas três vezes no Chacrinha, senão ninguem te leva.
Paulo Ricardo — *(para João)* Posso fumar um cigarro dos seus? *(espantado)* Pô, ele é o único independente do mundo que fuma Gauloises *(uma marca de cigarros francesa)*! O Brasil é o país dos contrastes! *(risos. Alguém parodia: "Que cigarro é esse?")*
João — ... Outra coisa, o Renato falou do contato com o público. Eu acho que das bandas que estão aqui a que tem mais contato com o publico é a gente. Outem mesmo, no show, a platéia subiu em cima do palco e ficou. Fazer o que? Tirar os caras na porrada?
Nasi — Mas eu acho que há várias formas de se fazer isso. Niguem sobe no nosso palco, mas depois do show a gente sai, entra no meio das pessoas.
João — Prefiro morrer a tirar a distorção da guitarra, cara.
Herbert — É bonito, isso...
João — A gente está aí ha seis anos, vocês com dois, três, já estão com o rabo cheio de dinheiro. E a gente continua insistindo no nosso radicalismo, no peso, gritaria, barulho, falando mal de todo mundo...
Thomas — Eu posso falar um pouco disso porque a banda em que eu toco, Felini, está na mesma condição que os Ratos de Porão, mas fazendo um som bem diferente deles. Temos uma postura intermediaria — a gente tem interesse no que acontece nas gravadoras grandes, mesmo porque acho que a nossa sobrevivência depende disso, da gente descolar uma gravadora agora.
João — Vocês iriam no Chacrinha?
Thomas — Não, não iríamos. Mas concordo com o Lemos, eu acho que tem coisas que você pode abrir mão numa boa, para conseguir uma certa divulgação, alternativa.Mas não sou pessimista... toda essa trajetoria da feitura do disco ao consumidor tem que ser feita selecionadamente. Não adianta você querer enfiar o disco do Felini no atacadista, mesmo que você tenha uma empresa de distribuição que possa fazer isso. O atacadista não conhece, não vai comprar. Você tem que levar direto às lojas — todos os centros urbanos têm lojas especializadas em discos independentes. Tem a Câmbio Negro em Belo Horizonte, tem a Wop Bop, a Baratos Afins, a Bossa Nova em São Paulo, tem não sei o que em Porto Alegre... Mas vocês, Ratos, têm publico, fazem show e tal... Se vocês não tiverem essa preocupação com gravadora, vai acontecer com vocês o que está acontecendo com a gente, vocês vão terminar. Vocês vao ficar de saco cheio... *(discussao generalizada)*
Scowa — Eu sou músico ha quatorze anos, bicho, acho que eu sou musico ha mais tempo que qualquer um aqui, já passei por tudo que vocês podem imaginar, morei fora do Brasil... Não concordo com esse negócio que você está dizendo, de que os Ratos vão morrer por ter ou não ter gravadora. De jeito nenhum! Se você fizer o disco independente e se você tem um publico, você sobrevive com ele, sem precisar tocar em rádio, sem nada...
Herbert — As pessoas estão falando aqui em alternativas... Eu acho que as bandas que estão aqui, as que fizeram sucesso, mudaram o rádio brasileiro, numa época em que não se tocava rock.Lembro das discussões na Odeon,quando a Legião estava gravando o primeiro disco: "Não, isso não vai tocar na rádio", e tocou! Então essa é a história do diferente, de manter a radicalidade...
João — Mas uma coisa que eu sempre quis saber é o que vocês entendem por rock, aqui no Brasil. O que é rock para vocês?
Jean-Yves — *O rock e um estado de espirito... (alguem voia)*
Lemos — *Rock, hoje em dia, é uma palavra que não significa mais nada. Nem rebeldia nem nada. Rock vende sabonete na televisao, vende vodka na televisão...*
Scowa — ... E a atitude... *(discussão generalizada)*.
Herbert — Que atitude, Scowa? É musica, as pessoas fazem musica, e quem quer música usa os meios para vender, quem não quer...
João — ... Mas não dão espaço para as pessoas, cara. Pra você vender um disco você tem que tirar a distorção da guitarra e cantar "Ai meu Deus do ceu, porque a vida..."
Herbert — Não senhor. A Legião tirou a distorção da guitarra? Não tirou.
Sandra — Sem espaço nas radios, não da pra ser independente...
João — Ratos de Porão nunca vai tocar na rádio, cara, nunca.
Herbert — *(irônico)* Que bom, heim?
Paulo Ricardo — Vocês preferem morrer do que tocar para um monte de gente, eu acho isso absurdo. Vocês são cheios de preconceitos com o publico, pô.
Renato — ...Não sei, eu nao entendo dessas coisas, porque eu nunca fui proletario nem nada, mas quando os Pistols bateram, bateram pra caramba... A gente tocava pesadissimos, entendeu? Agora, a gente tinha uma formação de classe media, tinha mais acesso a outras coisas...
João — A gente tambem quer que mais gente conheça nosso som, mas as pessoas não dao esse espaço... *(balburdia. Frase entreouvida:* "Eles não querem é tocar no Chacrinha...")
Lemos — *...O problema nao e tocar no Chacrinha. Se o Chacrinha fosse o culpado de tudo... (balburdia.* "A gente matava o Chacrinha", *alguem completa).*
Herbert — E os Inocentes? O que você acha dos Inocentes?
João — Não acho nada, cara.
Paulo Ricardo — Você acha que eles perderam a inocência?
João — Perderam a inocência e viraram catrengas, pronto *(risos)*.
Herbert — Que é isso, cara? As guitarras de "Pátria Amada" são as mais pesadas e mais bem gravadas que eu ja ouvi...
João — Não é, cara, a gente conseguiu reunir dois publicos, o punk e o heavy. Publico heavy é na maioria molecada, que tem 12, 13 anos. Eles compraram nosso disco, e a gente está conseguindo misturar isso. Tanto que no nosso show tem de tudo, careta, cabeludo... A gente nao tem preconceito.
Paulo Ricardo — Tem sim. Se você for ao Chacrinha vai ter uma porrada de gente que não tem acesso a São Paulo, aos porões de São Paulo... *(começa uma discussão aberta entre Joao Gordo e Paulo Ricardo, com todo mundo dando palpites).*
Charles — Deixa eu falar uma coisa... Vocês estão pensando em termos de mercado como uma coisa só, e não é. Supondo que isso fosse um bolo, existem fatias grandes, fatias pequenas... Eu me identifico tanto com o trabalho dos Ratos de Porão quanto com o dos Paralamas, que são duas coisas completamente distintas... O nosso disco anterior, o *Cabeça Dinossauro* nao tocou no radio. Quando levaram na Jovem Pan, o cara falou. "Não vou tocar essa merda". Foi tocar no rádio muito depois, e na Jovem Pan nunca tocou. Nunca, é verdade. *(discussao com Paulo Ricardo: "Tocou, nao tocou").* Ou você acredita na minha palavra ou não. Não tocou, mas vendeu! Depois de seis meses, quando chegou a um numero de vendas, aí a gente se perguntava: "Mas não toca na rádio, como é que a gente pode vender?" Com o terceiro disco, nos fomos simplesmente excluídos do radio. E descobrimos um mercado que estava à parte, que pensa fora dos meios de comunicação. A gente, por uma sorte, atingiu esse mercado que comprou nosso disco. Eu acredito que deva ser em torno de cem mil... Existem cem mil consumidores no Brasil que pensam com coerência...
Fê — Esta acontecendo a mesma coisa com a gente. Estamos chegando a cem mil discos vendidos e não tocou, tocou pouco...
Scowa — Dizem que "Tique-Taque Nervoso" (sucesso de *Kid Vinil*), que tocou tanto que ninguem aguentava mais ouvir, vendeu só vinte mil copias. Quer dizer, tocar no rádio tambem não garante...
Charles — Então, existem mercados... mercados que se comportam... Deixa eu concluir... Então quando a gente pensa em cifras maiores... *(Paulo Ricardo faz piadinhas e atropalha o raciocinio do titã).*
Charles — Cê tá foda, Paulo Ricardo!
Fê — Está precisando de pauco *(risos, confusão.* "É, você está precisando de uma mordaça", *diz alguém).*
João — Tá precisando de... *(faz um gesto obceno).*
Lemos — *Cem mil é perto da circulação da BIZZ, e chegam centenas de cartas por mês de gente que nao é nem um pouco burra. Gente que, se você escreve o nome de alguem errado, manda pelo menos vinte cartas. Eu fiz uma critica do segundo LP da Legião, teve um cara que escreveu uma carta me xingando, tirou trinta xerox da carta e mandou as trinta, todo dia chegava uma (risos), quer dizer, tem que respeitar esse pessoal. O rádio nao faz a cabeça deles. So que eles são ignorados. Eles são a base — já*

Charles, em uma de suas veementes participações

© Vicente Abril

"Rock é uma palavra que não significa mais nada. Rock vende sabonete na televisão" (J.A. Lemos)

"87, contrastado com 86, ficou esquisito, mas é o primeiro ano de uma nova ordem" (Paulo Ricardo)

Paulo Ricardo e João Gordo, ou o "primo rico" e o "primo pobre" do rock

existe um publico crítico e inteligente. Cem mil, no mínimo.

Alex — Esse público interessado existe, sabe? No Paraná, com o Akira S, a gente viveu uma experiência genial. A gente foi pra lá junto com o... como é que chamava aquele grupo?... Uns caras que estavam tocando na rádio. Era um desses grupos que imitavam o Police. Chuta aí. *(Duas ou três pessoas respondem: "Os Paralamas!" risos)*

Alex — Não, não era esse *(risos)*. Os caras convidaram a gente para abrir o show deles, por acaso, porque outra banda não topou. E os caras já eram mais ou menos conhecidos, tinham um hit no rádio, e ficaram putos da vida, porque em Londrina, no Paraná, a gente acabou aparecendo para a mídia como banda excêntrica, inovadora, não sei o que... E as pessoas andavam atrás da gente na rua, a imprensa local nos procurou, não procurou a outra banda... Os caras *(era o grupo Degradee)* depois queriam expulsar a gente do ônibus... Então existe, eu estou clamando aqui pelo reconhecimento desse público e pela abertura desses canais, porque a partir disso as bandas que têm alguma coisa a dizer encontram seu nível, adequam os seus preconceitos aos preconceitos da sua platéia e foda-se! É essa a diferença, porque existe dentro dessa sala gente que quer chegar à massa, aos milhões, tem nego aqui que já chegou, e tem nego que nem pretenda isso.

Hermano — Hip hop não é divulgado no Brasil, nenhuma gravadora lança, e tem pelo menos um milhão de pessoas que dançam hip hop no Rio, todo fim de semana ("Aqui também", *emenda algum paulistano*).

Renato — Eu só quero dizer uma coisa, pelo menos no que acontece em relação à gente: a única coisa que nós queremos é voltar a tocar para público pequeno. E a gente já sabe que não vai poder fazer isso, porque senão a garotada vai se machucar... Não dá para tocar para mil, mil e quinhentos jovens, senão eles se machucam. Em Belém aconteceu isso, ficaram seis mil do lado de fora, tinha dezesseis mil... Na Quinta da Boa Vista, no Rio, que é enorme, o pessoal não deixou... Eles disseram: "Uma coisa é a orquestra do Isaak Karabitchevsky tocando lá com papai, mamãe, mas se o Legião for lá, gente vai se machucar"

Fê — Se você quer fazer isso, usa outro nome, como os Pistols *(ou os Stranglers, que de vez em quando dão shows em clubes minúsculos, na Europa, sob nome falso)*.

Scowa — A gente só está repisando coisas que a gente já sabe. A gente já sabe como funcionam as gravadoras, a gente já sabe o que cada um passou.

Gutje — É, a gente está se repetindo. Agora, a maneira de sair disso, ninguém acha.

Scowa — *(gritando, no meio da confusão que se instala)* Mas é aí que está. Estamos aqui para conversar sobre as possibilidades...

Gutje — Eu acho que se for para achar uma saída, a coisa não vai ficar em uma, duas horas de conversa. Então, se alguém está a fim de fazer alguma coisa séria.

Scowa — Eu proponho que a gente vire a Grécia... *(balbúrdia)*.

Hermano — Alguém aí sabe qual é o problema, para encontrar a saída? *(nova gritaria)*

Nasi — Eu acho que essa conversa está parecendo a conversa do primo rico com o primo pobre *(risos)*.

Lemos — *Eu não acredito em movimento de artistas (discussão)*.

Charles — *(bocejando)* Eu também não.

Nasi — Mas existem interesses comuns que podem ser trabalhados.

Lemos — *Para mim, 87 foi o ano mais importante para o rock nacional. Foi o primeiro ano que teve discos bem produzidos, com som de peso, tá evoluindo pra c*!*

Paulo Ricardo — É que contrastando com 86 ele ficou esquisito, mas a gente não percebe que é o primeiro ano de uma nova ordem!

Lemos — *Esqueça as vendagens, olhe o som!*

Sonia — *Eu queria passar o microfone de mão em mão, e ver qual é o ataque final de cada um.*

Paulo Ricardo — Em fevereiro agora a gente vai lançar o *fotomix* com a música "Quatro Coiotes"

Fê — O que é *fotomix*?

Paulo Ricardo — É um *picture disc*

Thomas — *É a história do disco gravado em inglês, citado na revista [americana] Billboard?*

Paulo Ricardo — Essa história é a seguinte: nós, na nossa ávida conquista do sucesso, fomos a Nova York encher o saco da CBS, que a gente queria lançar um disco em inglês de qualquer jeito, e eles marcaram para setembro. Mas aí, quando a gente acabou, ficou tudo tumultuado. Essa entrevista para o cara da Billboard eu dei antes...

Thomas — *Você acha que o disco vai vender?*

Paulo Ricardo — Eu acho que vai vender pra c*, porra!

Scowa — Vocês sentiram firmeza? *(risos)*

Paulo Ricardo — ...Depois, lá pelo dia 20 de março, vamos lançar o LP, e lá para abril a gente vai para a estrada, a via sacra.

Fê — Quando a BIZZ sair com este debate, a gente já vai estar na estrada desde 9 de janeiro, com palco novo, e fazendo o terceiro LP, pra nosso querido Alex não falar que é luxo... *(risos)*.

Charles — A gente, aqui, se bateu, não debateu. Eu vou me restringir a falar do mercado. Eu acho que as bandas têm também que pensar no fator da economia, que tá fodida, e levar isso em consideração. Então, a qualidade do show talvez possa cair com isso, cenografia, luz e som. A gente pensa nisso porque nosso show é supercaro. Inclusive uma coisa que atrapalha é essa coisa de todo mundo aqui ficar se espelhando no que acontece fora do Brasil. "Na Inglaterra é assim".

Scowa — Eu, quero convidar todos aqui para verem meu show. Cabe só duzentas pessoas, mas se apertar cabem 250... Acho que se o Butantã estivesse aqui, bicho, aí ter muito soro aí pra fazer... *(o microfone é passado para Carlos Maltz, dos Engenheiros)*.

Scowa — Ele não falou nada ainda *(todo mundo em coro: "Fala!")* O que você, calado aí, achou de toda essa história?

Carlos — Eu me sinto constrangido porque a gente tem muito pouca coisa a acrescentar, a gente não vem do circuito underground — mas respeito pra caramba quem batalhou ali. Somos três garotos classe média que não tinham nada pra fazer,.. Até tenho pouca vontade de ser sincero aqui com vocês. Prefiro ser sincero no trabalho... Pega a biografia do Dylan: 90 por cento é fantasia, e é o que interessa. Os outros dez por cento são números de vendas... Tirante a fantasia e os números de vendas, sobra tripouca coisa. Passou cinco anos, quem é que vai se lembrar? Eu só acho que não dá para abrir mão das tuas canções... Aí, ó: ser virgem nas canções, na composição. Na divulgação sou uma putana.

Paulo Ricardo — *(gritando)* Muito bem! Exatamente! Definiu, definiu...

Carlos — Na real: todo mundo tá cada um na sua, esse sindicato aí eu estou fora. Acho que é cada um por si, e é até divertido esse lance. De repente, a gente é tão pequeno na jogada... A Volkswagen acabou com o Fusca, que era muito mais historico do que todo mundo aqui junto. Na maior. *(risos, confusão rápida)*.

JÚLIO RENY & EXPRESSO ORIENTE

O OÁSIS DAS CANÇÕES DE AMOR E MORTE

Eurico Salis

"No programa *Negros Melodias*, que vai ao ar pela Rádio Ipanema de Porto Alegre, um misterioso locutor denominado D.J.R. dedica parte de seu tempo às mulheres, às suas musas, às fêmeas gaúchas... No palco, esse D.J.R. se transforma em Júlio Reny. E para cada pedido de autógrafo segue-se mais um poema, criado assim, na hora. "Eu sou apenas um gigolô brasileiro/ Meu terno é escuro, meus olhos são tristes/ Tenho foto no arquivo policial, e às vezes não funcionam no amor...", diz a letra de "Garota do Carro Vermelho", uma auto-apresentação para mais uma *ludi* que passa, e põe a sensível epiderme do poeta à prova.

Há mais de dez anos Júlio passeia pelas ruas de Porto Alegre levando suas homenagens — canções simples, em ritmo ebulitivo, temperadas com os tons sutis e fulgurantes de um oriente desértico e interminável... Júlio toca para os corações, e é praticamente desconhecido fora de seu universo. Numa entrevista concedida a um fanzine local, ele responde à pergunta, "Por que você não grava um disco independente?

"Acho um desperdício de material humano e de idéias. As pessoas merecem ter meu disco gravado por uma gravadora com todas as condições de distribuição, divulgação e gravação." A isso junta-se o conceito que Júlio tem de um disco. "Ele vai ser colocado no subúrbio", diz. E, lembrando-se de Marvin Gaye: "Se não tiver arranjo de cordas, como o guri vai sentir aquele calafrio quando apertar a garota dele? Você está mexendo com algo onde outras pessoas já fizeram coisas maravilhosas. Então você tem que se curvar ao fazer um disco. Ele é para vender mesmo, atingir o coração das pessoas..."

"Eu tenho uma tenda e uma pele de tigre/ Não vou lhe contar o que me aconteceu/ E por que resolvi ficar aqui/ Só poderia te prometer/ As estrelas lá no alto e as noites no deserto..." Assim Júlio encerra mais um verso. "O oriente que eu tenho na minha cabeça é o kitsch de Hollywood. Um lugar para onde eu fujo comigo mesmo quando a barra pesa. Como aquele pintor francês (não me lembro o nome) que pintava selvas oníricas dentro de seu apartamento, sem nunca tê-las visto."

Acompanhando Júlio, o Expresso Oriente, mostra viva dos naipes mais valiosos da música gaúcha: Jimi Joe (também Athaualpa e os Panquis, guitarra), Carlo Pianta (ex DeFalla, baixo), Vasco Piva (sax alto) e Carlos Magno (ex-Cóccix, bateria), mais o vocal e guitarra de Júlio e uma percussão substanciosa.

"Não chores Lola/ Um coração partido não é o fim." "Eu me sinto nesse ponto, como um cantor de blues. Acho que, aconteça o que acontecer, o amor sempre será a droga que vai mover o mundo e ninguém pode fugir disso. Acho que estou indo ao centro da questão, sem maiores preâmbulos. Essa é minha missão." Que as deusas o abençoem!

Sônia Maia

The Fall

A BRASA MAIS QUENTE DE MANCHESTER

O ano de 87 ficou marcado pela chegada de um disco do Fall ao Brasil. Uma banda importante dessas, considerada por muita gente famosa a melhor banda inglesa da atualidade, não poderia passar desapercebida. O LP Bend Sinister *foi escolhido o quarto melhor lançamento do ano pela crítica, que também considerou o Fall como o melhor grupo internacional de 87 (ver Melhores de 87, nesta edição). Com uma repercussão dessas, só mesmo correndo ao telefone. Deu certo! Sentado no estúdio londrino onde finaliza o novo LP, Mark E. Smith, cantor/líder/criador do Fall, conversou com* Thomas Pappon.

[redacted] Manchester tem algumas [redacted] coisas em comum com Sao Paulo, mas talvez apenas nas primeiras impressões, mais superficiais. Pensa-se em parques industriais e na falsa, mas difundida, imagem de chaminés, fabricas, céus cinzentos, garoa, pessoas sombrias e mal barbeadas, usando *anoraks* (aqueles casacos com capuz) em noites solitárias. Ledo engano. Uma cidade dessas viveria apenas da memória do Joy Division e não explodiria nos contrastes efervescentes e coloridos que já nos deram os Smiths, New Order e Magazine. Uma cidade dessas não deixaria sobreviver e desenvolver o encanto de uma antibanda ("convençoes? *No thanks.*") como o Fall. Naaaaaoooo, senhoras e senhores! Axé para os estímulos mágicos dessa cidade e para o Fall, desde 77 gravando e tocando, sem dar bola para críticas de qualquer espécie e muito menos para padroes de qualidade que privilegiam a parte técnica. Nunca houve um integrante virtuose na banda. Nunca fizeram um disco sem chiado, sem microfonia, distorções e uma ou outra nota desafinada ou fora de ritmo. Na verdade, tudo isso importa pouco. O Fall mistura Velvet, Can, Stooges, inova com sua impressionante garra para beats firmes, guitarras pesadas e cantos impetuosos. Mark E. Smith segura com mão firme o timão que sempre dirigiu contra a correnteza do pop. Agora ele está mais relaxado: o Fall virou *darling* geral (sempre foi, mas apenas de alguns, como o radialista John Peel e nosso fotógrafo, ex-radialista, Maurício Valadares), vira e mexe é capa de *NME* ou *Melody Maker*, anda frequentando e galgando postos na lista dos melhores do ano e melhores de todos os tempos, e Mark já é visto como herói, pela persistência nos seus ideais glauberianos de rompimento de formas e brincadeiras semânticas. Fala Mark, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade.

BIZZ — *O LP* Bend Sinister *vendeu cerca de oito mil cópias no Brasil em quatro meses.*

Mark — Excelente!

BIZZ — *O que você acha de ter um disco lançado aqui?*

Mark — Acho isso fantástico. Gosto muito de escritores brasileiros. Gosto de todos os contistas.

BIZZ — *Quais?*

Mark — Não sei, mas gosto de todos eles. Tenho um livro grosso em casa com todos esses contos brasileiros. É realmente muito bom, gosto mesmo deles. Usualmente não gosto dos escritores sul-americanos, mas gosto dos brasileiros. Gosto do jeito que eles constroem as frases.

BIZZ — *O que mais você gosta de ler?*

Mark — Muita coisa, na verdade.

BIZZ — *Você conhece música brasileira?*

Mark — Não. Realmente nao.

BIZZ — *Você poderia nos falar um pouco sobre a gravaçao de* Bend Sinister?

Mark — Sim. Ele foi gravado no outono de 86. Fizemos metade dele em Manchester e a outra metade no estúdio Abbey Road, em Londres. Coisas como "Mr. Pharmacist" foram gravadas no Abbey Road. Nós não mixamos o disco, pusemos ele direto no tape. Por isso que ele soa tão poderoso, forte.

BIZZ — *Você quer dizer que gravaram direto num tape estéreo?*

Mark — Sim.

BIZZ — *Você sempre foi o líder?*

Mark — Sim.

BIZZ — *O grupo já teve várias formações. Qual a formação atual?*

Mark — Na verdade, a formação é bem parecida com a do *Bend Sinister*, mas acho que é sempre bom pessoas saindo e entrando na banda.

BIZZ — *A impressão que temos é que nunca existiram músicos experientes no grupo, eles parecem iniciantes nos seus instrumentos. É verdadeira a impressão?*

Mark — Sim, todos são autodidatas e aprendem dentro do grupo. Nunca pegamos alguém que tenha idéias prontas. Por exemplo, agora temos uma nova tecladista chamada Marcia. Ela parece ser o oposto de Si-

mon Rogers (o ex-tecladista) e isso dá um novo estímulo. Acho que essa mudança foi muito boa. Mas não sou do tipo que deliberadamente se livra de pessoas ou contrata outras

BIZZ — *Você acha que essa falta de técnica é responsável pelo som único do Fall?*

Mark — Bem, nao sei. Sabe, eu chamaria isso de entendimento, não de falta de técnica. Se você tem cinco músicos tecnicamente brilhantes, geralmente lança os piores discos

BIZZ — *Já vi muitas comparações do Fall com Velvet Underground. Você acha que elas sao procedentes?*

Mark — Acho que isso é *OK*. Sempre gostei deles. Acho que o que temos em comum com o Velvet é realmente a atitude

BIZZ — *Você sempre ouviu os grupos importantes dos anos 60, Doors, Can...?*

Mark — Sempre curti mais o Can, de fato

BIZZ — *Quais são suas influências musicais?*

'Eu chamaria isso de entendimento, não de falta de técnica. Se você tem cinco músicos brilhantes geralmente lança os piores discos...'

Mark — Nenhuma, atualmente. Poucas, pra falar a verdade. Acho que nos criamos o nosso próprio solo, inovamos dentro do que nós mesmos fizemos

BIZZ — *E as letras? Você se referencia nas coisas que le?*

Mark — As vezes sim. Mas o problema é que nao gosto muito de pensar sobre isso. Sou apenas um escritor espontaneo

BIZZ — *Você escreve muito, nao?*

Mark — Sim, mas não sou acadêmico no que faço

BIZZ — *Você planeja escrever um livro?*

Mark — Talvez

BIZZ — *E aquela peça, Hey Luciani!* (N. da R. — Escrita por Mark, encenada em Londres no ano retrasado, com participação do Fall)*? Teve êxito?*

Mark — Para mim teve, sim. Acho que aprendi muito disso. Não ganhamos dinheiro algum com isso, mas foi uma boa diversão e uma boa experiência de disciplina, creio

BIZZ — *Você cria um monte de expressões e usa palavras que nunca tinha ouvido. Você estuda semiotica ou coisas afins?*

Mark — Não. Essa é uma pergunta bem interessante. Os ingleses dizem o mesmo a meu respeito, por isso não se preocupe. Na verdade, eu me ligo mais na cor das palavras

BIZZ — *Mas é difícil extrair um sentido das frases, apesar de ser possível criar uma imagem com o que está sendo dito*

Mark — Exatamente. Acho que isso é o mais importante

BIZZ — *E os ingleses? Como é que eles entendem e aceitam tuas letras?*

Mark — Bem, acho que as pessoas que gostam do Fall conseguem criar imagens. Mas a maioria dos ingleses é confusa, tonta

BIZZ — *E a imprensa musical inglesa? O que você acha do que se escreve sobre o Fall?*

Mark — Às vezes eu gosto do que dizem. Acho que as matérias são boas, estamos sempre aparecendo e isso é importante. Sabe, um monte deles nos odeia e um monte nos ama. Nós realmente necessitamos dessas matérias, porque não somos grandes vendedores de discos

BIZZ — *O que você acha do panorama atual da música inglesa?*

Mark — Acho que a grande maioria é uma merda, mas algumas coisas são boas. Acho que o grupo I, Ludicrous é interessante. É uma boa banda em breve vocês ouvirão falar nela. O Christians tambem é bom

BIZZ — *Várias bandas inglesas estiveram no Brasil recentemente. É a primeira vez que isso acontece. Primeiro veio a Siouxsie, depois o Cure, Echo & the Bunnymen, PIL e o Big Audio Dynamite*

Mark — Me parece então que vocês andaram passando por um mau período por aí!

BIZZ — *E você? Planeja vir ao Brasil?*

Mark — Sim, eu adoraria. Um amigo meu esteve aí, o Michael Clark *(Famoso coreógrafo e dançarino. Esteve se apresentando no Brasil em 86, com sua companhia de dança.)*

BIZZ — *Você ainda vive em Manchester?*

Mark — Sim

BIZZ — *O Joy Division é popular por aqui. Você era chegado deles?*

Mark — Bem, conhecemos mais o pessoal já como New Order

BIZZ — *Os Smiths tambem são queridos por aqui. O que você acha das letras do Morrisey?*

Mark — Elas são bem interessantes. Não são tao boas como as minhas. Desejo boa sorte pra eles

BIZZ — *A Factory chegou a manifestar interesse no Fall?*

Mark — Sim, sempre

BIZZ — *E vocês nao quiseram gravar com eles?*

Mark — Nao, acho que as coisas da Factory são muito uniformes. Também acho que lá, se você não é dono, você morre de fome

BIZZ — *E o novo LP?*

Mark — Estamos terminando as gravações agora. Vai sair em fevereiro

BIZZ — *O Fall já existe há mais de dez anos. Quantos anos mais de vida você da para o grupo?*

Mark — Não sei. As coisas mudam tanto, sabe? Sinto que estamos muito bem no momento. Tenho uma banda muito jovem

BIZZ — *Quantos anos você tem?*

Mark — 34. Todos os membros do grupo, exceto eu, são mais jovens do que qualquer integrante dos Smiths, por exemplo. Você não pode esquecer que o Fall começou muito cedo

BIZZ — *Mas entao como é possivel que os outros integrantes sejam tao jovens?*

Mark — Bem, o Fall não foi à escola como a maioria das bandas inglesas

BIZZ — *Quem está produzindo o novo LP?*

Mark — É o Simon Rogers, que toca no *Bend Sinister*. Ele é uma espécie de integrante *full-time*. O LP tem um som muito bom, bem interessante

BIZZ — *É muito diferente de* Bend Sinister?

Mark — Nao muito, mas é milhas adiante. É mais coeso

BIZZ — *Quem faz as capas dos seus discos?*

Mark — Eu ou minha irmã mais jovem

BIZZ — *Bem. Estamos a sua espera no Brasil*

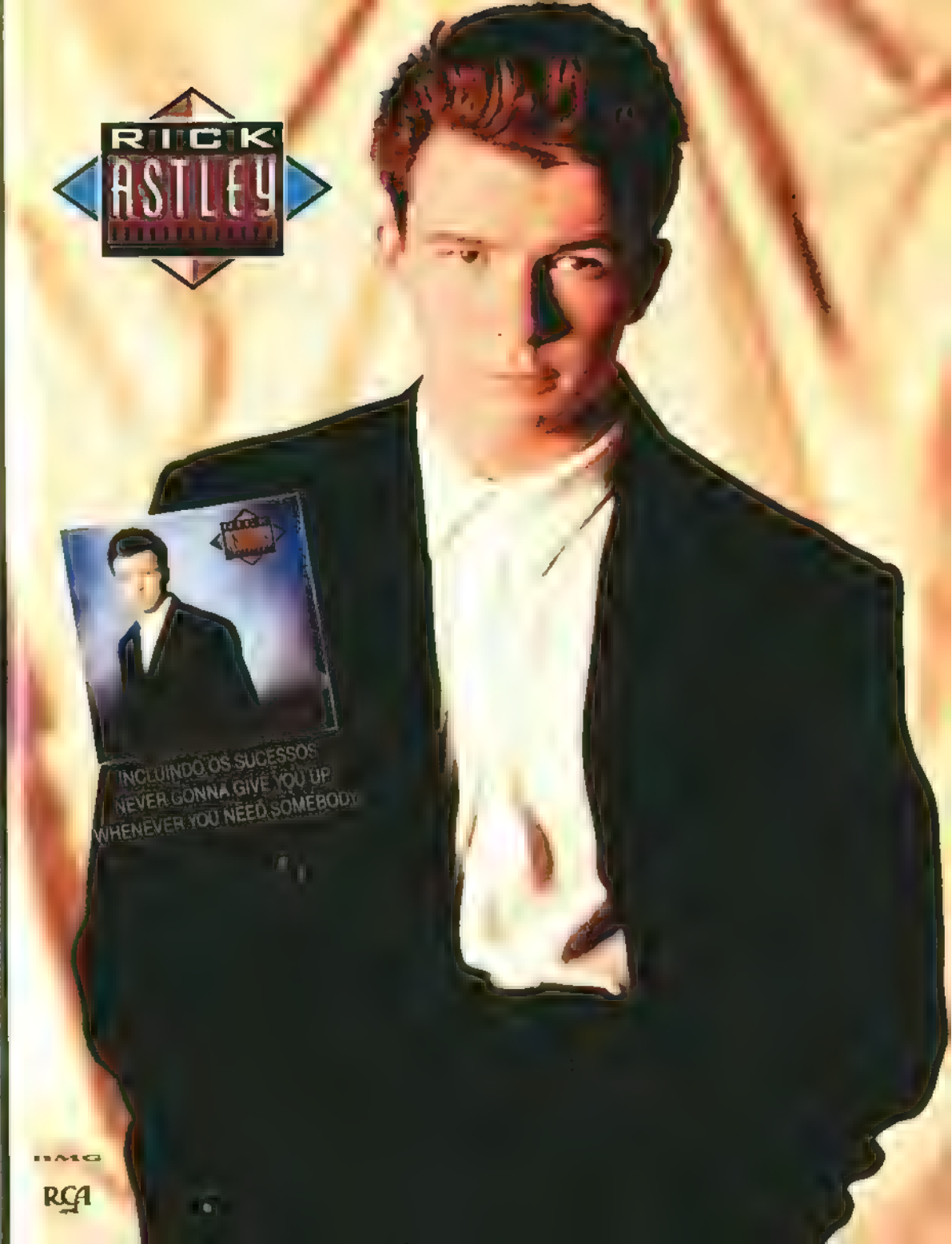
Mark — Mal posso esperar

BIZZ — *Mas você nao costuma sair da Inglaterra, certo?*

Mark — Bem, é que geralmente fico de saco cheio. Excursionamos várias vezes pela América e sempre fizemos dinheiro, mas considero isso um tremendo desgaste

BIZZ — *No Brasil isso será diferente*

Mark — Eu sei.



TERENCE TRENT D'ARBY

A LINHA DURA DO NEGRO GATO

Por Pepe Escobar, de Londres

Como Morrissey — que ficou tão ou mais famoso por suas declarações do que pelas canções dos Smiths — Terence é mestre em uma arte de [illegible]: impor à mídia pop a polêmica e a controvérsia [illegible] obrigá-la a acompanhar cada um de seus caprichos. Ele se amarra [illegible] falatório e não faz a menor questão de [illegible]. Mas e a música? Vejamos

Terence Trent D'Arby é antes de tudo um [illegible] de marketing. Um triunfo de embalagem em linha direta dos céus para os escritórios da CBS Records. [illegible] [illegible] [illegible] canta, dança, compõe e arranja. Ele tem um big ego para acomodar tanto talento, com o qual também brinca para destruir e devolver contra a indústria da música todos os seus preconceitos e idiossincrasias. Ele tem todas as credenciais necessárias para credibilidade de rua e de passarela. Ele é o melhor cantor e compositor negro [illegible] depois de Marvin Gaye? Sam Cooke? [illegible] passada?

D'Arby tem uma [illegible] voz e apenas 25 anos. A voz é aquele rouco catacumbico característico dos heróis da black music — mas sempre capaz de surpreendentes nuances. Os 25 anos rendem um romance [illegible] ótimo copy para press release. Como não poderia deixar de ser, D'Arby iniciou-se no gospel de cada [illegible], acompanhando o pai [illegible] Manhattan, New Jersey, Flórida, Chicago. Depois de garantido seu lugar no céu ao lado do Good Lord protetor dos *gospel singers*, D'Arby [illegible] suar o corpo. Boxeou durante quatro anos. Campeão amador. Um [illegible] na escola do [illegible]. Seu rosto não conserva nenhu[illegible]. Cansado de bater no [illegible] Terence resolveu [illegible] um fuzil. Exército. Logo onde [illegible] regimento da pelvis mais fa[illegible] da história [illegible] mesmo destaca[illegible] na Alemanha onde [illegible] Elvis Presley. Não poderia durar. D'Arby fugia sempre que pos[illegible] arrava sessões com uma banda, Touch. Não deu certo. [illegible] tentativa, D'Arby arruma um ad[illegible]gado, escapa do exército, da banda, da corte marcial, do próprio ad[illegible]gado, [illegible] para a Inglaterra e termina estourando através de um pacto faustiano com a CBS.

Antes de [illegible] vinil, D'Arby [illegible] como pop [illegible] por seu look e seu rap. O trabalho [illegible] depois. O [illegible] de 87 na Inglaterra, e agora no Brasil. *Introducing the Hardline According to Terence Trent D'Arby*. A autoconfiança do título diz tudo em relação ao personagem. Mas a suposta "linha dura" não é tão dura quanto parece: trata-se de um mish-mash de pop, [illegible], gospel, funk, [illegible] batique e [illegible] de amor — tudo composto [illegible] por ele mesmo. [illegible] que bastou. Com apenas dois vídeos dos [illegible] primeiros [illegible] "If You Let Me Stay" e "Wishing Well", D'Arby estourou em toda a Europa e [illegible] da [illegible] Benetton na Inglaterra. Sim, porque o público de D'Arby não é basicamente black. É branco. E feminino. O [illegible] da questão é simples [illegible] na melhor tradição de Clyde McPhatter, Jackie Wilson, Sam Cooke e Marvin Gaye. Negro, alto, esbelto e sexy, provoca turbulências libidinosas em donzelas de pele branca.

Encontrei a fera em Roma, em outubro último. Sua reputação de modelo ideal para editoras de moda, além de polemista insaciável, já estava estabelecida. Os italianos ficaram barbarizados. "Ma che bello." Estilo D'Arby indissoluto: [illegible] preta, calça preta de linho, [illegible] preto de manga comprida, boina preta, tranças rasta cuidadosamente sedosas e dispostas para o flash mais indiscreto. E o [illegible] catacumbico com acentos malemole[illegible] sexy. [illegible] [illegible] uma figura interessantíssima para se conversar. [illegible] nem queria conversar. O [illegible] orgânico estava deslumbrado com Roma: "Se ficasse famoso aqui seria um pesadelo, não poderia passear por este país bel[illegible]. Tem [illegible] traumáticas da infância. Quando eu era pequeno era um problema. Ninguém me entendia, não sabiam de que [illegible] era [illegible] negro para ser branco [illegible] branco para ser negro." Passou por gospel. [illegible] de [illegible] do pai pentecostalista e disciplinou o [illegible] para a vida e para forjar uma carreira. "Mas quando eu descobri Marvin Gaye e Al Green [illegible]. Depois disso [illegible] aprender [illegible]"

Do sagrado ao profano [illegible] da qual se forjam os [illegible]. "Na religião pentecostal, o gospel é a música de Deus e todo o resto é música do diabo, com [illegible] exceções. Mas foi daí que vieram os [illegible] performers de rhythm'n blues de nosso tempo: foi essa tensão, a dicotomia de misturar gospel e rhythm'n blues, que criou os grandes cantores. Se não fosse o gospel eu não teria sucumbido à música do [illegible]."

Lúcifer — disfarçado de James Brown — ganhou a parada e levou D'Arby de troféu. Por que pop star, Terence? "Vamos ser sinceros: todo [illegible], de Mozart a James Brown, entrou nesse negócio para [illegible] para [illegible]. É bem melhor do que o exército." Gênio? Confirmado para ele: *Hardline* é o melhor disco dos anos 80, talvez o melhor dos últimos vinte anos, talvez [illegible] de *Sgt. Peppers*. "Ma che bastardo arro[illegible]

Receita para viver melhor

Revista Saúde!

LEIA EM FEVEREIRO

- **Hamamélis** - a cura perfumada para má circulação, varizes, cravos e espinhas.
- **Tofu** - o queijo sem colesterol. Com sabor delicado, vem do leite de soja e é riquíssimo em nutrientes.
- **Pimentão** - uma fonte de vitamina C e fibras.
- **Barriga** - sinais de alerta. Mal-estar, dores? Descubra o que querem dizer.
- **Herpes** - O que você pode fazer para evitar as crises, especialmente no calor.
- **Câibras** - Alimentos e vitaminas que acabam com elas.
- **Dor de Cabeça** - acerte o teste e aprenda a evitá-la.

NAS BANCAS

Ele não quer falar sobre música. Chegamos à conclusão de que não vale a pena. "É tão inútil quanto falar de sexo. O negócio é escutar.

gante", suspiraram, seduzidas, as italianas.

Ídolos? Vários, a começar por Malcolm X, o último radical da América, hoje também pirateado em seus discursos pelos rappers mais radicais. Terence quer filmar a vida de Malcolm X. O produtor será "uma mulher rica que acredita na meu projeto. Todas as pessoas de gênio encontram a maneira de realizar alguma coisa em que acreditam". Mais ídolos: Fellini, Cocteau, os Stones, Dylan Thomas, o grande Muhammad Ali e, claaaaro, Brown o Godfather of Soul. Terence não menciona Michael Jackson. Vale notar que uma das melhores *D'Arby news* é o fato de que mandou para todas as gravadoras estabelecidas em Londres um vídeo autoproduzido onde cantava seis hits de Wacko Jacko vestido *à la lettre* como o mutante de Encino, Califórnia — incluindo a jaquetinha militar e a solitária luva branca. Depois Terence mudou de tática e enviou a demo tape que virou *Hardline*.

D'Arby atribui ao zodíaco a capacidade de reinventar a si próprio, além da maestria no domínio da mídia. "Ele é de Peixes — um signo duplo". D'Arby também foi jornalista, e conhece as matretas inerentes à profissão. Conversamos sobre o assunto e ele se entusiasmou. Não quer saber de falar sobre música. Chegamos à conclusão de que não vale a pena. "É tão inútil quanto falar de sexo. O negócio é escutar.

Até esse momento, ainda não tinha visto D'Arby na prova dos nove ou seja, em palco, ao vivo. OK, ele tem a voz, o look, o instinto, a inteligência; fica muito bem em capa de revista e na telinha espectral, considera-se um homem de esquerda ("Estou na Inglaterra há sete anos porque não poderia mais viver na América, é uma terra conservadora racista, homofóbica"), não se considera a resposta masculina a Whitney Houston ("Não sou perfeito e bem construído como ela, não quero grandes riquezas nem estádios cheios de gente .."). Um mês depois, em Londres, apareceu um D'Arby diverso: soltando os punhos. "Sou gênio mesmo, e vou ser muito mais popular do que Whitney Houston".

A performance do gênio, em um crucial palco londrino, o Academy de Brixton, confirmou diversas variáveis. Banda afiada de lobos de estúdio. Marcação estudada — arranjos, ataques, silêncios, introspecções, teatralidades — na cola da melhor tradição das "revues" de James Brown. E a sensação de que, quando D'Arby canta, não ouvimos D'Arby — lembramos de gospel, rhythm n blues e, principalmente, soul clássico dos anos 60. O efeito é marcante na sessão "covers". D'Arby — para o público adolescente — é um original. Para quem tem mais de 25 anos soa como trilha sonora de comercial da Levi's. D'Arby "recria" "Sex Machine", "Wonderful World", "I Heard It Thru the Grapevine", "Funky Broadway", "Aceleration My Thumb", dos Stones. O resultado é que ficamos sonhando com os originais Brown, Cooke, Gaye, Wilson Pickett .. Terence no show revela suas paixões: favoritas country music e cantar covers. Não por acaso, as covers ainda são o melhor do show. Gênio, então? Não ainda. Não enquanto Terence não amadurecer e se livrar das sombras ubíquas de Stevie Wonder e James Brown. Ele tem o básico: o look, a voz e o movimento.

Precisa de canções. Se conseguir escapar da armadilha — converter-se em um bibelô da volatilidade desmemoriada adolescente —, um dia, nos anos 90, chegará a ser mais popular do que Whitney Houston. Além disso, dança melhor.

ENCARE DE FRENTE ESTA REVELAÇÃO

de ser aclamado unanimemente pela crítica especializada

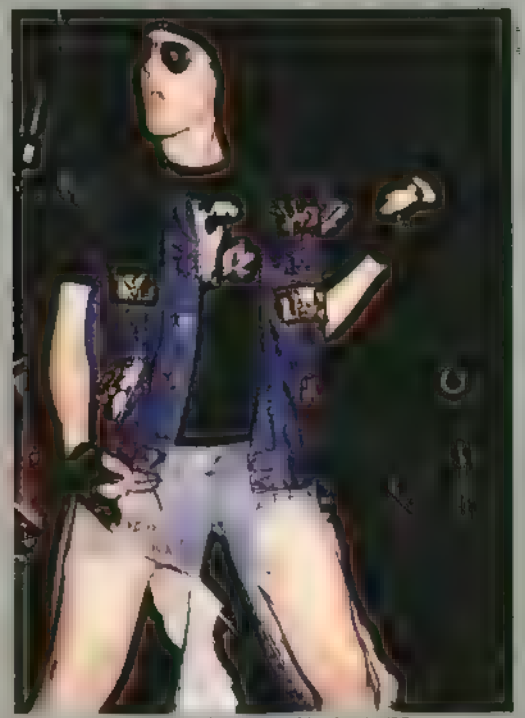
dos grandes artistas

CBS

METAL BRASILEIRO

É O QUE SÓ PODE SER

Ele mostra suas garras — e não é de hoje. Com a explosão do heavy no exterior, muitos grupos daqui podem chamar a atenção



Reneger, no segundo show do Panic, no Mumbembe (SP)

A atual geração do heavy metal brasileiro possui uma infinidade de bandas. Concentrado no eixo sudeste — junto aos grandes centros —, o metal tem conquistado seguidores em todo o Brasil, num reflexo do que acontece, atualmente, em todo o mundo.

Uma boa parte desses grupos passa por uma fase de transição, tanto nos temas abordados como no instrumental. Quanto às letras, aquele satanismo que por muito tempo marcou a trajetória do metal está sendo pouco a pouco, deixado de lado, abrindo espaço para contestações políticas ou temas desenvolvidos de acordo com a identidade de cada banda.

Mas essa quantidade de bandas não espelha qualidade — a mesmice musical ainda é o grande mal que aflete a maioria delas. Mesmo assim, os trabalhos diferenciados vem aparecendo gradualmente. Por hora, destacaremos cinco deles, Panic, Mutilator, Korzus, Atomica e Taurus.

***

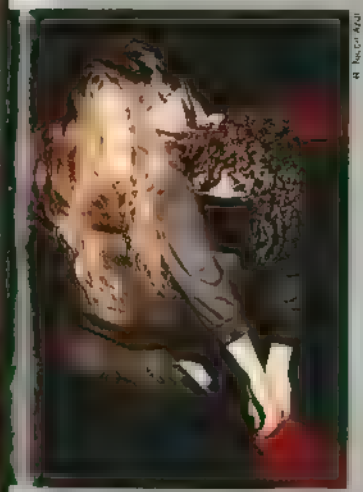
O **Korzus** apareceu em meados de 84 e começou a frequentar o circuito metal paulista em dezembro do mesmo ano. Influenciados tanto pelas correntes mais tradicionais do heavy quanto pelas mais recentes, como o black metal, eles foram convidados a entrar na coletânea *SP Metal II* (Baratos Afins) lançada no primeiro semestre de 86. Em setembro a Devil Discos lançou o *Korzus ao Vivo*, gravado em um show ocorrido no Sesc Pompéia em julho de 85. Essa gravação serviu para cobrir o lapso de tempo em que o Korzus ficou parado, para reestruturações. *Sonho Maníaco*, o LP solo lançado esse ano pela Devil, mostra o trabalho atual do Korzus. Atentos às mais variadas influências — do progressivo ao jazz rock, inclusive —, o disco vem recebendo elogios dos fãs, bem como abrindo espaços fora de seu Estado. A formação que o gravou inclui Silvio (guitarra), Dick (baixo), Pompeu (vocal) e Zhema (bateria), que se suicidou em outubro último. Embora ainda abalado pela morte de Zhema, o Korzus pretende dar continuidade ao trabalho e promete um som "cada vez mais ácido", como diz o Silvio.

***

O **Atomica** vem de São José dos Campos (São Paulo) e foi montado em outubro de 85 por Laerte (vocal), Mário (bateria), André (baixo), João Paulo e Pyda (guitarras). O Atomica tem suas raízes musicais no heavy metal dos anos 70, estilo considerado, pelos integrantes da banda, de vital importância para as fusões atuais do heavy. Mesmo assim, sua maior influência vem de grupos americanos como Metallica, Anthrax e Exodus. Logo após os primeiros seis meses de formação, eles estrearam na Semana da Cultura de São José dos Campos. Em seguida partiram para vários shows no interior do Estado e daí para o Rio e Minas. Recebendo boa aceitação do público nas diversas cidades em que se apresentaram, eles resolveram, no primeiro semestre de 87, gravar uma fita demo. Com ela nas mãos, o selo Enigma confirmou o contrato para um LP. *Disturbing the Noise* é o título provisório do disco que deverá ser lançado pelo selo Equinox, de Juiz de Fora, numa produção conjunta com o Enigma.

***

No sul, os gaúchos do **Panic** sentem dificuldade em divulgar seu trabalho devido a distância do eixo RJ—SP. Formado em julho de 85 e ensaiando no subsolo da loja Megaforce de Porto Alegre, o Panic tem como integrantes Marcelo (bateria), Olsen (baixo), Reneger (vocal) e Martinez e Paulo Cássio (guitarras). Assim que recebeu uma demo com três músicas do Panic, Walcyr, da Woodstock Discos de São Paulo, se interessou em produzir o primeiro LP do grupo. Mesmo tendo lançado *Rotten Church* em agosto último, o Panic só conseguiu fazer sua primeira apresentação ao vivo em outubro deste ano no Ocidente (o espaço underground de Porto Alegre). O Panic concentra seu estilo na rapidez da bateria. Suas influências são, portanto, DRI e Slayer. Eles partem, agora, para uma divulgação maior de seu trabalho e a programação de shows, já que em sua cidade isso se torna muito difícil devido ao fato de a banda ser a única do gênero em Porto Alegre.



Os Korzus, de São Paulo, ativo desde 84

***

Os mineiros do **Mutilator** foram influenciados, desde o início, pelas bandas de black e death metal, além do hardcore. Mas com o passar do tempo eles exploraram novas sonoridades, tendendo para músicas mais trabalhadas e de menor velocidade. Juntos desde o segundo semestre de 85, Magu (guitarra solo), Rodrigo (bateria), Ricardo (baixo) e Kleber (guitarra base e vocal) participaram da coletânea *Warfare Noise*, lançada pela Cogumelo Discos de Belo Horizonte no ano passado. Enquanto não saía a coletânea, o Mutilator fez uma série de apresentações pelo interior de São Paulo e Minas Gerais, abrindo shows de outras bandas como, por exemplo, o Sepultura. Logo após o lançamento desse disco (no início de 87), eles entraram em estúdio para gravar um LP próprio, o *Immortal Force*, lançado em junho deste ano. Com ele, o Mutilator firmou sua posição e ganhou um grande número de fãs pelo Brasil. Eles são a segunda banda mineira a chamar a atenção do mercado exterior, depois do Sepultura.

***

O **Taurus** é um quarteto carioca formado em 85. Durante o primeiro ano de existência eles conseguiram fazer alguns pequenos shows e gravar duas demos. A proposta para um LP pelo selo Point Rock (RJ) surgiu com a segunda demo. *Signo de Taurus* foi gravado em julho de 86 e impulsionou o grupo para uma posição relativamente boa no cenário do heavy nacional. Formado por Jeziel (vocal, guitarra base), os irmãos Cláudio (guitarra solo) e Sérgio Bezz (bateria) e Jean (baixo), o Taurus é a única dessas bandas que se define dentro de um estilo metal (as outras se recusam a dar rótulos para seu trabalho), se autointitulando "power speed". Bastante influenciados por Metallica, a ênfase do som do Taurus recai sobre as guitarras de Cláudio e Jeziel. Atualmente eles se preparam para lançar o segundo LP, que deverá sair em maio de 88, inclusive no exterior. Como lamenta Jean, em relação ao heavy metal: "Existe uma barreira entre o Brasil e o mundo. Nós vivemos o presente e o Brasil não nos diz nada quanto a isso — o presente está lá fora". *Marcos Campolim*

Ricardo Siqueira/ Abril

O Taurus, do Rio, e seu "power-speed"

Sérgio Azul

O Mutilator, chamando atenção no exterior

SKY SAXON

PAZ & AMOR

As barbas do profeta, líder dos míticos Seeds, estão de volta. A neopsicodelia é a onda, e é preciso saber distinguir autênticos e imitadores... Pepe Escobar, de passagem pela Califórnia, dá a dica

A Califórnia é o lugar privilegiado das tecnologias externas e internas, ou seja, tecnologias e domínio do meio ambiente (microeletrônica, robótica, indústria espacial), conquista e entendimento de nosso "eu profundo" (terapias, misticismos, orientalismos). Na Califórnia, o império americano, alcançada a expansão máxima em termos físicos, à beira do Pacífico, não tem mais para onde ir a não ser para o espaço — e para dentro de cada um...

Na Califórnia Timothy Leary o guru dos sixties com seu antológico conselho "sintonize, ligue-se e caia fora" (do sistema) — hoje trabalha com computadores e software psicoativo. Ou seja, uma outra maneira de fazer as pessoas conseguirem pensar por si próprias. Leary e outros professores estão desenvolvendo uma nova linguística. Fala-se nas principais universidades — UCLA, Berkeley, Stanford — de "diversão biofísica" e "comunicação multissensorial". Vídeo-artistas trabalham em termos de aumentar o poder da mente através do processamento eletrônico de imagens. Na música, o que poderíamos chamar de neopsicodelia (cuidado com as generalizações!) reúne uma atenção redobrada à produção dos 60's e novas visões de velhos e novos experimentadores.

Entre os mais famosos pajes da psicodelia californiana, Sky Saxon está de volta à ação. O lendário Godfather do estraçalhamento psíquico de garagem via os formidáveis Seeds, reorganizou a banda para regravar seus *greatest hits*. O álbum vende solidamente. Saxon — de longas barbas semibrancas, enormes cabelos e vestes dignas de Brian Jones em Monterey 67 — também gravou um álbum ao vivo no Cavern Club de L.A., *Private Party*, com backing de bandas como Red Kross e Primates, e versões-bomba de clássicos tipo "No Escape" e "Girl I Want You". Andou fazendo sessões com Bangles, Dream Syndicate, Troogs e a especialista em OVNIs, Nina Hagen. Ele é o próprio embaixador da neopsicodelia.

Mas o melhor mesmo é Saxon falando. Ele acredita que os Seeds — sem dúvida uma das top bandas de garagem de toda a história do pop — foram os Beatles e Stones americanos acumulados. Ele se diz "bigger than Dylan", porque tem mais quilometragem espiritual, tanto assim que no fim das contas Dylan virá a ele para saber o segredo de tudo.

O profetismo ocasionalmente delirante de Saxon não deixa de encantar nem mesmo os cínicos profissionais. No meio de um universo pop mais plástico do que as cadeiras de um Burger King, não deixa de ser um antídoto. Vejam só alguns saxonismos a rigor. "Nos vamos acabar como sangue nas ruas, a menos que tenhamos mais paz e amor na música, mais amor e *flower power*, e pessoas percebendo que o paraíso está dentro delas." Para sobreviver, "todos precisam ser vegetarianos". Saxon afirma que a música é um negócio de 8 bilhões de dólares, dos quais pretende abocanhar 35% e assim poder alimentar o mundo. Para ele, marijuana é uma erva sagrada, dada aos homens por Deus e pela Constituição americana, e tirada por J. Edgar Hoover, o defunto diretor do FBI. Desmente que os Seeds mandassem ver em LSD. Diz que basta olhar para o sol para conseguir efeito semelhante ao do LSD. Define-se, acima de tudo, Sky Sunlight Saxon Firewall. Firewall representa o fogo de Deus que o dito irá conjurar para proteger seus filhos.

Sky, entre seus colaboradores atuais, conta com Mark Bonfire o antológico autor de "Born To Be Wild". No meio de uma demência revivalística dos sixties, por que não ficar com um artefato autêntico? Procurem Sky Saxon — seus novos álbuns e os morteiros dos Seeds — onde puderem. Seu messianismo o deixará, no mínimo bem-humorado. Sky Sunlight Saxon Firewall, ele mesmo, já avisou: com os Beatles, "não era a nossa hora". Agora é. Neopsicodélicos, *now there's no escape*.

Os melhores de 1987. Palavra dos críticos.

Os críticos aplaudiram e elegeram Nick Cave e The Fall entre os melhores de 1987.

A série de lançamentos dos ingleses independentes foi sucesso absoluto. E continua sendo. Com a marca de qualidade do Estúdio Eldorado.

O sopro da anarquia e da liberdade, que dá sabor picante ao rock'n roll. Um dos mais queridos grupos de Inglaterra.

Deboche, audácia, irreverência. Recriando fantásticos clássicos do rhythm & blues.

À venda em todas as lojas de discos

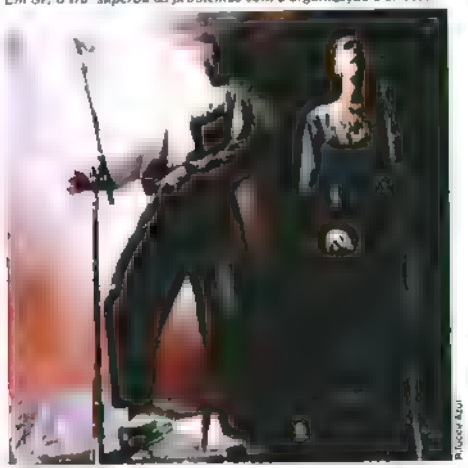
ESTUDIO ELDORADO

HOLLYWOOD ROCK

Praça da Apoteose (RJ) • JANEIRO DE 88 • Estádio do Morumbi (SP)

Foram oito dias, divididos entre Rio e São Paulo. 150 toneladas de equipamentos. Um milhão de dólares gastos para realizar o evento. Mais de 200 pessoas entre técnicos e músicos. Mais de 300 mil pessoas assistindo. Os números não dizem tudo. A vibração de todas essas pessoas que assistiram os shows atestam que foi o festival de rock mais importante e bem sucedido já realizado no Brasil. Calma lá, nem é tanta vantagem assim. Afinal, a única comparação é com o Rock in Rio, e em relação a este, o Hollywood Rock ganha de longe. A começar pela escolha das bandas, que se não trouxe nenhum megastar, pelo menos teve o cuidado de não trazer bandas muito defasadas. Em termos de infraestrutura, ganhou pelo cuidado com a qualidade sonora. O mais importante foi que neste as bandas brasileiras não foram coadjuvantes, mas encararam as apresentações em pé de igualdade com as atrações internacionais. E o saldo de bons shows foi certamente positivo. O próximo!

Em SP, o Ira! superou os problemas com a organização e arrasou



O festival só reiterou a posição dos Titãs entre os favoritos

IRA!

A tarefa era um tanto quanto árdua: abrir o festival, numa quarta-feira e ainda com céu claro com um público pequeno para um show deste porte (aproximadamente dez mil pessoas no Rio e quinze mil pessoas em São Paulo).

As desavenças com a organização do evento, em relação ao horário e ao uso limitado da iluminação não alteraram as condições do palco: segundo a produção, estava tudo dentro do contrato. Fazer o quê?! Quem se recusa a vestir "touquinha de Papai Noel" na TV, não ia ficar de bico calado.

Apesar desses acontecimentos — digo, aborrecimentos — a frieza inicial foi quase superada no decorrer do espetáculo. A fúria incontida e a emoção ao vivo — duas características inerentes à banda — deram as caras nos primeiros instantes: o Ira! independe de efeitos mirabolantes de luz.

Abriram o show com "Ninguém Precisa da Guerra", seguida de "Não Pague Para Ver", dedicada por Nasi às mesmas do Rio (??!!??). "Feliz Aniversário" teve seus versos entoados pelo público, sob a batuta de Edgard Scandurra — mais ensandecido do que nunca, seja empunhando a guitarra seja na voz gutural.

A banda continuou atacando uma inédita "Manhãs de Domingo", que estará no próximo disco; "Nasci em 62" voltou a esquentar a moçada e a apoteótica "Ninguém Entende um Mod" arrancou aplausos entusiasmados — cortesia das microfonias de Edgard e da percussão de James Muller, o convidado especial.

No Rio, aos insistentes pedidos de bis, Nasi respondia: "Falem com a direção!", indignado e prometia para o ano que vem. Já em SP, os hinos — como "Pobre Paulista" — foram devidamente entoados pela banda e pelo público. Ah, se faltou "aquela música da novela?" Não, não foi preciso. Afinal, nem tudo são flores...

TITÃS

Foi uma das mais calorosas acolhidas por parte do público. Os Titãs, apresentando o festejado *Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas*, estraçalharam. Além das novas canções — e hits em potencial —, a novidade ficou por conta da participação de Liminha — como quase um nono integrante, o responsável pela produção dos seus dois últimos LPs e pela guitarra em algumas das faixas do novo. As habituais coreografias e trocas de vocalistas estavam azeitadíssimas.

O som, impecável, realçando todos os instrumentos; a luz, com movimentações ágeis e a sanha de entrar no palco, depois de uma longa temporada no estúdio contribuíram para que os Titãs roubassem a noite. Do início hipnótico com "Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas", a canção, com Nando Reis conduzindo seu baixo com firmeza e swing, à reedição de hits, velhos e novos, como "Polícia" — onde Britto fez a massa recitar a letra sem nenhum instrumento acompanhando —, "Igreja", "Porrada", "Bichos Escrotos" — também berrada pela multidão em coro —, "Lugar Nenhum", uma constatação se impôs: o octeto paulistano se firmou como um dos mais quentes grupos do rock nacional.

Assim como o Rock in Rio foi a consagração para os Paralamas — que diga-se de passagem também detonaram neste festival —, o mesmo pode ser dito a respeito dos Titãs no Hollywood Rock. A variedade de instrumentistas e vocalistas; a postura de palco, dinâmica e vibrante e a versatilidade de ritmos e temas, mereceram o referendo do público.

PRETENDERS

Prejudicados pela qualidade do som, que no princípio abafava a voz de Chrissie Hynde, os Pretenders driblaram a tensão e levaram o show para frente. Não sem problemas: a certa altura, a personalidade impulsiva da vocalista explodiu e ela expulsou câmeras e fotógrafos, alegando que estava fazendo um show, e não um filme. Depois dos insistentes e reiterados pedidos, ela só foi atendida quando ameaçou parar de tocar.

Chato, mas mesmo assim, a voz agressiva e sofrida de Chrissie e o ecumo guitarrista que é Johnny Marr acabaram por conquistar o público. E um fã mais ousado — ou mais esperto — conseguiu furar o bloqueio da segurança e chegou mais perto da moça.

Em São Paulo, o clima foi mais ameno: o hard rock dos Pretenders já entrou de sola. "Message of Love", "Kid", "Ohio" foram algumas das pérolas atiradas pela banda, onde, embora apenas como instrumentista executando os riffs dos Pretenders, o ex-Smiths exibiu seus dotes de personalíssimo e excelente guitarrista e fez alguns backings.

A face baladeira de Chrissie esfriou um pouco a moçada, mas quando a banda retomou os velhos sucesso como "Middle of the Road", "Back on the Chain Gang" e o recente "Don't Get Me Wrong", a coisa esquentou para a festa final com a participação do UB 40 (e em SP, de Charles Burchill do Simple Minds). Embora um pouco maçado pela uniformidade, os momentos de preciosismo — como a cativante versão de "Don't Let Me Down", dos Beatles — e a raça e disposição fizeram da apresentação, uma lição de rock'n'roll.

PARALAMAS DO SUCESSO

Os Paralamas... estraçalharam? arrasaram? detonaram? Esses verbos não são suficientemente precisos para expressar a mágica que conjugou domínio técnico, carisma, vibração e comunhão com o público na apresentação dos Paralamas, tanto no Rio quanto em São Paulo. Livres da pecha de sub-Police — fora uns "iô-iô-iô-iô" que escapam de vez em quando —, agora seu som "salada rítmica" está cada vez mais pessoal e ainda exibe, de quebra, uma saudável atitude não preconceituosa com a velha e boa MPB.

Os outros músicos, o tecladista João Fera e os metais (convidados) d'Os Árabes, como foram apresentados por Herbert, sintonizaram perfeitamente com o grupo. E deram um presente especial para a plateia.

Enquanto começava o show dos Paralamas em São Paulo, os atrasados já entravam pulando no ritmo... O público da arquibancada competava a festa e o do gramado não cansava de acompanhá-los com palmas e mãos erguidas. Tim Maia foi duplamente homenageado com a inclusão de alguns versos de "Gostava Tanto de Você" na versão paralâmica de "Você". E as incidentais rolaram mais uma vez: teve João Bosco em "Alagados" e Titãs e Doors em "Selvagem?"

As instrumentais "Retorno de Jedi" e "Uns Dias" foram as novas músicas testadas no show. No final, Herbert declarou que "iam fazer uma surpresa mais tarde", ou seja, entregou a participação que iriam fazer no show seguinte, do UB 40. Em São Paulo, o vocalista/guitarrista agradeceu calorosamente o entusiasmo do público. Difícil dizer quem estava melhor, se era quem estava em cima ou embaixo do palco. Ambos estavam esplendidos.

UB 40

Se os soviéticos aprovaram, o Brasil já estava no papo. O público não resistiu e chacoalhou durante uma hora. Mesmo sem ser muito executado em rádio — e portanto não muito conhecido pelos brasileiros —, o UB 40 provou que carisma e competência são mais eficientes que muitas estratégias de marketing. O reggae tomou os brasileiros de assalto.

Os doze integrantes da banda misturavam muito bem execução hábil e bem ensaiada com garra e simpatia. Os pontos altos foram para as canções mais sacudidas como "Cherry Oh Baby" e "Rat in the Kitchen" e a voz de Norman Hassan — que também toca percussão e trompete. O clima de festa não só foi produzido pelo som como pela atitude brincalhona — no Rio, chegaram a exibir uma das famosas latas — e entusiasmada da banda.

No final, o palco se encheu de convidados especiais. No Rio, o UB 40 retribuiu o convite do dia anterior e cantou novamente "I Got You Babe". Robert Palmer, também foi lá dar sua canja. E cumprindo o prometido, os Paralamas voltaram, ainda aquecidos — ou fervendo? — pelo show anterior e mandaram ver com uma canção contra o apartheid. Música é celebração, e celebração coletiva. A música negra — mesmo que feita por brancos —, seja ela puramente afro ou originada dos africanos espalhados pelo mundo, demonstra isso como nenhuma outra.

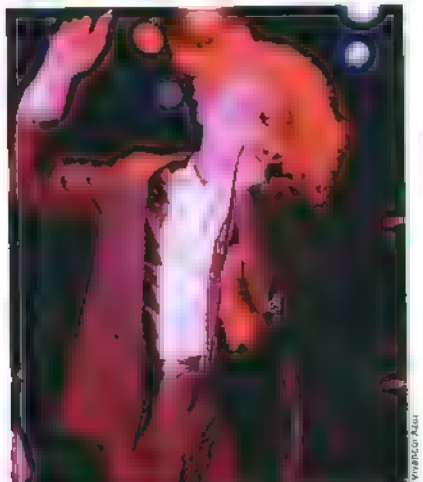
SIMPLE MINDS

Não foi por falta de esforço. Bem que Jim Kerr tentou — e muito — agradar. Mas o público carioca não correspondeu às investidas, devidamente engroladas em português. Já os paulistas surpreenderam o vocalista que, talvez escaldado pela apresentação no Rio e sabendo que ia enfrentar uma platéia suada pelos dançantes Paralamas e UB 40, não es-

Em cima, Chrissie e Marr, o "guitar hero" da noite, e a simpatia de Jim Kerr. Embaixo, a festa dos Paralamas e UB 40

Roger, de tongas melenas, fez a massa urrar e pedir mais

Simon, John e Nick: beleza e competência em shows impecáveis



A alma negra de Nick Hucknall arrebatou até os incrédulos

perava uma tão boa receptividade.

O empenho de Jim ficou patente nos dois shows — ele não cansava de correr, sentar, subir, descer, apertar a mão dos fãs mais próximos e iluminar os mais distantes com refletores. Mas a banda apresentava formulas gastas. As canções arrastavam-se, com introduções e finais longuíssimos e tecendo climas por vezes enfadonhos, aumentados pelas tendências progressivas dos teclados.

Mas quem paga a grana que pagou para ver um show nesses tempo bicudos, não desiste. Aguentou firme e foi recompensado pela simpatia de Jim e pelo final do show. Assim, eles tocaram os hits como "Don't You Forget About Me" e "Alive and Kicking". Foi o que bastou para salvar a impressão de cortado-ele-é-tão-esforçado-mas... O bis de quatro musicas valeu.

ULTRAJE A RIGOR

Podem falar o que quiserem do Ultraje: que se repetem, que são apelativos, que são grosseiros e debochados. Mas, na verdade, ninguém sacoleja melhor uma multidão do que eles. "This is a rock'n'roll band!" foi a deixa para o Ultraje invadir o palco. Atirando em todas as direções. O quarteto, munido de energia até as entranhas, mandou uma atrás da outra, quase que sem intervalos. As pequenas interrupções foram apenas para dedicar "Inutil" ao cartunista Henfil, recém-falecido e para espinafrar a frescura de um certo grupo internacional (sem maiores esclarecimentos).

Foram doze musicas compridas em menos de uma hora, mostrando um som econômico, cada vez mais hard, que dispensa o rebuscado, bate direto e conduz ao transe. A ironia continua sendo a tônica, tanto nas letras quanto na postura. Roger, de tranquinhas, cantando "Eu Gosto É de Mulher", estava impagável. Não faltaram o strip-tease em "Pelado", a distribuição de camisinhas à platéia e outras brincadeirinhas.

Ainda deu tempo para um bis duplo, que incluiu uma versão de "I Can Get No (Satisfaction)". Haja fôlego! O publico aguenta feliz. O Ultraje cumpriu sua função a rigor: o divertimento coletivo.

SIMPLY RED

Para o Simply Red era um grande desafio. Espremidos entre a euforia causada pelo Ultraje a Rigor e a expectativa pela apresentação dos bonitinhos do Duran Duran, a banda de Mick Hucknall teria que fazer uma performance irrepreensível. E fez. Foi uma surpresa o excelente desempenho.

Com um terno cinza escuro, colete e um lencinho vermelho no bolso, Mick chegou com uma vontade de ganhar os cariocas, devidamente assessorado por uma backing negra, os quatro músicos da banda e mais dois convidados. Um "gentleman" — o que não impedia uma postura livre, despojada de formalidade, cheia de charme e comunicativa. E sua voz crioula — apesar de seus bastos cabelos ruivos —, repleta de emoção, é arrebatadora. Quando entrou com "Every Time You Say Goodbye" de Cole Porter, acompanhada apenas de sax e teclados, sua força interpretativa ficou patente. Simples e bonito.

A combinação pop/soul — acrescida de chamas de jazz, blues e reggae — conduzida por arranjos enchanctados de swing e metais cristalinos, funcionou e muito bem. Não é a toa que o "Godfather" em pessoa, James Brown, convidou o Simply Red para abrir sua ultima turnê.

DURAN DURAN

As garotinhas — e garotos tambem, porque não? — não conseguiam conter a ansiedade. E o Duran Duran veio com o aparato todo para corresponder à expectativa de um show competente e super-produzido. Na linha "Broadway", o cenario era composto por uma cortina branca drapeada no fundo do palco, enormes praticaveis e ate um neon com a insenção "Motel – No Vacancy". So restou relaxar e gozar.

Os sete musicos foram posicionados bem afastados das três estrelinhas. LeBon, Rhodes e Taylor, mas a negável eficiência da banda muitas vezes atropelava os Duran. O trio desfiou toda sua coleção de hits, entre eles "A View to a Kill", "A Matter of Feeling", "Something I Should Know", que poderam muito bem serem mixados, poupando os intervalos — só mudaria o andamento. Salvaram-se, porem, a interessante versao semi-acustica de "Save a Prayer" e o arranjo novo para "Hungry Like a Wolf".

Tudo muito certinho e arrumado, inclusive os trejeitos e rodopios de Mr. LeBon. Mas a platéia se lixou para estas e outras ressalvas. Bastava fazer parte do imenso coral e dançar com as mãozinhas para cima, ao sabor das doces e singelas canções. Ao fim de uma hora e meia de show, Le Bon voltou para o bis enrolado na bandeira brasileira, como se fosse um manto sagrado. E o Duran fechou com "Rio" em ritmo de samba. Uau!

Tudo bem, eles continuam muito queridos e até fazem por merecê-lo. Mas compara-los com os Beatles — ainda que na categoria popularidade, como o fez a imprensa carioca — é um verdadeiro sacrilegio.

LULU SANTOS

Abrindo a noite mais aguardada do festival, Lulu "O Ultimo Romântico" Santos criou o clima esperado, levando o publico ao delirio coletivo. Tocou um sucesso atrás do outro, cabendo ainda espaço para as versões instrumentais de "Asa Branca" e do desgastado Hino Nacional, executadas com desenvoltura por sua guitarra. Emocionado com o tradicional pscar de isqueiros, travou um discurso inflamado, convidando os presentes a participarem deste espetaculo bonito que o governo não consegue realizar". O romântico venceu: um coro de mais de 50 mil pessoas segurou o show inteiro.

Lulu, embora a nova formação dos Demônios não tenha atingido ainda o entrosamento e a eficiência da antiga, mandou o seu recado nas suas canções ultraromânticas. E as "manias" de seus shows mais uma vez se repetiram: "Bete Balanço", sim, aquela mesma do Barão cantada junto com "Adivinha o Quê?" — esquece isso, Lulu! — e a papagaiação dos musicos. Cada apresentação é acompanhada de uma declaração de afeto.

No bis, uma surpresa: depois de soltar "Como uma Onda", a banda atacou "Sonífera Ilha" dos Titãs com uma velocidade revigorante. Valeu, Lulu!

MARINA

Talvez tenha sido o seu breve afastamento dos palcos, talvez tenha sido a escolha do repertorio - canções ainda pouco conhecidas baladas espalhadas desordenadamente. O fato é que o show da cantora e guitarrista Marina destoou — e muito — das outras apresentações do Hollywood Rock. Marina apresentou-se contida, demonstrando sua já declarada timidez e presa no centro do palco.

Ela bem que tentou levantar a massa pedindo que a acompanhasse com palmas num funk, segundo ela. A platéia, fria, não respondeu a contento seu apelo. A banda, apesar correta, não imprimiu vibração às novas composições como "Preciso Dizer que Te Amo" e das recriações de "Me Chama", do Lobão; "Ainda É Cedo", da Legião. O momento mais envolvente veio so no final, quando Marina cantou seu novo sucesso de rádio "Uma Noite e Meia", empolgando realmente a platéia, que ficou um pouco mais satisfeita mas ainda pouco empenhada para o possivel bis.

SUPERTRAMP

O tempo passa, os cães ladram e o Supertramp continua arrebatando fãs de todas as idades. Não é para menos: a formula continua intacta. Ha sempre quem vá gostar de linhas melodicas rebuscadas, teclados exaustivos e solinhos bem feitos e "viajantes". Foi um show de bom senso — ou senso comum? — o que se viu no encerramento do Hollywood Rock.

Beneficiados pelo saudosismo aparente — o grupo ficou tempos parado mas o som retorna tal e qual *the good old times* —, a versão 88 do Supertramp agradou os fãs. Estrategicamente, escolheram um repertorio baseado em antigos sucessos — sem recriações ou versões atualizadas — e aproveitou a oportunidade para incluir musicas de seu novo LP, *Free as a Bird* (não é a cara deles esse nome?). A formação, alterada pela saida de Roger Hodgson e pela entrada de quatro novos musicos, não provocou nenhuma mudança substancial. O vocalista que substituiu Hodgson, Mark Hart, segue a mesma linha que o anterior.

O Supertramp marcou seu tento na utilização dos recursos visuais. Um enorme leão no palco exibia filmes e animações de bom gosto, ilustrando com discrição algumas canções. Foi tambem o grupo que indubitavelmente se utilizou melhor da iluminação. Nada disso ofuscou a competência com a qual os musicos conduziram, por duas horas, o publico que cantava em uníssono. Quando parte da platéia se recolhia, assumindo ares mais contemplativos, o grupo atacava com um hit mais animado. Anos de experiência, meus amigos.

Só mesmo uma rajada de fogos de artifício — e teve — para completar o êxtase da multidão. Sem duvida, foi um show digno de entrar para a autobiografia do Supertramp.

Lorena Calabria/Bia Abramo

Fogos de artifício, iluminação perfeita e leões: temperos visuais para a mesmice do Supertramp

Marina, em SP, trocou o repertório e incendiou a platéia que Lulu esquentou

Nota — Até o fechamento desta edição, só haviam sido realizados em São Paulo os shows de 13/01 e 14/01.

TABU LEY & LANGA LANGA STARS

Como pode passar despercebido este enorme [illegible]rense em sua estada no Rio? Tabu Ley [illegible] com LPs sacudindo Kinshasa

Tambores da selva

Clube Sírio-Libanês (RJ) 28/11/87

Semana Brasil-Zaire foi um acontecimento quase secreto. Os jornais estavam muito atarefados com Sting e o FestRio para se preocupar com um país africano que ninguém sabe direito onde fica. Pior para os leitores. Junto com um festival gastronômico que inclui petiscos como carne de jacaré e javali desembarcaram no Rio alguns dos músicos mais populares de toda a África: o cantor Tabu Ley Rochereau e o grupo Langa Langa Stars. Eles deram um show apoteótico no clube Sírio-Libanês do Rio, de graça, infelizmente visto por poucos mas muitos brasileiros.

Tabu Ley, o "senhor" Rochereau comanda a cena musical de Kinshasa capital do Zaire, desde os anos 50 tendo lançado mais de cem LPs. Mas sua influência não é só local. Seus discos podem ser encontrados em Bamako, no Mali, ou em Harare, no Zimbábue e as suas apresentações [illegible] tam qualquer ginásio africano.

Não é para menos. O som de Tabu Ley é um convite irresistível à dança e o show é uma lição de entretenimento. A banda do senhor Rochereau, que veio completa para o Brasil, tem catorze músicos, sem contar quatro dançarinas e uma cantora. As três guitarras são os instrumentos principais e seus solos são sempre acompanhados pelas evoluções das dançarinas, cuja sensualidade faria corar de vergonha qualquer passista de escola de samba.

Os cinco cantores do Langa Langa Stars, apelidados pela imprensa francesa de Beatles zairenses, não deixaram o público quieto mesmo tendo subido ao palco depois de Tabu Ley. Suas danças também são altamente saltadas e a música, apesar de a banda ter sido formada em meados dos anos 70, é muito parecida com a do velho mestre Rochereau. Aqui não importam as inovações. O objetivo é fazer todo mundo se requebrar, durante o maior tempo possível.

O soukous, a música elétrica do Zaire, é assumidamente funcional. As bandas atuam sempre como conjuntos de bailes — não exigindo uma atitude respeitosa da parte do público. Quem sai por último e quem está no palco. Depois de cinco horas de dança, eu deixei o Sírio-Libanês com Tabu Ley novamente no palco. Nas outras vezes que saí de um show pela metade era sinal de protesto. Desta vez, meu gesto tinha um significado diferente, eu estava plenamente satisfeito.

Hermano Vianna

REPLACEMENTS

Relax

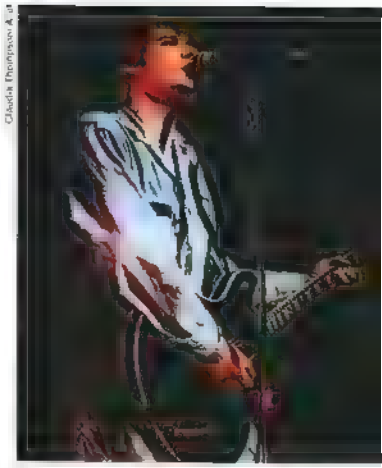
Beacon Theater (Nova York) 20/11/87

Os críticos de rock não conseguem fugir à comparação entre os Replacements e o Hüsker Dü, porque os dois grupos pintaram em Minneapolis mais ou menos ao mesmo tempo. É verdade que eles se cruzavam nos começos de carreira, e que até tinham uma certa rivalidade em termos de espaço para shows; mas fora isso são duas bandas completamente diferentes. Ainda bem, porque mesmo o que é bom não precisa de repeteco.

O som dos Replacements é fácil de ouvir, nítido e simpático. Vendo no palco, os três garotos louros vestidos iguais (com macacões cinza entre presidiário e mecânico), o cabelo encaracolado do mesmo comprimento, a empatia é maior ainda. Não há como não gostar de moços que sorriem para a gente e mandam ver um beat gostoso e sacudido. Tem o clima e o peso do hard rock mas em cima pinta um clima pop que deixa a gente leve e os ombros relaxados. Uma delícia.

Rock'n'roll é como arte em geral, ou se gosta ou não se gosta. Ou fala ao ponto ou não fala. O resto são justificações intelectuais para uma coisa que é basicamente um sentimento visceral. Não adianta racionalizar em cima dos Replacements: o som deles sacode os ossos e faz querer mais e mais. Não tem a urgência do Hüsker Dü, não põem em questão as besteiras desta vidinha diária. E daí? Nem sempre a gente chega em casa e tem vontade de ouvir sobre o que acabou de sofrer. Às vezes, o que é preciso é diversão, é esquecer. Os Replacements trazem de volta ao rock essa simplicidade leve que a gente precisa depois do dia no batente. E depois têm humor, que faz sempre falta nestes dias de caras amarradas e grupos que se levam (demasiado) a sério. O próprio nome é uma piada. Replacements quer dizer "substitutos", a banda menor que à última hora substitui a mais importante.

O último LP se chama *Pleased to Meet Me*, um título que não é tão bom como a canção do Ultraje: "Eu me amo, eu me amo, não posso mais viver sem mim", mas quase. As faixas são um tanto



Cláudia Rodrigues/Ag. [illegible]

O substituto Bob Stinson falando ao ponto

equilibradas, porque em algumas eles quiseram (ou tentaram) um romântico lento que de fato não funciona. Quando os Replacements andam depressa, fazem o mundo girar. Quando entram nas músicas mais paradas, é um desastre. Felizmente, no show é só depressa, correndo as pulsações entre os 140 e os 1 500 por minuto.

José Nogueira

Malandros pacas!

Universal Amphitheater (Los Angeles) 4/12/87

Doce já foi a um pub londrino? E, aquele antro enfumaçado, escurinho, repleto de marmanjões tentando acertar o alvo no fundo (ou será o contrário?) entre generosas talagadas de malte fermentado, aquela biboca da esquina, geralmente com um palquinho enfiado num canto do estabelecimento. Nesse palquinho costumam tocar bandas cuja especialidade juramentada é a farra, o incentivo ao abandono do ser às mares das libações, a esbórnia em sua concepção mais sublime. Deu para entender o que é um pub londrino? Espero que sim, porque nunca estive num e estou tentando reconstruir aqui um clima genuíno a partir do que li a respeito do assunto. Mas parece que é assim mesmo, pelo menos é com isso que se parecia o Universal Amphitheatre quando o Squeeze esteve por lá: os copos de cerveja eram erguidos em saudação a cada canção, o relacionamento do grupo com a platéia era impossivelmente íntimo para um teatrão daquelas proporções e todo mundo, "tocado" ou não, se divertia à grande, dançando nos corredores, fazendo coro.

E a música que fazia as vezes de trilha sonora desta farra estava mundos à frente do cardápio regular de um pub qualquer naquela noite, o enorme bom humor das letras de Difford e Tilbrook era, a maior parte do tempo, ofuscado pela extrema musicalidade do grupo e de sua capacidade de funcionar como uma unidade coesa e harmônica. Os hits foram infalíveis — "Hourglass", o mais recente, "Trust Me to Open My Mounth", "Cool for Cats", "Pulling Mussels from a Shell" — mas, ainda que eles não existissem, a diversão pura de se ver (e ouvir) seis artistas maduros e no topo de

Warren Beck/[illegible]

Rock também é humor? Sim, responde o malandro Squeeze

sua forma botando pra quebrar já valia o preço de ingresso.

Como se isso não bastasse, o tecladista Jools Holland é o ser mais *rock'n'roll comedy* desde o Monty Python. Volta e meia ele se sai com uma molecagem — ou apenas uma revirada de olhos — ou simplesmente apresenta, com toda a pompa possível, seu piano "do século 17". É um portento de malandragem.

J.E.R.

MANU DIBANGO & SOUL MAKOSSA GANG

Grata surpresa

Largo da Liberdade (Salvador) 12/12/87

Não poderia ter sido mais feliz o primeiro contato do publico baiano com a moderna musica africana, no caso, o ritmo *makossa* (afro + funk + caribe) do cantor e saxofonista Manu Dibango, tocando para mais de duas mil pessoas ao ar livre no Largo da Liberdade, no maior bairro negro de Salvador (e do Brasil) com seus 650 mil habitantes. Uma festa de cores e sons prestigiada até pela lua, que estava em seu apogeu.

Precedidos pela apresentação do Bloco Muzenza e do cantor de reggae Lazzo Matumbi — uma fera, ainda desconhecido fora da Bahia —, e das boas-vindas dadas pelo anfitrião e *brother* Gilberto Gil, Manu Dibango e sua banda, a Soul Makossa Gang, iniciaram o show com toques jazzistico-afro-cosmopolitas, pegando a galera de surpresa. Acostumado ao ritmo da musica afro-baiana, o publico demorou um pouco para sentir o feeling da arte de Dibango, nascido na Republica dos Camaroes e radicado em Paris, a capital irradiante da *juju music* do *highlife* e outros derivantes do caldeirão que é a moderna musica africana. Mas quando passou a surpresa, o corpo seguiu o coração da mama Africa.

Com destaques para o guitarrista Jerry Marekani e o otimo baixista Francis Mbappe, a Makossa Gang simplesmente estraçalhou numa alquimia ritmica contagiante em musicas como "Pata Piya" e "Electric Africa", botando todo o mundo para dançar. Não faltou nem uma homenagem à Bahia, com Dibango tentando ver alguns acordes de "Na Baixa do Sapateiro", de Ary Barroso. Um delirio que se tornou ainda maior quando no final o saxofonista atacou de "Soul Makossa", um hit que invadiu as pistas de dança na decada de 70 e que vendeu mais de dois milhões e meio de discos em todo o mundo. Dibango e Gil faziam aniversario no dia, comemorou em grande estilo.

Agora é aguardar os contatos de Roberto Gil, presidente da Fundação Cultural de Matos, que está arman[do] para setembro próximo o I Festival Internacional da Musica Negra de Salvador. E vida que a moderna musica africana seja ainda mais ouvida na Bahia e tambem no resto do Brasil. A hora da modernização, com uso de instrumentos eletricos e eletronicos e da diversificação dos ritmos, mostra o caminho a ser trilhado pelo afro-samba-reggae produzido em Salvador.

Ana Maria Bahiana

"Ma ma makossa!" O hit que incendiou o Largo da Liberdade provou que Brasil e Africa estão bem perto

BUCKWHEAT ZYDECO & LOS LOBOS

Papos furados

Universal Amphitheater (Los Angeles) 13/12/87

Enquanto o sistema de som impecável do Universal Amphitheater despejava, ininterruptamente, musica tradicional mexicana, antes do show, enquanto o acordeonista Buckwheat Zydeco, de Nova Orleans, à frente de sua incendiaria banda com *washboard* (uma tabua de lavar roupas tocada por um dedal de lata e tudo), homenageava o grande mestre *cajun* Clifton Chenier, falecido na véspera, e enquanto Los Lobos arrancava rigorosamente toda a plateia de seus assentos e transformava o chiquissimo teatro num bailão ao som da *norteña* (musica do norte do Mexico) "Anselma", meus pes se mexiam e minha cabeça não parava.

O que estava acontecendo ali, na noite inesperadamente gelada de fim de outono em Los Angeles? Um atestado cabal da imensa popularidade de Los Lobos numa cidade que é sua imagem e semelhança? Tambem, mas sobretudo uma dessas demonstrações inteiramente não-academicas, mas clamorosas em sua eloquencia, do quanto de latinidade se esconde nesse reprimido e puritano coração anglo-saxão da America Latina como o francês *creole* de Buckwheat e a encapetada *bouillabaisse* ritmica do Zydeco. Latino como a profusão de instrumentos de fole em cena — acordeões e concertinas — e como a fartura de sotaques e dialetos e linguas faladas-cantadas. Latino como Peninsula Iberica, outra tradição, outro referencial, mas tambem latino como America Latina, outro caldeirão, outra mistura, outro tempero, outro jeito de dançar, outro eixo, outros quadris e cores.

Pensei tambem nessas intermináveis, inuteis e chatissimas discussões que há varias decadas são a mania academica do Brasil, esse negocio de "identidade cultural", "dominação estrangeira". Queria ver essa gente boba aqui, no bailão da Universal, se sacudindo sem nem perceber se era Zydeco, norteña ou rockabilly que estava dançando, se era francês *creole* ou espanhol *azteca* que estava escutando, e se a música que o embalava era um rockinho de Ritchie Valens, um blues de Robert Johnson tocado à moda do Cream, "Crossroads", ou uma polquinha *ranchera*. Queria ver esse papo murcho aqui, sob a luz da lua de Los Lobos, e confrontando com o que, aliás, tanto eles quanto Buckwheat quanto Clifton Chenier sabem: que a vida é muito mais interessante que as teorias sobre ela.

Ana Maria Bahiana

AZTEC CAMERA

Roddy Frame

Canções de amor

La Gaité (Bruxelas) 19/11/87

Depois de dois anos de silêncio, o Aztec Camera volta à cena com um disco novo chamado *Love*. O que aconteceu neste período? Roddy Frame, escocês de apenas 23 anos, que já foi chamado, entre outras, de jovem genio da canção pop, não ficou à toa... Fez várias viagens a Nova York, casou e comprou um sintetizador.

Numa segunda-feira gelada de outono, o La Gaite estava lotado: 250 pessoas para ver o show surpresa do Aztec Camera. Um show com ambiente de festinha intima e um palco quase ao nivel da pista de dança. Um privilégio raro. O publico sabe disto e quando Roddy e seus músicos aparecem, são entusiasticamente recebidos. E atacam imediatamente com o antigo sucesso "All I Need Is Everything", seguido de musicas novas, como "Working in a Gold Mine", e outras dos dois LPs anteriores, como "Head's Happy, Heart's Insane".

Uma pausa para apresentar o novo grupo: guitarra, baixo, bateria, mas tambem um percussionista, um tecladista e duas vocalistas. "Esta musica é para os homens na plateia" (aplausos e protestos... "porque as mulheres já sabem do que ela fala").

Roddy empunha sua guitarra — que ele já pegou e largou umas dez vezes até agora —, e nos dá mais um presente, a musica "How Men Are" ("É preciso as lagrimas de uma mulher para ver como os homens são"). As luzes se apagam e Roddy reaparece, sozinho, com seu violão, para tres numeros acústicos dos velhos tempos, incluindo sua famosa versão de "Jump" do Van Halen. O publico se acalma pra ouvir com emoção o dono dessa bela voz e, porque não, tambem um ótimo guitarrista. Quando o resto do grupo volta, é para apresentar mais musicas do disco novo: "Killermont Street", uma musica sobre Glasgow, "Paradise" ("Esta é mais uma musica sobre o amor") e "One to One", em dueto com uma das vocalistas. Para fechar, "Still on Fire" e "Oblivious", que deixam a plateia querendo mais, muito mais. E eles voltam para tocar o single recem-lançado, "Deep and Wide and Tall".

O que quer que tenha acontecido nestes dois ultimos anos, o Aztec Camera conseguiu alcançar tudo aquilo que prometia ser. O som está mais funk, mais dançavel (muito dançavel!), e Roddy Frame sabe, mais do que nunca, escrever uma belissima canção. Se alguem pode escrever sobre amor e chamar um disco de *Love*, é ele. No palco, sua presença é natural, despretensiosa, leve mas ao mesmo tempo fascinante.

Altamente recomendado para apaixonados. E se você não estiver, eis uma boa razão para ficar.

Anamaria Guimarães de Lemos

TOM JOBIM

25 anos de bossa nova festejados em NY: Tom no piano, Gal ao lado, Carlos Barbosa e Oscar Castro Neves nos violões

EM FAMÍLIA

Avery Fisher Hall (Nova York) 23/11/87

Bossa nova, para mim, é um daqueles ritmos automáticos que tem nos teclados do Casio", me diz um amigo americano. Os Casio tem uma meia duzia de batidas diferentes: rumba, mambo, rock, ... e bossa nova. Quer dizer, pegando as seis ou dez batidas mais famosas do mundo, a nossa bossa nova é uma delas — olha o esnobismo! Mas também quer dizer que bossa nova é musak — aquela coisa diluida que já vem pronta para tocar em supermercados e consultórios de dentista.

Se é como for, os americanos adoram Tom Jobim, mudando definitivamente para Nova York, veio fazer um show comemorativo dos 25 anos da chegada da bossa nova nos Estados Unidos. Antes de se apresentar, Tom deu uma entrevista coletiva no Maxim's, que faz uma linha totalmente *business*. Havia uma multidão de equipes de TV, jornalistas, bicos e senhoras prestes a desmaiar — a bossa nova com o decorrer dos anos virou mais *establishment* do que o Frank Sinatra. Eu tinha solicitado uma exclusiva, mas ele não falou com ninguém, a não ser para mais um especial da Rede Globo. No meio da confusão, consegui fazer apenas uma pergunta e meia: "Você acha que os americanos hoje em dia tem mais interesse pela música brasileira?" Tom: "Os americanos tem sido muito receptivos para a minha música. Aqui, música é um negocio respeitado, profissional". Perguntei se a bossa nova tinha algo de novo para apresentar. Ele apenas disse que está sempre fazendo coisas novas, e, quando ia falar do seu último disco, *Passarim*, fomos interrompidos pelo pessoal da TV.

Julian Dibbell, no *Village Voice* chamou o seu ultimo disco de "schlock", um termo que os críticos usam para dizer "porcaria". Disse também que bossa nova é musak. O *Village* não gosta, mas o talento de Tom é indiscutível. Quem não gosta do gênero é melhor evitar — sobretudo os elevadores.

O show propriamente dito também estava lotado. Muitos americanos, mas, principalmente, a colonia brasileira em peso — aquela parte que está bem instalada em Nova York, elas de vestido de noite e eles de paletó e gravata. O publico brasileiro é facilmente reconhecido pela altura dos risos e das vozes, enquanto os americanos são uma audiencia quieta e travada.

Quem começou foi Oscar Castro Neves. Falou dos 25 anos da BN e contou piadas num ingles impecavel. Ele e Carlos Barbosa Lima iniciaram com solos de piano, seguidos de Tom com sua nova banda e coro. A banda e o coro dividem-se entre as familias Jobim-Caymmi — Morelembaum. Tudo bem, se o show não tivesse corrido de forma displicente. Muitas piadas, muito à vontade e pouca consistência. O coro deu um toque demasiado melô às composições, que já tem uma tendência para o suave. Gal foi a melhor, porque tem aquela voz sincera que dá profundidade às letras. Ela que entrou no fim do show, foi quem salvou a noite.

Quanto ao futuro da bossa nova nos E.U.A.. Bem, a audiencia já está garantida — nada de novo, nada de surpresa. Tom é um grande musico — a gente sabe disso muito bem —, mas pelo menos ao vivo não deu para sentir muito entusiasmo. Uma pena.

José Nogueira

FELLINI

O longo adeus

DCE UFMG (BH) 12/12/87

A crítica brasileira, com raras exceções, adora lugar-comum em relação ao grupo Fellini, ela já estampou a comparação com os Mutantes, da época da Tropicália, e com a bossa nova. É claro que tanto a *troupe* tropicalista quanto a bossa-novista estruturam as terras felinianas, porém, não é só isto, existem bem mais minúcias e malícias.

Na noite dos noventa anos de Belo Horizonte, sob um céu pré-diluvio, o grupo projetou seus fotogramas-canções. Uma *drum machine* Roland TL 707, numa onda Zimbo Trio, e um teclado Casio CZ 101, pilotados competentemente por Ricardo Salvagni, faziam o tapete para as oportunas intervenções do guitarrista Thomas Pappon e para a voz-sax-gaita-*delat* de Cadão Volpato.

O repertório deu uma geral nos três LPs do grupo e serviu de excelente *work shop* para a nascente 4ª geração do rock de Belo Horizonte, pois provou como ser funcional e eficiente com o mínimo necessário. Em "Zum Zum Zum Zazoeira" e "Ambos Mundos", o show acertou a mão, mas foi com "Nada", que pegou fogo. As outras musicas foram saindo tão familiares como se fossem hits eternos. Na inédita "Ultimo Samba", o teclado como uma quase cuica e Cadão fazendo referencias à "Saudade da Bahia" arrasaram. Só não foi completo pelo fato de mr. Caymmi, autor da "Saudade...", não ter subido ao palco, para fazer vocal.

Cadão, Thomas e Ricardo no fundo: o show de um dos melhores LPs, segundo a crítica

Num ano de tantos mega-shows formolizados, este micro-show foi sem dúvida, o melhor em Belo Horizonte. Quando o trio voltou para o bis, a platéia ainda queria o "Rock Europeu" e "Alcatraz Song" e "Funziona Senza Vapore" e "Valsa de la Revolucion" e...

Marcelo Dolabela

PAT METHENY

Regra de ouro

Teatro do Hotel Nacional (RJ) 17/12/87

Em termos de status, ninguém pode negar que o velho Pat é o Sting do jazz — como Gordon Sumners, ele filtrou diversas influencias. Já na juventude foi capaz de criar um trabalho pessoal e de qualidade. E como homem maduro — de cabelos grisalhos mais que abundantes, Pat Metheny manteve a chama. Os brasileiros devem agradecer pela beleza de suas mulheres, porque a namoradinha brasileira do guitarrista teve certamente peso na inclusão do Brasil em sua turnê mundial que durará mais de seis meses.

O show do Hotel Nacional foi como sempre permeado pelo lirismo, apresentando uma música honesta e sem firulas. Para quem já havia assistido ao show no primeiro Free Jazz, em 84, não houve grandes novidades. Foi uma longa e autentica apresentação do Pat Metheny Group, em que tocou a sempre esquisita "Forward March", seguida por coisas do tipo "Phase Dance".

Falar algo sobre os músicos? Não é preciso dizer que são todos excelentes. Pode-se ressaltar apenas o nosso discreto, mas hiperpreciso Marçalzinho e, como mudança, a inclusão de dois novos membros: os vocalistas acompanhantes David Blamires e Mark Ledford, que reproduziram bem o estilo do ex, Pedro Asnar.

O repertório do show incluiu até free-jazz propriamente dito, a la Ornette Coleman, mas nessas horas as palmas minguavam. Eu entendi — até hoje meus tímpanos não se recuperaram da audição de *Song X*. Mas quando Pat improvisava com lirismo, a comunicação com a platéia fluía. Por tudo isso, ele continua sendo um dos guitarristas que transcende o instrumento. Guitarra — acústica, elétrica ou sintetizada — para ele é sinonimo de boa música. Neste show, não se quebrou esta regra.

O lírico apreciador de mulheres brasileiras

Alexandre Dines

Serviço ao Assinante

BIZZ

Você tem alguma duvida sobre sua assinatura?

Utilize estes telefones:

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

SÃO PAULO
Das 8:00 as 18:00 (ininterrupto)
Fone: (011) 823-9122
RIO DE JANEIRO
Das 8:30 as 18:00 (ininterrupto)
Fone: (021) 295-5544
RECIFE
Das 8:30 as 12:30 e das 14:00 às 19:00
Fone: (081) 224-0655
SALVADOR
Das 8:30 as 12:00 e das 14:00 as 18:00
Fone: (071) 247-1022
BELO HORIZONTE
Das 8:30 as 12:30 e das 13:30 as 19:00
Fone: (031) 554-3254
PORTO ALEGRE
Das 8:30 as 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (051) 223-9634
CURITIBA
Das 8:30 as 12:00 e das 14:00 as 18:30
Fone: (041) 763-3013
BRASILIA
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 as 19:00
Fone: (061) 226-6963
FLORIANÓPOLIS
Das 8:00 as 12:00 e das 14:00 as 19:00
Fone: (048) 244-7980
GOIANIA
Das 9:00 as 12:00 e das 14:00 as 17:00
Fone: (062) 261-3311

Você mudou de endereço?
Envie este cupom comunicando seu novo domicilio, para
EDITORA ABRIL-ASSINATURAS
Caixa Postal 11.830, CEP 01139, São Paulo, SP

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

Atenção: Os exemplares correspondentes a cheque em seu novo endereço 3 semanas após recebermos o seu pedido.

BIZZ 1

Não preencha este espaço

Faixa | Roteiro

Novo endereço

Bairro | CEP

Cidade | Estado

PATIFE BAND

O patife Paulo voltando depois da hibernação forçada: diferente e acessível

O retorno

Espaço Mambembe (SP) 11/12/87

Paulo Barnabé estaria ocupando lugar de destaque como um dos músicos mais criativos de 1987 caso seu LP, *Corredor Polonês*, não tivesse sido lançado às nuvens pela gravadora WEA. E, de outro lado, a Patife Band poderia ter apresentado um dos melhores trabalhos de rock nacional no ano passado, se o temperamento de Paulo Barnabé não fosse tão difícil.

Apesar desses pesares, a Patife retomou seu rumo. Paulo recrutou dois músicos para cobrir a saída de James Müller (atual bateria da Máfia e Arrigo) e André Fonseca (atual guitarra e koto na dupla O Koto, ao lado de Cherry Taketani), e conseguiu mostrar, nesse show, que seu rock continua diferenciado, sem ser inatingível.

A Patife consegue dar personalidade até às canções mais populares como "Menina do Chapeu Vermelho" — um hit da jovem guarda — e "Noite Feliz" — um clássico —, principalmente pelo uso que faz de elementos da música dodecafônica, da erudita e do ritmo assimétrico, injetados de rock e pop. Na cozinha, o baixo esquizofrênico de Sidney Giovenazzi e a bateria (com direito a solo) de Zé Eduardo Nazário, mestre do jazz e ritmos brasileiros.

A platéia era grande, ponto para a música jovem brasileira. Resta saber quem cobrirá a saída de André Fonseca (ex-guitarrista), marca visceral na formação anterior da Patife. Felipe D'Avila, atual guitarra, parecia aquele técnico gélido do qual todo mundo fugia na década de 70, em prol do vigor e da criatividade no rock. *Sônia Maia*

TINA TURNER

Tina, a cantora que virou sucesso: perfeição nas pernas bonitas e uma aposentadoria milionária

É isso aí?

Estádio do Pacaembu (SP) 9 e 10/01/88

Ninguem gosta muito de Ike Turner, mas ele acaba fazendo falta. Aqueles que acompanham o trabalho de Tina Turner desde a fase "pre-Pepsi-Cola" — quando o rock rolava solto com a negritude e a beleza dos bons músicos e das maravilhosas "Ikettes" —, sentiram o show um tanto quanto redondo demais, sem surpresas. Para os mais jovens, o show de Tina atingiu seus objetivos: uma anuncio de televisão ao vivo; muito bom para os patrocinadores. A verdade é uma só: Tina Turner vendeu sua alma para um grande patrocinador e isto acaba sendo um pouco comprometedor para sua música.

Esta triste realidade se confirma com algumas declarações prestadas pela cantora, aqui no Brasil, do tipo "depois da excursão, pretendo encerrar minha carreira de cantora pra me dedicar ao cinema", ou "estou cansada de fazer shows, esta na hora de parar, etc e tal. E isso. Neste clima, o show de Tina em São Paulo acabou passando a sensação de que ela veio cumprir um contrato: cantar, receber sua grana e partir para outras plagas. Por outro lado... Tudo bem, Tina, no alto de seus quarenta e oito anos de batalhas, surras do ex-marido, períodos de dureza e tudo mais, bem que merece uma boa aposentadoria. Nada mais nada menos que 7 milhões de dólares, só com a Pepsi.

A produção dos shows foi impecável, sem falhas. Na verdade, uma super produção. Palco imenso, uma ótima aparelhagem de som pesado várias e várias toneladas, a iluminação esplendorosa. A banda que acompanhou Tina, talvez por mais uma estratégia de marketing, mostrou-se inexpressiva. Uma banda competente mas sem destaques ou virtuoses; os músicos faziam o possível para deixar que só a grande estrela da noite brilhasse. A exceção foi o saxofonista Deric Dyer, que se esmerou em malabarismo com seus saxes. Deric corria sem parar pelos 840 metros quadrados de palco, mostrando uma vitalidade impressionante. Outro que conseguiu se sobressair um pouco foi o tecladista John Miles, que cantou em dueto com Tina "It's Only Love" (música de Bryan Adams. Os demais (apesar de bons músicos) não chegaram a impressionar.

Tina cantou dezessete músicas corridas, sem muitos intervalos para papos com o público. O ponto alto foi "Private Dancer" — uma delícia! "Private dancer" quer dizer dançarina de aluguel, que dança em troca de um ticket que é trocado por dinheiro no final da noite. Tina Turner se transformou em uma delas, dançando suavemente com um lencinho azul nas mãos. Nesse momento, o público esqueceu um pouco a cantora para prestar atenção na mulher. Como mulher, Tina simplesmente arrasou! Trocou de roupa três vezes, a cada uma delas provocando suspiros renovados.

Paradoxalmente, o show de Tina teve outro ponto alto quando a cantora cobriu todo o corpo com uma capa preta e cantou "We Don't Need Another Hero", do filme *Mad Max III - Além da Cúpula do Trovão*. Nesta altura, para movimentar um pouco o visual Tina cantou suspensa a alguns metros do palco, içada por um praticável.

Um show perfeito, enfim... Perfeito demais, talvez. A saída do estádio, aquela desagradável sensação de ter visto uma longa propaganda.

Nico Pereira de Queiroz

I love All Star

TINA TURNER GOSTA DO MESMO TÉNIS QUE TODA A JUVENTUDE ADORA: ALL STAR. É COMO ELA DIZ "ALL STAR IS YOUNG AND FUN." FAÇA COMO OS JOVENS E COMO TINA TURNER. FIQUE COM O MELHOR ALL STAR.

ALL STAR

O TÉNIS DE TODAS AS ESTRELAS.

Fotomontagem publicado em anúncios do Big Sahuna, surf-club de Nova York

VAMOS A LA PLAYA!

Álbum de Frankie Joe Nelson

Sol, areia, carros, garotas e surf. Há 25 anos, esse era o tom das paradas musicais e das telas de cinema. "Surf City" de Jan & Dean e "Surfin' USA" dos Beach Boys lideravam os primeiros postos; Frankie Avalon e Annette Funicello faziam suas folias nas praias de celulóide. E eis que a história se repete, agora como farsa... Enquanto Marcel Plasse resgatava do fundo do mar as pranchas naufragadas, Pepe Escobar visitou as novas praias.

Kevin Mazur/LFI

Beach Boys, Fat Boys: feras e paneleiros juntos na mesma onda resgatando um clássico da surf music

Maré baixa

Surf music is back! Mas vem de lugares sem praias, sol, mar ou *californian girls*. Os escoceses de East Kilbride, Jesus & Mary Chain, deram um jeito de mergulhar no Tâmisa com uma prancha de concreto, gravando uma lembrança distorcida do hit de Jan & Dean ("Kill Surf City", lado B de compacto), trocando a cidade onde havia duas garotas para cada rapaz por marolas de ódio, e uma versão explícita de "Surfin' USA". Enquanto isso, em Nova York, camisas havaianas ressurgem pelas ruelas cinzas, combinando com *jams* (shorts de algodão, jeans rasgados nos joelhos), em meio ao *yo-style* da geração Def Jam. "Surf or Die", segundo o rap dos branquelas Surf MC's. Depois que os palhaços do hip hop, Fat Boys, descobriram as maravilhas do topless da Costa Oeste e, junto aos Beach Boys, resolveram cantar (!) o clássico instrumental dos Surfaris, "Wipe Out", a sedução da cultura surf tornou-se um autêntico canto de sereia.

Na verdade, surf tem sido uma recreação crescente na Costa Oeste desde que o havaiano George Freeth introduziu o esporte na Califórnia, em 1907. A prosperidade americana do pós-guerra, que entre outras coisas propiciou o surgimento do rock'n'roll, tornou o esporte um *way of life* ainda nos anos 50. O pioneiro *surf movie*, *Slippery When Wet*, de Bruce Brown ("um Bergman das pranchas", segundo a *Time*), foi rodado em 1959. *Gidget* (no Brasil, *Maldosamente Ingênua*), o *beach movie* desbravador, também é de 1959, com a inocente e inesquecível Sandra Dee no papel principal, ao lado de Cliff Robertson, atualmente proprietário de uma marca de pranchas de surf. O sucesso do filme rendeu inúmeras seqüências década de 60 adentro, e até mesmo uma série na TV, estrelada por Sally Field (a *Noviça Voadora*).

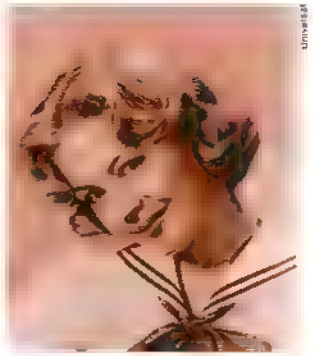
Surf também foi uma vertente dos filmes "Z" da AIP (American International Pictures), produtora do *trash auteur* Roger Corman, especializada em filmes rápidos, baratos e lucrativos. *Beach Party* (*A Praia dos Amores*, 1963) acabou virando ícone do gênero, estrelando o par romântico favorito do verão, o ídolo adolescente Frankie Avalon e a ex-apresentadora do Clube do Mickey Annette Funicello (a resposta da AIP a Connie Francis).

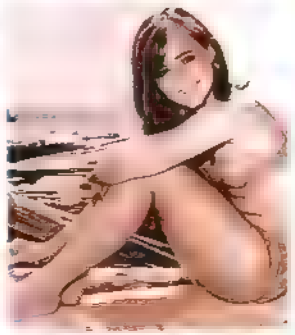
Com *Beach Party* e suas seqüências — *Muscle Beach Party*, *Bikini Beach* (*Quanto Mais Músculos Melhor* e *A Praia dos Biquínis*, ambos de 1964), *Beach Blanket Bingo* e *How to Stuff a Wild Bikini* (*Folias na Praia* e *Como Rechear um Biquíni*, ambos de 1965) —, a AIP registrou o espírito adolescente de sua época sem qualquer espectro da "delinqüência juvenil" dos anos 50. Entre os personagens fixos da série, uma desajeitada gang de motoqueiros, no estilo de Marlon Brando em *O Selvagem*, servia de pretexto para irresistíveis avacalhações. Tudo era céu azul, surrealismo e bons tempos em tempo integral.

Vários filmes surgiram no rastro de *Beach Party*. A melhor imitação foi o lançamento (da Fox) *Surf Party* (1964), com Bobby Vinton e Jackie DeShannon. Não demorou para o lixo sub-B do cinema também dar à praia. *Dr. Goldfoot and the Bikini Machine* e *Dr. Goldfoot and the Girl Bombs* (*A Máquina de Fazer Biquínis* e *Bonecas Explosivas*, ambos de 1966) foram duas tentativas de satirizar James Bond. Não faltaram tampouco parodias de terror (*Horror of Party Beach*, 1964, e *Ghost in the Invisible Bikini* — *O Fantasma de Biquíni* —, 1966) e ficção (*Pajama Party* — *Ela e o Pijama* —, 1965).

De qualquer modo, quando os habitantes das praias não se encontravam metidos em situações de histórias em quadrinhos ou em busca de um "romance verdadeiro", havia muita música pra sacudir a areia.

Apesar da onda desses filmes — verdadeiros pipelines! —, os Beach Boys só apareceram em *The Girls on the Beach* (*Brotinhos de Biquíni*, 1965). Brian Wilson, o *beach boy*-mor, contudo, contribuiu com composições para dois





Alguns dos surfmovies mais conhecidos pelo tema de Batman, e a desbravadora Sandra Dee. Ao lado, Sally Field nas ondas da televisão, e uma cena de Ride the Wild Surf de 1964

outros filmes — *Muscle Beach Party* (1964) e a faixa-título de *Ride the Wild Surf* (*Mar Raivoso* 1964), interpretada por Jan & Dean —, além de ter figurado obscuramente nos filmes da AIP. Quem mais participou das filmagens da AIP, na verdade, foi Dick Dale, o líder dos Deltones, contratado por sua incrível popularidade na Califórnia — apesar de nunca ter se tornado um sucesso nacional. A AIP também escalou Stevie Wonder em dois veraneios (*Muscle Beach Party* e *Bikini Beach*). O maior desfile de estrelas, porém, pertence a *Beach Ball* (1965), com Supremes, Four Seasons, Righteous Brothers, Walker Brothers e Hondells. Mas os fãs de *garage bands* certamente devem preferir *Out of Sight* (1966), pela participação dos lendários Turtles, ao lado de Gary Lewis & The Playboys e Freddy & the Dreamers.

Apesar dos grupos vocais Beach Boys e Jan & Dean serem os maiores expoentes do gênero, a surf music surgiu sob forma instrumental — música dançante que tentava capturar em som o espírito ensolarado da Califórnia e a própria excitação de pegar uma onda. A inspiração vinha da *dance music* instrumental popularizada por Duane Eddy e Johnny & the Hurricanes, absolutamente em voga em 1959 e 1960 — em oposição ao domínio das baladas de ídolos adolescentes inofensivos. Os primeiros grupos eram *garage bands* compostas por colegiais californianos tocando em clubes e salões como o mitológico Rendezvous Ballroom de Balboa, onde a audiência básica era o set de jovens surfistas. Uma dessas bandas era a Deltones, liderada pelo guitarrista Dick Dale, famoso pelos acordes reverberados que tirava de sua Stratocaster subsônica, e que tiveram ressonância em virtualmente todas as bandas emergentes no sul da Califórnia.

O twist acabava de dar seus últimos passos. A indústria ansiava por uma nova dança. E lá estava ela, no Estado mais próspero da América. Entre 1961 e 1965, centenas de gravações independentes foram prensadas na região. O primeiro hit nacional considerável de um surf instrumental foi obtido pela canção "Surfer's Stomp", dos Markets (31.º no Hot 100 da *Billboard* no início de 1962). O próprio Dick Dale havia emplacado um 60.º no ano anterior com "Let's Go Trippin'".

Apenas duas outras bandas da cena instrumental conseguiram sucesso nacional — e somente com um hit cada: Chantays com "Pipeline" e Surfaris com o famoso *guitar raver* "Wipe Out" (ambos Top Five em 1963). Menos memoráveis, havia bandas com nomes suficientemente exóticos como Pyramids (sua "Penetration" pode ser considerado o primeiro clássico de surf-punk), Rumblers, Tornadoes, Astronauts (tocavam a famosa trilha do seriado *Batman*), The Honeys, Fantastic Baggys. Mas o grupo mais bem-sucedido a pegar essa onda existia antes do gênero, tocando outros estilos: The Ventures, que se projetaram através de um álbum com covers dos mais populares instrumentais do surf existentes chamado *Surfin'*.

Os Beach Boys, originalmente denominados Pendletones, foram os primeiros a cantar o estilo de vida surf, do mesmo jeito que Chuck Berry havia feito com o mundo adolescente dos anos 50. O LP de estréia, *Surfin' Safari* (1962), foi um arraso, imediatamente superado pelo seguinte, *Surfin' USA* (1963) — que continua vendendo até hoje, tendo há muito superado um milhão de cópias! A música-título, uma das inúmeras idéias brilhantes de Brian Wilson recriava "Sweet Little Sixteen" de Chuck Berry com ênfase no *surf way of life*. Sucesso instantâneo. Melhor ainda foi a faixa-título do LP seguinte, "Surfer Girl", considerada a melhor de todas as canções de surf, e absolutamente romântica!

Dropando a mesma onda dos Beach Boys vieram Jan & Dean, um duo que começou cantando doo-wop nos anos 50 e que acabou no topo da parada com "Surf City", a famosa parceria com Brian Wilson que celebrava o paraíso! Foi o primeiro 1.º da surf music e a canção que colocou Los Angeles no mapa. Também nas paradas com um som similar, seguiram-se os Hondells, Rip Chords, Ronny & the Daytonas e inúmeros outros.

Entretanto, a invasão britânica capitaneada pelos Beatles começa a soprar contra o maré do surf. A fria cidade de Liverpool passava a ser o lugar mais quente para milhares de adolescentes descabelados. A AIP bem que tentou levar a turma da praia para o inverno, em *Ski Party* (1965), com Frankie Avalon e James Brown (!!), instantes antes de desistir do gênero. Os próprios Beach Boys trocaram suas canções ensolaradas por dias mais árduos, a partir dos compactos que antecederam o psicodélico e inigualável LP *Pet Sounds* (1966), com Brian quase tendo um colapso na tentativa de superar Lennon, McCartney e George Martin. No mesmo ano, Jan Berry interrompeu sua carreira com Dean Torrence num acidente automobilístico (como no seu hit "Dead Man's Curve"). Jan, felizmente, sobreviveu — embora só superasse o trauma em 1973, quando o duo voltou a se apresentar, rebatizado de Legendary Masked Surfers. O estilo de vida do sul da Califórnia, porém, não escapou do coma profundo e quase sofreu eutanásia no fim dos anos 60, quando Dennis Wilson dos Beach Boys se envolveu com Charles Manson e seus fanáticos religiosos. Não havia mais sol, então. Em dezembro de 1981, Dennis, bêbado e drogado como nas manchetes sensacionalistas, afogou-se sob seu barco.

É certo que o surf no filme *Apocalypse Now* de Francis Coppola não é o mesmo de *Gidget* e os novos *beach movies* Z ganham nomes como *Surf Nazis Must Die*... As ondas, contudo, não param. Na teinha da Globo pinta *Armação Ilimitada*, a telessérie que reassumiu a linguagem das *beach parties*. Nem sequer a entressafra foi pobre — teve *revival* do psycho-surf de garagem dos Trashmen via Cramps, o LP *Rockway Beach* dos Ramones, a festa new wave dos B-52's etc. A própria Califórnia continua a produzir bom surf, com bandas que não dispensam covers dos Ventures, como Agent Orange. E ninguém pode dizer que os Butthole Surfers são *cê-dê-efe*!

Enquanto isso, no espaço, o Surfista Prateado (personagem dos quadrinhos Marvel) faz *cut backs* cósmicos...

M.P.

Maré alta

Arrasador

Um tubo dos infernos.

O quê? Um filme: *Surf Nazis Must Die*. Coisa da Troma, uma miniprodutora independente com escritório na Nona Avenida nova-iorquina. Um dos mais absurdos cult-movies do ciclone anos 80. *Surf Nazis Must Die* é um artefato cinematográfico *in extremis*. O roteiro — com certeza — foi escrito *depois* das filmagens. Componentes possíveis: uma novela black, um documentário sobre os esgotos de Los Angeles e um seriado mexicano onde Hell's Angels tomam porre de Tequila Sunrise. Estamos na Califórnia pós-apocalíptica. Gangs a-go-go ("The Samurai Surfers", "The Designer Wave" etc.) disputam as praias em guerras sangrentas. Uma gang dirigida por Adolf e Eva (*sic*), com a ajuda de Mengele (*sic*), decide conquistar uma das praias mais cobiçadas. Para assegurar seu poder (vide Maquiavel, Platão, Hobbes, Moshe Dayan, Khomeini), a gang mata um negro, com ritual a rigor (vide Melville, Stendhal, o Livro dos Eclesiastes, Jim Jones). O negro será vingado no final por sua mãe alucinada (vide clássicos gregos, Faulkner, Lacan) — não se assustem com o mar de referências. A trilha sonora do filme é inaudível. A interpretação é brechuana. A fotografia, pós-tudo-degringolado. O montador do filme cortou suas mãos com uma serra elétrica linha *Texas Chainsaw* para encerrar sua carreira com um ato de beleza. *Surf Nazis Must Die* viverá para sempre como a pérola conceitual do *surfing way of life*.

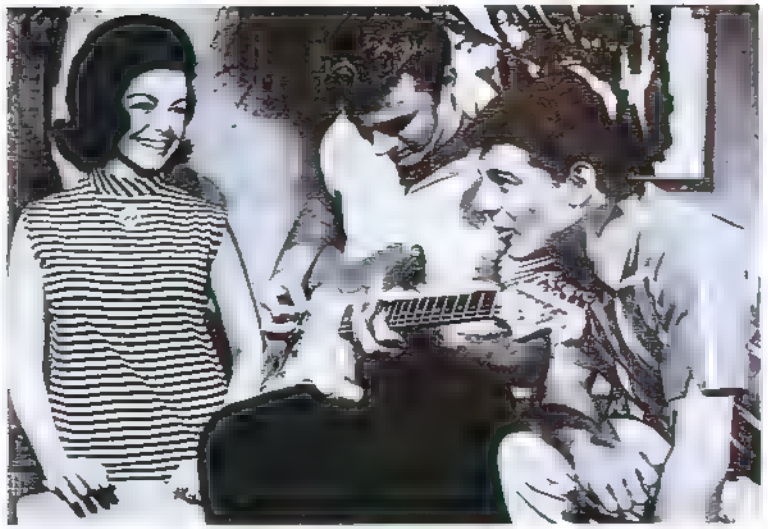
É folclore? Não. É fato. O cut up da Troma, uma marolinha cult, é o reverso de um pipeline gigante, o de *Back to the Beach*, produção hollywoodiana de 1987 para a sequência, 20 anos depois, das aventuras de Frankie Avalon e Annette Funicello, respectivamente *The Big Kahuna* e a *Rainha da Areia*.

Os nostálgicos relembram com fervor de luau havaiano os pré-históricos tempos das pranchas de madeira de dois metros e as coleções de camisetas Hang Ten originais, de listrinhas horizontais

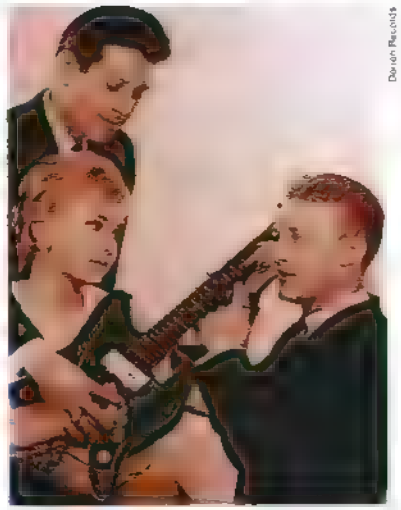
A Troma pilhou Malcolm McLaren e cometeu o surf cult movie dos anos 80

Lembram de Maui e Waimea despovoadas. Lembram do ancestral *surf movie*, *Praia dos Amores*, de 1960, com produção do gênio do filme barato, Roger Corman. Lembram da coleção de hits em celulóide de Frankie e Annette — a matéria de que são feitas as sessões da tarde, incluindo o rocambolesco *Como Rechear um Biquíni*. Lembram de Elvis proto-surfwear em *Blue Hawaii* (no Brasil, *Feitiço Havaiano*). Lembram do sucesso hippie-surfístico dos anos 60, *The Summer*. Lembram do cultuadíssimo *Corrida Contra o Destino*, roteiro da fera literária cubana Cabrera Infante, a gata do herói suicida fica em uma onda da Califórnia, e a prancha volta sozinha.

Hoje, o negócio é big biz. Antologias de surf music, em diversos volumes, vendem tanto quanto os calções de náilon da OP. O Steady Rocking de Link "Guitar Rumble" Wray é descoberto por radicais do skate punk. As pranchas diminuem de tamanho, flertando com o meio metro. As tribos se superpõem, entre os hippies velha-guarda de *Cannabis*, cabeleira, psicodelia sixties e heavy metal, e os neo-surfers de cabelinho rente e atitude hard, em coito interrupto com o rap e o speed-metal. O surfwear (roupas e acessórios do surf) é um negócio multimilionário — da Califórnia à África do Sul, do Brasil



Paramount



Dot-ish Records

Antes e depois: acima, Annette Funicello e Frankie Avalon (ao lado de Dick Dale o guitarrista dos Deltones, que moldou toda uma geração de surf guitars); abaixo, o casal de volta em Back to the Beach, *o lado mais comportado do revival do surf no cinema. Ao lado, os Ventures, que pegaram a onda andando e mapearam a surf music*

à Austrália —, na pele de praticantes, aspirantes e inconsequentes em geral. As praias estão poluídas, entupidas, não há lugar para mais ninguém, os balneares reclamam de seus visitantes brasileiros, os havaianos expandem sua fama de duros.

Malcolm McLaren — eterno sismógrafo pop — foi a Los Angeles tentar filmar um projeto para a CBS Films sobre gangs de praia no futuro pós-apocalíptico. A Troma roubou a idéia e saiu *Surf Nazis*. O imaginário surf é uma marmelada em *sensurround* e *technicolor*? É, e é sinônimo de bons negócios.

Falar a sério de *surf culture*, hoje, é bobagem, porque ela não se leva a sério. É só ouvir qualquer surf de garagem, fase meados dos 60's. Seletivos e esnobes pop em geral consideram a surf music e o *surfing way of life* como a mais trash — na acepção repulsiva — de todas as variantes trash da cultura pop. Para estes, e para o público em geral, ficam as recomendações de tratamento intensivo sob a cosmogonia vagante do surf no fim dos anos 80.

Para compreender a surf culture e os comos e porquês de seu revivalismo atual, nada como uma introdução histórica como a de *Surf City, Drag City* — o livro e a fita (com greatest hits), que podem ser encomendados a qualquer visitante das prateleiras da Virgin Megastore, em Londres. Para saber como é possível se pegar uma projeção do invendável *Surf Nazis Must Die* — ou quem sabe uma cópia em vídeo —, o caminho é falar direto com a Troma Inc. (733 Ninth Ave., New York 10019, fone 212/757-4555, telex 645615). O filme de Malcolm McLaren, como se sabe, dançou.

Já no som, os temas de meditação são quatro. O curso básico compreende as obras completas dos Beach Boys, incluindo todos os lados B de singles, além da dieta normal de "Rumble", "Pipeline", "Tequila" etc... Chegando à neo-safra 87, o ouvinte estará preparado para unir yin e yang. Começa com "Surf or Die" dos Surf MC's, rap californiano sintetizado (até o som dos tubos é sintetizado). É o casamento da natureza com uma Waimea digital. Passa para "Kill Surf City", de Jesus & Mary Chain, punhais de aço rasgando uma onda de sete metros de vidro à prova de bala. Para acabar com qualquer radicalismo dos anti-beach break. Continua com "Surfin Bird" versão Pee Wee Herman (a de "Back to the Beach", com Pee Wee no final surfando para a galáxia eterna), comparável com a versão eterna dos Trashmen e sua onomatopéia de puro gemo — *pa pa um mau mau*. Para terminar, o crossover dos crossovers, diluidor em panela de pressão de qualquer ghetto-blaster que se preze: "Wipe Out", com Os Três Patetas rapsódicos, os Fat Boys, e o que restou dos Beach Boys. O vídeo de "Wipe Out" resume tudo o que você queria saber sobre surf culture em revival high-tech e não sabia onde encontrar. Os surfaris, de sua tumba pop, aplaudem. Hollywood, de suas reuniões de marketing, rentabiliza. Os donos da surfwear, de suas máquinas registradoras com computador, adicionam. The Big Kahuna, o deus do surf, de seu repouso sob as ondas, ruge. E, no futuro pós-apocalíptico, os surf nazis com prancha de quilha de serra elétrica, saem pelos sete mares em busca de biondas libidinosas... *P E*

OS GAROTOS PERDIDOS

Os Garotos Perdidos, de Joel Schumacher *(O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas)*, é o típico filme onde uma história banal de vampiros ganha um toque inusitado, quando alguns jovens (numa caracterização bem típica dos anos 80) são apresentados como os príncipes das trevas cuja glória é viver jovens. Para sempre.

Os vampiros de Schumacher trocaram os castelos por cavernas (decoradas com o retrato de Jim Morrison, morto de overdose nos anos 70), preferindo curtir a cidade à noite bebendo e fumando um baseado à imagem do ídolo do grupo. Apesar do ar sério do início, a história derrapa para a comédia (numa mistura de *Os Caça-Fantasmas* com *Nosferatu*), com a chegada de Michael (Jason Patric) — não por acaso, muito parecido com Jim Morrison —, o irmão Sam (Corey Haim) e a mãe Lucy (Dianne Wiest, formidável) à pacata cidadezinha de Santa Carla, onde mortes misteriosas andam acontecendo.

Durante todo o filme, a câmera de Schumacher acompanha em longos *travellings* a evolução dos dois irmãos dentro da história. Enquanto Michael se encanta pela bela Star (Jami Gertz), namorada do enigmático motoqueiro David (Kiefer Sutherland, filho de Donald Sutherland), Sam conhece dois irmãos (Corey Feldman e Jamison Newlander) fanáticos por histórias de horror e ambiciosos caçadores de vampiros.

Jim vampiro "moderno" (Kiefer Sutherland) — embalado a sexo, drogas, rock'n'roll e velocidade

Contrapondo à idéia justiceira dos mini-heróis, certos personagens são apresentados como desordeiros e indiferentes às regras sociais na eterna luta entre o Bem e o Mal. E a luta tem bons momentos de ação temperados por doses generosas de humor.

Depois do ano em que o diabo reinou *(Coração Satânico)* e as bruxas mandaram ver *(As Bruxas de Eastwick)*, faltavam alguns vampiros para completar o círculo macabro. Previna-se, pois em *Os Garotos Perdidos* eles surgem na pele de quem você menos espera. O prazer da descoberta é todo seu.

Eliana Thomé de Souza

Chris (Dreyfuss) e Bill (Estevez) esperam a provocante Maria (Stowe)

TOCAIA

Um assunto que não cansa de encantar Hollywood: o voyeurismo, ou seja, paráfrase e essência do próprio cinema. Nesta comédia de ação dirigida pelo calejado John Badham *(Jogos de Guerra, Short Circuit, Os Embalos de Sábado à Noite)*, o foco se fecha sobre os dois protagonistas, um par de policiais de Seattle, na tocaia da namorada de um perigoso bandido, fugitivo da lei. Um dos policiais, vivido por Richard Dreyfuss, está em plena crise de meia-idade, desiludido da vida, recém-divorciado — para ele, a visão repetida da *salerosa* Maria McGuire (Madeleine Stowe) é mais que uma missão, é uma graça salvadora. E é claro que ele se envolve com ela, numa rede de meias verdades, ardis, fugas, desencontros e brigas que quase enlouquecem seu parceiro, o jovem, sensato, ascendente e bem-comportado detetive interpretado por Emilio Estevez. Nada de mais, nada de menos. *Tocaia* diverte sem pretensões, e dá a Dreyfuss e Estevez a oportunidade de não um nem dois mas vários shows de bola, ou melhor, de interpretação. *A.M.B.*

ESPERANÇA E GLÓRIA

Bill (Edwards), o alter ego de Boorman e sua irmãzinha Sue (Geraldine Muir): a guerra era divertida?

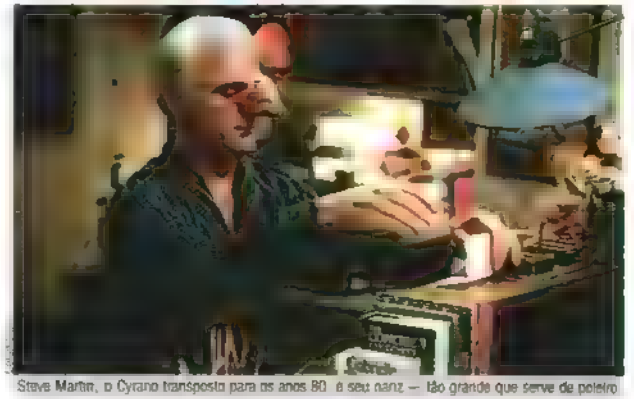
Pode a guerra ser divertida? Não para os soldados na frente de batalha ou para quem estava sob as bombas. Mas para uma criança, as alterações profundas no cotidiano que a guerra causa são uma fonte quase inesgotável de descobertas e risos. Os escombros das casas destruídas pelos bombardeios são um excelente lugar para brincar, o treinamento para caso de ataque aéreo é uma oportunidade para rir do professor mal-humorado... *Esperança e Glória* do inglês John Boorman *(Excalibur* e *A Floresta de Esmeraldas)*, mostra o lado *light* da Segunda Guerra.

Como Bill (Sebastian Rice Edwards), Boorman passou a infância em Londres durante a guerra. O tom autobiográfico não resvala para o sentimental e remete mais ao humor levemente nostálgico de *Amarcord*. A vida da família de Bill, vira de pernas para o ar. O pai serve no Exército, enquanto a mãe se desdobra para cuidar da família em pleno racionamento. Não é só Bill que tem sua parte de diversão na guerra — a irmã Dawn (Sammi Davis) namora soldados e descobre o sexo. Nem tudo é diversão — as bombas explodem por perto. Um incêndio acidental, ironicamente não relacionado com os bombardeios devasta sua casa e eles mudam para o campo, na casa dos avós. Ponto baixo do filme: nesta segunda parte, ele perde um pouco o ritmo, apesar do avô, um personagem bastante engraçado. Ponto alto: o raro talento de Boorman para dirigir crianças e adolescentes. Sebastian Rice Edwars e Sammi Davis comparecem com ótimas interpretações. *B.A.*

ROXANNE

Esta é uma das muitas máximas de Hollywood: se você está em dúvida, parta para uma história que todo o mundo já conhece. (E, pensando bem, não apenas Hollywood, certo? Tem ligado sua televisão ultimamente? Parece que a tal de tragédia grega anda dando o maior ibope...) Alguns dos filmes de maior sucesso nos Estados Unidos em 87/88, foram, simplesmente, refilmagens de histórias já tentadas antes — *Throw Momma from the Train* era, de novo, o *Pacto Sinistro*, de Hitchcock, *Theree Men and a Baby* era o mesmo francês de idêntico nome *(Três Homens e um Bebê)* e até mesmo *Atração Fatal* é a refilmagem de um filme de 45 minutos da TV britânica, *Diversion*. E *Roxanne*... Bem, *Roxanne*. Qualquer aluno da boa e velha Aliança Francesa reconhecera em seu roteiro a história do narigudo conquistador *Cyrano de Bergerac*, como contada por Edmond de Rostand. Se funciona? Uma boa história funciona sempre, e *Cyrano* é uma excelente história, um sujeito feio mas brilhante, apaixonado por uma bela e inteligente mulher, e tendo que ajudar seu rival, um cara boa-pinta mas burro como uma porta, a conquistar sua amada. Não tem como dar errado, certo? *Roxanne*, o filme, explora passo a passo as delicadezas da história original, com o comediante Steve Martin fazendo o narigudo Cyrano, Daryl Hannah, linda, como a recusa astrônoma Roxanne e uma idílica cidadezinha do norte da Califórnia como o cenário de seus tragicômicos encontros e desencontros. A fotografia é uma delicadeza só, e o roteiro teve o bom senso de conservar, intacta, a longa fala de Cyrano, oculto pelas sombras da noite, fazendo-se passar por seu rival: "O nome de portentos e maravilhas..." (Vai procurar no seu *Caiuer du Litteraire I*, vai.)

Ana Maria Bahiana



Steve Martin, o Cyrano transposto para os anos 80: o seu nariz — tão grande que serve de poleiro

LANÇAMENTOS

Elvis '56 — 61 / Media Home Entertainment — Tudo bem [illegible] deve estar careca de saber quem é o Rei (repito: não é o latista fanho da Urca) e provavelmente a figura mais influente e marcante de todos os mais de 30 anos de história do rock. Mas se você pensa que sabe como e por que Presley se transformou *na [illegible]* Elvis que sacudia o planeta inteiro com "Hound Dog", "Shake, Rattle and Roll" e "Love Me Tender", trate de rever suas posições e procure este vídeo. Se transporte aqui, para os *late fifties*, justamente a época áurea de Elvis e o momento mais fungente do artista. Tem de tudo neste documentário: Elvis no estúdio (gravando "Hound Dog" 30 vezes até se dar por satisfeito), Elvis na estrada, Elvis em casa. As cenas são costuradas pela narrativa de Levon Helm, ex-baterista e vocalista do The Band.

Cliff'em All — Metallica — Elektra Entertainment — O quarteto norte-americano Metallica resolveu subverter as regras da indústria com um vídeo compilado de material rigorosamente pirata! Não espere qualidade técnica, pois os câmeras aqui são amadores, para dizer o mínimo. Há também uma série rara de fotos pessoais do grupo, mais cenas do começo da carreira do Metallica, com as devidas intervenções do finado Cliff Burton.

The Buddy Story La Bamba — RCA/Columbia Pictures Home Video — Taí uma coincidência bastante [illegible]: dois filmes biográficos falando de artistas que fizeram sucesso na mesma época e morreram no mesmo acidente de avião. E verdade, há um oceano separando Buddy Holly de Ritchie Valens. Buddy influenciou — e ainda influencia — sucessivas gerações de artistas e tem uma importância histórica imensamente superior à de Valens. Ritchie, por sua vez, rompeu amarras culturais que hoje beneficiam, por exemplo, músicos de rock como o Los Lobos. Ambos os longas, emprestam um bocado da linguagem dos clips. E por mais que pareçam flertar com o pieguismo raso, divertem e instruem.

PARADA

1 SO FAR — Grateful Dead
2 THE MAKING OF "TOUCH OF GREY" — Grateful Dead
3 SLIPPERY WHEN WET — Bon Jovi
4 STING - THE VIDEOS PART I — Sting
5 AEROSMITH'S VIDEO SCRAPBOOK — Aerosmith
6 BON JOVI - BREAKOUT — Bon Jovi
7 R.E.M. "SUCCUMBS" — R.E.M.
8 WHITESNAKE - THE TRILOGY — Whitesnake
9 LIVE AT THE HOLLYWOOD BOWL — The Doors
10 CONTROL - THE VIDEOS PART II — Janet Jackson

R.E.M.

"IT'S THE END OF [illegible] WE KNOW [illegible]"

[illegible] Stipe

Caos é o [illegible] ção e a mota[illegible] saboroso clip: um garoto [illegible] do com a lixarada acum[illegible] casa abandonada, enquan[illegible] zinho, tudo observa com [illegible] obstinação e fairplay. Incom[illegible] vel a princípio, o clip vai [illegible] do mais desconcertante e at[illegible] cada nova repassada — o R[illegible] celebrando as delícias do fi[illegible] mundo [illegible] garoto lá, chafurd[illegible] embevecido, indiferente a tudo [illegible] não esteja contido naquelas [illegible] empoeiradas. O diretor (e vocalista/letrista do R.E.M.) Michael Stipe oferece uma iluminadora explicação metafísica para este clip através dos movimentos de câmera. Na primeira parte a câmera persegue o garoto. Na segunda, o garoto confronta a câmera e finalmente na terceira, o garoto é ignora. Ah, bom, agora eu entendi.

NOTAS

■ Clips em capítulos? Pode parecer estranho, mas é justamente a novíssima tendência a passear pela telinha da MTV. Os mais recentes são os de Robbie Robertson, Eurythmics e Loverboy. ⊗ Apenas **Annie Lennox** aparece em "Beethoven" e "I Need a Man". No primeiro, ela é uma dona de casa esquizofrênica cujo fusível pifa diante de sua excruciante clausura doméstica. No fim do clip, ela se transfigura: de pacata (ou será domada?) cidadã ela se torna uma pseudovedete vamp *platinum blonde* que passa a destruir a casa onde mora, as gargalhadas. A seguir, em "I Need a Man", a vamp mergulha num mundo próprio de sonho (ou pesadelo?), acompanhando uma canção crazy que só ela parece ouvir, berrando "eu preciso de um homem!" para uma plateia adoradora que só ela parece ver. Juntos ou separados, os dois clips são desconcertantes. ⊗ **Robbie Robertson** é mero espectador da ação que costura os clips interligados de "Fallen Angel" e "Showdown at Big Sky", no primeiro, um menino índio nasce e conhece o pai, guerreiro recém-retornado de alguma batalha. No segundo, a tribo já bastante "civilizada" parece se preparar para novo embate. Enquanto Robbie canta numa gruta acompanhado dos BoDeans, os índios vão ficando cada vez mais índios, cada vez mais guerreiros, até que partem para alguma nova luta. Por bonitos que sejam, os dois clips quase incomodam por serem tão parecidos em tema e visual com "Cherokee", do metálico/ame Europe. ⊗ *Last, but not least*: o canadense ex-brega-agora-pop-metal **Loverboy** deu sequência à história de "Notorious" — a noite cálida, sensual, incentivando a carne humana a mergulhar na tentação que ronda a rua — no clip de "Love Will Rise Again": a perua motoqueira que surge sem que nem por que em "Notorious" revela sua desejável anatomia, com direito a uma misteriosa chuva (em ambiente fechado?!?!) que cola camisetas e saias a seios e traseiros. ⊗ Esta interligação de temas iguais em clips diferentes não chega a ser novidade, que o diga o **ZZ Top**. Nova é a abundância com que estes clips estão proliferando. Algum artista brasileiro se habilitará a embarcar nesta canoa?

PEPEU GOMES

DE MÚSICO DE OUVIDO A ALQUIMISTA DE RITMOS

Pepeu Gomes: influências de Hendrix e Waldir Azevedo

Ele, que é sinonimo de "guitarrista brasileiro" nos EUA e Europa, começou em Salvador aos nove anos montando seu proprio instrumento: um cabo de aço preso num pedaço de pau, acoplado numa lata de goiabada. Mesmo pertencendo a uma familia de musicos (a mãe era pianista, o pai cantava e os dez irmãos são instrumentistas), Pepeu diz: "Não sei ler e escrever musica não sei cifras, nada. Sou musico de ouvido." Era assim que ele tirava no violão os sucessos que ouvia no radinho de pilha, e que viriam a ser suas grandes influencias: Waldir Azevedo, Jacob do Bandolim, Pixinguinha, Canhoto e João Gilberto.

Aos 14 anos já tocava baixo elétrico e formou sua primeira banda, os Minos, que gravou dois compactos. Aos 17, mudou para a guitarra. Num belo dia apareceu na TV e foi visto por Gilberto Gil. Recebeu então um convite para tocar no antológico Barra 69, show de despedida de Gil e Caetano — que estavam indo para o exilio — e que virou o primeiro registro em disco da guitarra de Pepeu.

Foi Gil quem apresentou Hendrix ao guitarrista. "Foi uma porrada", ele lembra. "Comecei a tirar seus solos, mas depois descobri que queria personalizar *meu* som. Misturei tudo isso, fiz uma fusão." A época dos Novos Baianos serviu para que Pepeu pudesse aprofundar mais e mais suas misturas de rock com forró, samba, chorinho, maxixe etc. etc. Ouvia Clapton, B.B. King, Jeff Beck ao mesmo tempo que se ligava em gente como Waldir Azevedo e Mão de Vaca, "guitarrista fantastico que tinha uma mão enorme", e — principalmente — no trio elétrico. "Quando via Armandinho passando, sonhava em estar lá em cima com ele. Um dia eles me chamaram. Foi um barato."

Pepeu também pesquisa timbres, e há quinze anos vem fazendo experiências com seu parceiro Paulo Cesar Salomão, que chama de "o professor Pardal do Brasil". Fruto dessas pesquisas é a guitarra PG, que eles criaram e Pepeu usa atualmente (pintaram convites da Fender para a comercialização do modelo), e instrumentos como o "guibando", que reune braços de guitarra e bandolim num mesmo corpo.

Pepeu, que se considera um "alquimista de sons", hoje se liga em Steve Morse, Mike Stern e no "fantastico guitarrista do Europe". Mas ele sabe: "o próprio Quincy Jones afirmou que daqui a uns dois anos só vai dar Brasil na musica popular universal. Temos muita coisa pra mostrar". Não é à toa que ele foi quatro vezes ao Festival de Montreaux. Já tocou com Santana, John McLaughlin e Paco de Lucia, e recebeu convites para morar nos EUA — o que pretende fazer ainda neste ano. "Quero morar em Nova York, gosto daquela loucura."

Antes disso, ainda pretende fazer um concerto para guitarra e orquestra, sob regencia de Isaac Karabtchewsky. Tambem está preparando mais um LP solo que deverá ser lançado nos EUA, com letras em inglês feitas pelo seu atual baterista, o americano Orrin Scooter Warner — que tocava break em Nova York e foi trazido ao Brasil por Baby e Pepeu —, e no Brasil com letras de Gil, Fausto Nilo, Baby, etc. Mais um disco comercial. "Não ligo", diz. "De que adianta entrar num estudio, gastar milhões e não conseguir recuperar nas vendagens. Tinha quatro filhos quando lancei o *Geração do Som*, que fez a cabeça do país inteiro mas só vendeu 12 mil cópias. Queria meu lugar primeiro, para depois poder ter liberdade de fazer o que quero."

E parece que a hora está chegando. Ainda neste ano, ele pretende lançar um novo LP inteiramente instrumental, como *Geração*.

Thomas Pappon

EQÜIPAMENTO

INSTRUMENTOS: [illegible]

EFEITOS: [illegible]

ENCORDOAMENTO: [illegible], de 009 a 044.

AMPLIFICADORES: [illegible]

LIMBO

A PAIXÃO U2

The Unforgettable Fire — The Story of U2 (Viking, Londres, 320 páginas, 11 libras e 95) é o principal lançamento em termos de biografia musical na estação 87/88. Não só por tratar-se do U2, a "banda dos anos 80", segundo a *Rolling Stone*. Mas, principalmente, pelo desgarramento e paixão inerente à história de Bono, Edge, Larry e Adam. O texto passa à perfeição o *feeling* de entusiasmo, honestidade e *humanidade*, profunda *humanidade* desses garotos irlandeses. O autor Eamon Dunphy é um dublinense, ex-jogador de futebol e cronista esportivo, hoje repórter de jornais da Inglaterra e Irlanda. Seu texto é de um *torcedor*: Dunphy está com os garotos para o que der e vier.

O prólogo — como seria previsível — é o Live Aid, quando os irlandeses jogaram seu futuro em quinze minutos e três canções à frente da platéia planetária. Em "Bad", no Live Aid, o U2 beijou o céu e começou, definitivamente, a fazer história.

Dunphy conta a história, e as histórias pessoais, com um entusiasmo cativante. Não falta nada para freaks detalhistas. O "incidente U2" em 1960, quando um avião-espião americano foi capturado pelos caças de Moscou (daí saiu o nome da banda). A turbulenta situação interna da Irlanda enquanto os garotos cresciam. A influência do molotov punk no dublinense Paul Hewson, aos 17 anos (o primeiro punk nos shopping-centers da cidade). A transformação de Paul Hewson em Bono Vox (o nome saiu de um anúncio de loja de aparelhos de surdez na rua principal de Dublin: "Bonovox"). Os conflitos internos do garoto Vox, perdido entre o catolicismo e o protestantismo e milhas além do dublinense-modelo. O sucesso do imaginativo arruaceiro Bob Geldof (Bono: "Se ele dá certo sem entender nada de música, nós também podemos"). A absoluta alienação da população irlandesa ao fenômeno rock'n'roll e derivados, até o início dos anos 80.

É a história da luta de quatro garotos da província para "dar certo". A luta do U2 para "quebrar" na indústria da música inglesa — depois de solidificar uma posição no circuito irlandês ao vivo — é o trecho central do livro. Edge tentando os sons certos — em suas *music boxes* — para expressar o medo, a morte, a inocência, o mistério da adolescência. Bono e sua namorada Ali tomando um barco e um ônibus, duros, para visitar todos os jornalistas musicais de Londres com a primeira demo de U2. Os dois "executivos" da EMI que — convidados para observar a banda ao vivo em Dublin — largaram o show no meio para ver TV (esses caras não foram despedidos depois?). Até que um dia eles encontraram um sofisticado com diploma do Trinity College: Paul McGuinness vira manager do U2 e as coisas começam a mudar.

A narrativa é fundamental para se ter a idéia exata de todas as estratégias necessárias para expor ao mundo uma banda fundamentalmente honesta, antiflash, de enorme capacidade, mas "anticomercial", de acordo com os padrões (?) vigentes na indústria. Acompanhamos o trabalho de Steve Lillywhite na produção (como ele progressivamente captou o "som U2"). A conquista da América — via rádio e um interminável circuito ao vivo de segunda divisão. As regras internas: nada de sexo, drogas, groupies, orgias, excesso, decadência. O respeito ao público — nos mínimos detalhes. E, principalmente, como conciliar Deus e rock'n'roll (Bono, em "Rejoice": "Não posso mudar o mundo/ Mas posso mudar o mundo dentro de mim").

Dunphy dá o merecido crédito a todo mundo que passou a trabalhar por trás do U2, dos roadies ao tour manager, passando por empresários e secretárias. Conta em minúcias a gravação de cada disco, explica o conceito central ("Guerra", "Fogo Inesquecível"), comenta a aventura no Colorado para o vídeo e o disco *Under a Blood Red Sky* (considerado por muitos cínicos da indústria americana como o show mais mágico da história da música pop), e acompanha a Conspiração da Esperança, que atravessou a América em 86 colhendo fundos para a Anistia Internacional.

Depois de *Joshua Tree* e a capa de *Time* em 87, o U2, sem dúvida, é a banda dos 80 — especialmente na América, que os fascina em absoluto. Quando Bono canta "Eu ainda não encontrei o que estou procurando", é honesto, é autêntico, e não deixa de ser emocionante. A tese de Dunphy — e de todo mundo que se preocupa um mínimo com o megaesquizo universo pop — é fundamentalmente correta. O rock'n'roll — esse bebê mimado da decadência — sobreviveu e amadureceu para, no final dos anos 80, ser capaz de defender a verdade, a honestidade e, acima de tudo, a espiritualidade em meio à terra desolada do niilismo terminal. Esses inocentes apaixonados nos incitam a persistir lutando contra a miséria espiritual — e essa grandeza, na música pop, é seu privilégio. Esse livro — para o U2 — é uma honesta e sincera homenagem. Que algum editor, com urgência absoluta, estenda esse presente à garotada brasileira.

Live Aid: o primeiro degrau da escadaria da fama

ESTE LANÇAMENTO VAI MUDAR A HISTÓRIA DOS QUADRINHOS NO BRASIL.

SÉRIE GRAPHIC NOVEL

Uma nova coleção com o melhor das HQ do mundo inteiro. Verdadeiras obras de arte em edições luxuosas. Histórias incríveis, visuais alucinantes. Obras-primas dos maiores autores de quadrinhos de todos os tempos!

PELA PRIMEIRA VEZ EM BANCAS.

Para abrir sua coleção, X-MEN! O mais extraordinário grupo de super-heróis numa aventura que vai levar você ao delírio! Não perca!

QUADRINHOS SUPER-HERÓIS, SEMPRE NA VANGUARDA.

JEFF BECK GROUP
TRUTH (1968)

[redacted] *Swinging London*, 1968. Em um cenário musical efervescente, dominado pelas cores psicodélicas dos Beatles em *Sgt. Pepper's* — lançado no ano anterior — e das guitarras delirantes de Hendrix e Syd Barrett, surge outra referência capital para os futuros rumos do rock: *Truth*, um disco com profundas raízes no blues e no soul, mas ao mesmo tempo embebido do espírito alucinado da época. A principal ferramenta utilizada para forjar o tesouro foi a guitarra paranóica de Jeff Beck.

Autoditada, egocêntrico, pioneiro, temperamental, maníaco — muitos foram os adjetivos usados para tentar qualificar esse autêntico anti-herói da guitarra. Porém, todos eles acompanhavam um único substantivo: gênio. Tudo começou quando Beck — por recomendação de Jimmy Page — foi chamado para substituir *Deus* — ou seja, Eric Clapton, um dos mais conceituados guitarristas da época — nos célebres Yardbirds.

Beck esteve no grupo por pouco tempo e, ao deixá-lo, conheceu o produtor Mickie Most, que o convenceu a formar uma banda e a gravar três compactos. Beck então convocou Rod Stewart e Ron Wood, ambos figuras emergentes no panorama musical. O primeiro — ex-futebolista —, um cantor que nutria uma infinita admiração por Sam Cooke e possuía um timbre vocal personalíssimo; o outro, um inquieto baixista que posteriormente se tornaria guitarrista dos Faces e dos Stones. Para completar o time, o baterista Aynsley Dunbar, logo substituído por Mick Waller. A banda empreendeu uma turnê americana, como suporte do Cream. Sucesso total, para ambos os grupos. Beck e Clapton foram aclamados incondicionalmente.

De volta a Londres, Beck e sua banda gravaram o primeiro LP. A guitarra de Jeff tinha conseguido encontrar um perfeito complemento na carismática rouquidão da voz de Rod. Além disso, a banda havia incorporado a virtuosa *bluesy* do piano de Nick Hopkins, o "sexto" Stone.

Resultado: um repertório impecável, executado magistralmente. Na contracapa, as faixas imodestamente comentadas, uma a uma, pelo próprio Beck. O disco começa com a paulada de "Shapes of Things", um hit dos Yardbirds rearranjado por Jeff. Continua com "Let Me Love You", um blues de Rod, no qual voz e guitarra travam um inesquecível diálogo que parece se estender na balada "Morning Dew". Seguem-se o blues "You Shook Me", de Willie Dixon, recomendado por Beck para se ouvir "furioso ou chapado", e a pungente interpretação de "Ol' Man River", com Jeff no baixo e John Paul Jones, futuro baixista do Zeppelin, no órgão.

"Greensleeves", uma famosa canção tradicional, serve de prelúdio ao outro lado do LP, numa sutil intervenção acústica. Na sequência, "Rock My Plimsoul" — uma música de Rod que já havia sido lançada anteriormente, aqui numa regravação aprimorada — e "Beck's Bolero", um memorável número instrumental de autoria de Jimmy Page, envolto numa sinfonia de guitarras e violão. Depois, "Blues de Luxe", uma preciosa gravação ao vivo pontuada pela técnica e o feeling dos solos de Jeff e Nicky. Para encerrar, "I Ain't Superstitious", outro do bluesman Dixon, na qual Beck confessa em suas próprias palavras (e notas musicais) ter se apropriado dos riffs de outra fera do blues, Howlin' Wolf.

Mestre incontestável na ampliação dos recursos da guitarra elétrica e na utilização de efeitos e pedais, Jeff Beck em *Truth* encontra-se no auge de sua criatividade. Talvez alguém afirme que prefira as fases posteriores do *guitarrista dos guitarristas*. Quanto a mim, fico com a época em que Beck ainda não tinha se alojado sob a sombra de John McLaughin e nem se contentava em se autoparodiar. Verdade. *Celso Pucci*

PS: O álbum Truth *foi relançado no Brasil em novembro do ano passado pela EMI-Odeon.*

EDITORA AZUL

Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editor Chefe: Alex Antunes
Editor Executivo: Roberto Wagner Pereira Pitrucci
Editora Assistente: Bia Abramo
Redação: Celso Sallés Pucci, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Cirse Bitmes
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zahorcsak
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adan Gil
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Cesar G. Lima e Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: José Augusto Lemos (consultor), Alexandre Dines, Ana Carmen Foschini, Antonio Carlos Miguel, Arthur G. Coulo Duarte, Carlos Albuquerque, Eliana Thomé de Souza, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Hermano Vianna, Jean-Yves Newville, Jimi Joe, José Eduardo Mendonça, José Geraldo Couto, José Roberto Mar, Leopoldo Rey, Livio Tragtenberg, Lou Ramos, Luis Antonio Giron, Luiz Carlos Mansur, Marcel Plasse, Marcos Smanioff, Marisa Adan Gil, Nico Pereira Queiroz, Otávio Rodrigues, Tom Leão e Walter Silva
Arte: Angelo Asson, Renato Yada (diagramação)
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Fabiana Figueiredo, Geraldo Luis Gomes, Mauricio Valladares, Mila Maluhy, Rui Mendes, R. Turci, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Liege de Lima Dona Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
Gerente: Julio Cesar Ferreira
Contatos: Arthur de Oliveira Neto, Marcia Andrade e Regina Poleto (SP); Licia Camarotte (Rio)
Produção Gráfica-Publicidade-Gerente: Edna K. Burigo

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente). Escritórios - Milão: Rita de Lucia, International Business Centre, Corso Europa, 13. Phone: 02-54-56331 e 54-56212-29122. Milano. Telex: 313585 e 332809. Nova York: Otillo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Telex: 237670. Phone: (212) 557-5990/5993. Paris: Pedro de Souza, 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Facsimile: 42 66 13 99. Phone: 43 66 31 18. Telex ABRILPA 660731
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Aula Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP. Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Beldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Fineto Gil
Promoção: Vani de Paer (SP), Fernando Mendonça (RJ)
Assistente de Circulação: Maria Luzia Alves

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli,
Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Abril S.A. São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: [illegible]. Telegramas: [illegible]. Rio de Janeiro: [illegible]. Distribuidor em Portugal: [illegible]. Assinatura anual: Cr$ [illegible]. Números atrasados: [illegible]

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

1º Encontro Brasileiro de Bateristas

Relação dos 20 Finalistas

1 - Angelo José Lopes — Ipatinga - MG
2 - Willian Junior — Paranaguá - PR
3 - Marcio José Moura — Cruzeiro - SP
4 - Edvaldo de Carvalho — Taguatinga - DF
5 - Waldemar Rasmussem — Americana - SP
6 - Lenilson José da Silva — Santo André - SP
7 - Antonio Sergio Franco — Americana - SP
8 - Marcos Britto — Brasília - DF
9 - Roberto Gonçalves da Silva — Caldas - MG
10 - Alves Boka — Gama - DF
11 - Marcos Tessari — São Paulo - SP
12 - Caio Mamberti — São Paulo - SP
13 - Alexandre Figueiredo — Rio de Janeiro - RJ
14 - Henrique Iafelice — São Paulo - SP
15 - Dámaso Cerruti — Rio de Janeiro - RJ
16 - Alexandre Coutinho — Belo Horizonte - MG
17 - Luis Francisco R. Ávila — São Paulo - SP
18 - Marcelo Liscia T. Lopes — São Paulo - SP
19 - Alceir Franco — Juventus - SP
20 - James Muller — São Paulo - SP

Realização:

DRUM
Rua Eason, 99 - Brooklin - CEP 04618
Fone: 533-7721 - São Paulo - SP

No dia 16/03/88, será realizada a apresentação dos 20 finalistas do concurso no SESC - Fábrica da Pompéia - Rua Clélia, 93 - as 20:30 hs.
Um juri formado pelos melhores bateristas profissionais selecionará os vencedores.
O evento contará com a apresentação das bandas DUDA NEVES e DRUM & CIA.

Logalipo

Para esta realização, contamos com as seguintes empresas:
OCTAGON, REMO, TURTLE CASES, C. IBAÑEZ, LUPRÊT MÚSICOS, TRANSASOM, ZILDJIAN T-SHIRTS, RAUL-BRIMPLAS, LUTHIER SÓ PALCO

produção:
GLAUCO GUERIN

NAMORO PRA VALER

Quem é que não quer descobrir os segredos para namorar firme? *Carícia* entrevistou três garotas que conseguiram isso. Confira!

E MUITO MAIS EM CARÍCIA DE FEVEREIRO

Revelação: o que os rapazes pensam e fazem depois de transar
Atração física: como a cabeça e o corpo funcionam na hora do desejo
Atualidade: a juventude está ficando careta?
Gente: César Filho e Paralamas de A a Z
Teste: no amor você é emotiva ou racional?

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

QUE FRAGILIDADE...

Na BIZZ 29, seção Lançamentos, o sr. Arthur G.C. Duarte menciona um "envolvimento de Sting com um traficante de armas saudita em 82". Gostaria de esclarecimentos sobre esse assunto. **Fabiane Prado, São Francisco do Sul — SC**

Arthur G. Couto Duarte esclarece: "Em agosto de 1982, Sting e sua então namorada Trudy Styler voaram para o sul da França a fim de participar de uma festa dada pelo traficante de armas saudita Adnan Khashoggi. Na época, Sting já era membro da Anistia Internacional, o que levou o fato a ser amplamente noticiado pela imprensa. No retorno de Sting a Londres — num jato especialmente fretado por Khashoggi — houve uma confusão no aeroporto, no momento em que os fotógrafos correram para tirar fotos do casal e obter declarações a respeito do fato. Um dos fotógrafos acabou sendo agredido por um membro da segurança".

QUEM É CONTRA O CAMISINHA

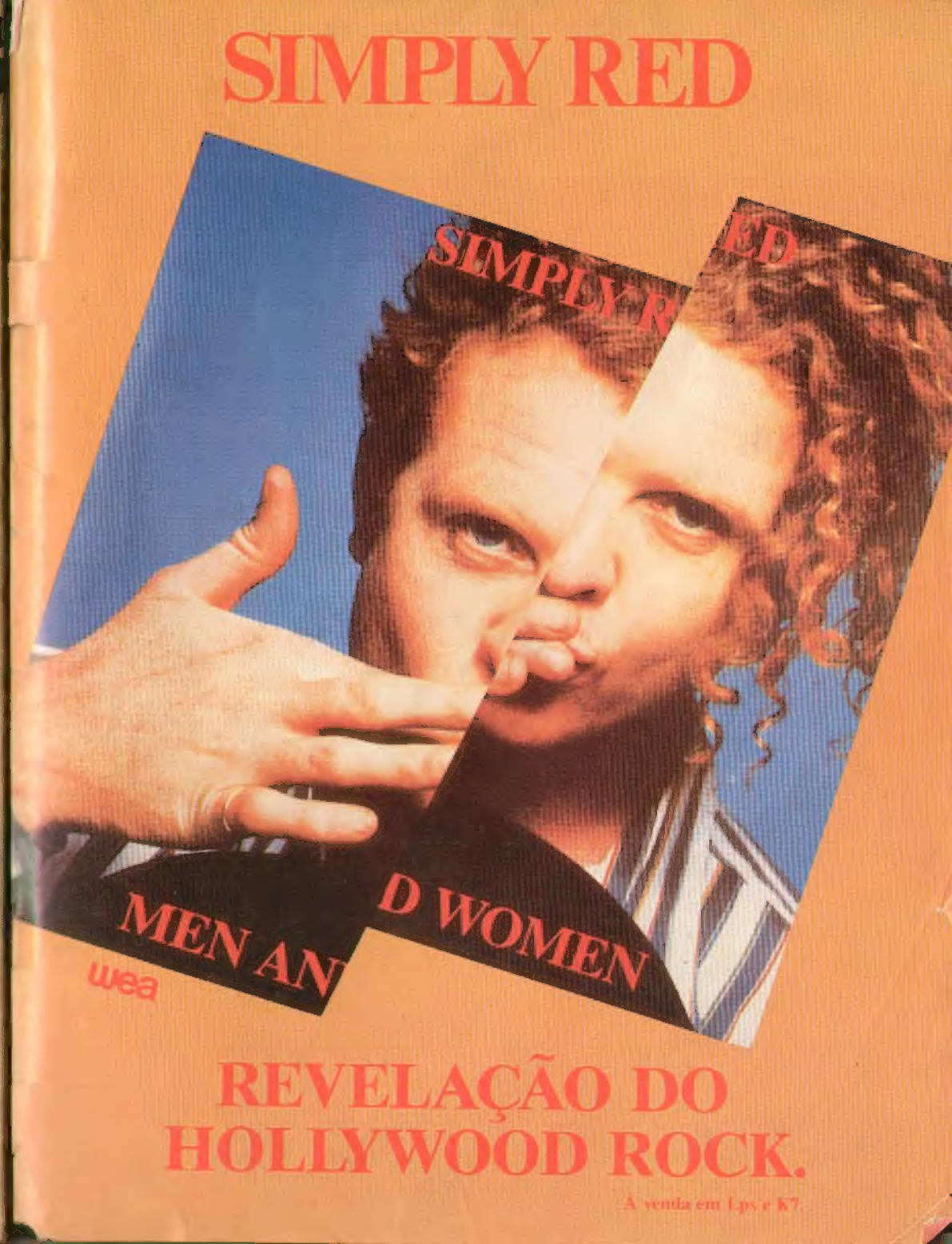
Fiquei chocado e estarrecido com a matéria a respeito do grupo Camisa de Vênus publicada na BIZZ 28. Confesso que comprei o exemplar motivado mais pela presença do grupo e, ao final, fiquei com a impressão de ter sido ludibriado. Para começar, não entendi qual o propósito da entrevista, já que, nós, leitores, ficamos sem saber nada a respeito do novo álbum duplo gravado pelo grupo. Não se esclareceram notícias quanto ao fim do grupo e, acima de tudo, ficamos privados de conhecer de forma mais objetiva o pensamento do líder daquele que pode ser considerado um dos melhores e mais representativos grupos do rock nacional. Não entendi por que a entrevistadora se prendeu tanto a questões menores. A pobreza das perguntas fica patente quando é questionado o motivo da preocupação da banda com a crítica, como se algum grupo pudesse prescindir da mesma. Havia, penso eu, um clima já contrário ao grupo desde o início, o que só me causou estranheza, pois, da parte do entrevistado, não houve quaisquer subterfúgios nem vacilações, mas um discurso claro, coerente e, acima de tudo, brilhante. Aos leitores de BIZZ admiradores do grupo, a revista ainda fica devendo uma matéria sobre o Camisa à altura da sua proposta editorial. **Daniel F. Eiras, Salvador — BA**

Não havia um "clima contrário ao grupo", Daniel. O que aconteceu é que o Camisa se recusava a falar para a BIZZ, que, segundo Marcelo Nova, "atacava o trabalho da banda", denúncia que ele repetiu em shows e programas de rádio. Quando o grupo aceitou colocar a coisa em pratos limpos, esses mal-entendidos (é como os chamamos, já que a BIZZ não é "contra" ou "a favor de" ninguém!) acabaram sendo um dos principais assuntos da entrevista. Nela não se fala da separação do Camisa só porque a banda ainda não a tinha anunciado, e a revista já estava sendo impressa quando isso aconteceu. Quanto ao álbum novo, você tem toda a razão: faltou mesmo explorar esse tema.

NOVA GERAÇÃO CRÍTICA

Uma das manhas da "nova geração crítica" é distorcer os fatos para defender o que ela julga ser mais importante. Como se explica o Fernando Naporano, no suplemento New Wave, rebaixando o Police a mero coadjuvante da tal *geração two tone*? O grupo já vinha tingindo de reggae o seu estilo original desde 77/78, não devendo nada ao Specials e ao insípido Madness. Freud explica: como ele não gosta do Police (por ser "popular") e não havia argumentos racionais, apelou. O mesmo crítico escreveu sobre os Beach Boys e sua "superioridade" diante dos Beatles (BIZZ 23). Quem disse que os "besouros" começaram com *Sgt. Peppers*? Desde *Yesterday* eles já vinham dando a largada na sua monumental influência sobre a música pop. *Revolver*, do mesmo ano, está acima de *Pet Sounds*. Mas é essa mesma a jogada da "nova geração crítica": fazer vista grossa, usar da retórica. Doa a quem doer, no disco citado acima havia a influente faixa "Tomorrow Never Knows", cujos ecos podem ser ouvidos até no disco do Joy Division. As tão aclamadas estridências do Velvet Underground já estavam sugeridas (com outra técnica, é verdade) naquela faixa. O Velvet é um dos conjuntos que eu mais gosto atualmente. Ele também é o preferido da "nova geração crítica". Vivem inventando histórias fantásticas sobre Lou Reed e sua legendária banda. Eu acho o Velvet um conjunto típico dos anos 60. Embora com letras fantásticas, não o acho muito melhor que um Mutantes, por exemplo. Essa "enorme importância" só existe na cabeça de quem acha o rock anglo-americano pós-70 a coisa mais importante do mundo. A "linhagem" Velvet (Bowie, Stooges, MC5, punk, new wave) nunca representou nada de importante para o mundo. O rock dos anos 50 foi muito mais marcante. Nos 60, o Velvet não vendeu por culpa da mídia, que era incipiente. Hoje qualquer droga vende bem, de Sigue Sigue Sputnik a Jesus & the Mary Chain. Com uma *little help* da BIZZ, é claro... **Sérgio Domingos, Londrina — PR**

Fernando Naporano responde: "Não quis, de maneira alguma, rebaixar o Police. Apenas explicitei que tal trio, na época, inseriu em sua musicalidade elementos de ska, sem vestir a camisa do movimento two tone. Quanto à superioridade dos Beach Boys em relação aos Beatles, é um problema peculiar de sua interpretação. O que eu disse é que no LP Pet Sounds *já havia texturas que mais tarde seriam adotadas pelos Beatles — o que jamais desmereceu os gênios de Liverpool. Quanto ao Velvet, não tenho nada a ver com isso". E BIZZ completa: Se a linhagem Velvet não representa nada de importante para o mundo, é porque o rock, na verdade, não representa nada de importante para o mundo — o que é verdade, segundo alguns pontos de vista. É claro que muita droga vende bem, e grandes fortunas são feitas com tal comércio. Mas BIZZ não tem nada a ver com isso.*



Super-grupo + Super-disco = Supertramp

Quando os integrantes do ***Supertramp*** *começaram a gravar o novo LP* ***Free As A Bird****, decidiram desafiar a lógica. Deu certo.* ***Free As A Bird*** *explodiu na América, Japão e, é lógico, no Brasil também. É a tal história: quem é rei não perde a majestade. Por isso, o* ***Supertramp*** *pôde se dar ao luxo de ficar 18 meses trancado nos mais sofisticados estúdios da Califórnia preparando* ***Free As A Bird.*** *Um disco vacinado contra rótulos, modismos, modernoses. Assim, como 2 + 2 = 4, um Super-grupo + um Super-disco é igual a* ***Supertramp.***

A&M RECORDS

Em discos e fitas de cromo.

PolyGram